



**NADEZHDA KRUPSKAIA:
UMA ESTRELA VERMELHA**

Samantha Lodi

Samantha Lodi

NADEZHDA KRUPSKAIA: UMA ESTRELA
VERMELHA

1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais
Navegando Publicações
2018



Navegando Publicações
CNPJ – 18274393000197



NAVEGANDO
www.editoranavegando.com
editoranavegando@gmail.com
Uberlândia – MG
Brasil

Conselho Editorial

Afrânio Mendes Catani – USP
Alberto L. Bialakowsky – Universidad de Buenos Aires, Argentina.
Anselmo Alencar Colares – UFOPA
Carlos Lucena – UFU
Carlos Henrique de Carvalho – UFU
Dermeval Saviani – Unicamp
Fabiane Santana Previtali – UFU
Gilberto Luiz Alves – UFMS
João dos Reis Silva Júnior – UFscar
José Carlos de Souza Araújo – Uniube/UFU
José Claudinei Lombardi – Unicamp
José Luis Sanfelice – Univás/Unicamp
Lívia Diana Rocha Magalhães – UESB
Mara Regina Martins Jacomeli – Unicamp
Miguel Perez – Universidade Nova Lisboa – Portugal
Newton Antonio Paciulli Bryan – Unicamp
Ricardo Antunes – Unicamp
Robson Luiz de França – UFU
Teresa Medina – Universidade do Minho – Portugal
Tristan MacCoaw – Universit of London – Inglaterra
Valdemar Squissardi – Unimep

O conteúdo deste livro é de exclusiva responsabilidade do autor.

L823 – Lodi, Samantha – Nadezhda Krupskaja: uma estrela vermelha –
Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

ISBN: 978-85-92592-68-4

1. Educação 2. Marxismo 3. Nadezhda Krupskaja I. Samantha Lodi. II.
Navegando Publicações. Título.

CDD – 370.82

Preparação/ Revisão – Julianna Duarte Degane - Lurdes Lucena
Arte Capa – Carlos Lucena

Índices para catálogo sistemático

Educação	370
Ciências Sociais	300

AGRADECIMENTOS

Conviver por alguns anos sempre pensando e estudando a vida e a obra de alguém é inundar nosso ser deste alguém, é consentir que este sujeito faça parte de nosso cotidiano e levá-lo conosco para onde formos. Assim foi com Krupskaia, por isso, agradeço a paciência de minhas amigas e meus amigos, que me ouviram e que me auxiliaram direta ou indiretamente neste processo.

À Dr^a Mara Regina Martins Jacomeli (Unicamp), orientadora desta pesquisa.

Ao Dr. Jean-Numa Dugance (Universidade de Rouen - França), co-orientador desta pesquisa, que me recebeu na França por acreditar em meu trabalho.

Aos professores que estiveram comigo na qualificação e na defesa mostrando as possibilidades do tema colaborando muito com suas críticas: Dr. José Luís Sanfelice e Dr. Rogério de Carvalho.

E às professoras que participaram da defesa de tese enriquecendo o debate: Dr^a Fabiana Rodrigues e Dr^a Patrícia Pederiva.

Aos professores que de alguma forma fizeram parte desse processo: Dr. Michael Löwy, Dr^a Lívia Diana Rocha, Dr. Dermeval Saviani, Dr. José Claudinei Lombardi, Dr. Sérgio Castanho e Dr. Lalo Minto.

Aos colegas que foram ou são do HISTEDBR pelos anos de convivência, pelos debates, pelos cafés, por dividirem o desejo de um mundo melhor e mais justo.

Aos funcionários da pós-graduação em Educação da Unicamp, em especial a Nadir Camacho. À Ana Maria do DEFHE. Aos funcionários da Biblioteca da FE e do Arquivo Edgard Leuenroth.

A Capes que financiou parte das pesquisas com um Doutorado sanduíche.

A todos das Faculdades Integradas Maria Imaculada.

Às participantes do Coletivo Educacional de Mulheres Maria Lacerda de Moura.

Aos confrades da Academia Guaçuana de Letras e da Casa do Escritor.

Aos membros do Geppe da UnB pela fraternal acolhida.

Aos meus pais: Néa, Malagutti, Getúlio (*in memoriam*).

Às minhas irmãs Samyra e Cyndi, ao meu sobrinho Miguel e ao Vitor Elias.

Ao Rodrigo, *mon amour*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Krupskaja na escola dominical em 1890

Figura 2: Ficha policial de Krupskaja referente ao processo que resultou em seu exílio

Figura 3: Deslocamento feito por Krupskaja para durante seu exílio.

Figura 4: Primeiro exemplar do *Iskra*

Figura 5: Inessa e Alexandre 1895

Figura 6: Inessa por volta de 40 anos

Figura 7: Clara Zetkin e Krupskaja

Figura 8: Alguns locais onde Krupskaja viveu.

Figura 9: Lenin ao chegar na Estação Finlândia em São Petersburgo

Figura 10: Lenin e Krupskaja em Moscou.

Figura 11: Krupskaja a bordo do navio “Estrela Vermelha” em 1921.

Figura 12: Lenin e Krupskaja em Gorki, 1922.

Figura 13: Selo comemorativo da URSS homenageando Krupskaja em 1964.

SUMÁRIO

PREÂMBULO	1
INTRODUÇÃO	3
I – DE TOLSTOI A MARX	7
II – O LONGO EXÍLIO E AS CONVICÇÕES COMUNISTAS	19
III – REVOLUÇÃO RUSSA E GOVERNO SOVIÉTICO	49
3.1. O QUE FOI A REVOLUÇÃO RUSSA?	50
3.2. KRUPSKAIA E O GOVERNO SOVIÉTICO	67
IV – A EDUCAÇÃO E A REVOLUÇÃO	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS.	105
SOBRE A AUTORA	111

PREÂMBULO

Da beleza da juventude aos traços demudados de sua madureza, diversas interpretações abordam a vida da camarada “Nadia”, sempre pronta para um debate. A força de uma mulher que viveu anos no exílio, indo de um país ao outro, depois de permanecer na Sibéria por ordem do czar. Condenada por suas publicações que instruíam a classe operária russa, principalmente a mulher, e por acreditar que uma revolução de trabalhadores seria possível. E foi. Uma existência de ação e de conscientização, de publicação de folhetos, de pseudônimo, de congressos, de divulgação de ideais que em prática levariam a uma sociedade igualitária e, principalmente, uma existência de um não se cansar, não se abater. Acusada de viver à sombra de seu marido, chega a ser tachada de submissa, tinha concepções de igualdade e de liberdade que transcendiam o senso comum da época, por isso, às vezes, foi tão incompreendida. Comunista por convicção, ela foi uma estrela, por isso teve luz própria, ao lado de outras estrelas que, nesse contexto, também brilharam.

INTRODUÇÃO

Nadezhda Konstantínovna Krupskaja¹: a sonoridade do nome russo às vezes causa estranheza no Brasil, mas ressoa em movimentos sociais e nas academias como uma ativista da educação que auxiliou seu marido Lenin no processo revolucionário russo. Alguns tentam colocá-la em descrédito, diminuindo sua importância. Nesta pesquisa, Krupskaja não aparece como simples coadjuvante que poderia ser substituída por qualquer outra pessoa, ela coloca-se por seus textos e militância como uma companheira à altura de Lenin, com o qual trabalhou lado a lado pela revolução social e política, permitindo-se ter “sua luz própria” ao posicionar-se sobre a importância de educação na formação do “homem novo”.

É com respeito à figura de Nadezhda Krupskaja que este livro se apresenta, na verdade as ideias que aqui constam são parte da tese “Entre a pena e boioneta: Louise Michel e Nadezhda Krupskaja, educadoras em contextos revolucionários”, defendida na Faculdade de Educação da Unicamp em outubro de 2016, sob orientação da prof^a Dr^a Mara Regina Martins Jacomeli do grupo Histedbr, e coorientação de Dr. Jean-Numa Ducange através de um doutorado sanduíche². A proposta foi estudar as duas revolucionárias e suas propostas educacionais, buscando elementos que permeavam o discurso e ação destas mulheres, mesmo sendo a primeira adepta do anarquismo e a segunda do comunismo. O livro tem por base perguntas que moveram a pesquisa: Quem foi Louise Michel? Quem foi Nadezhda Krupskaja? Qual a contribuição de cada uma enquanto revolucionária nos contextos históricos que estavam imersas? Qual o pensamen-

¹ O nome em russo da biografada é Надежда Константиновна Крупская, buscou-se fazer uma correlação com o alfabeto cirílico para usar uma tradução mais próxima do original e ao mesmo tempo adequada à língua portuguesa, por isso usa-se na tese Nadezhda Konstantínovna Krupskaja, mesmo que eu outras traduções o nome apareça com “y”. Toda a grafia do nome e sobrenome em outras traduções ou textos será apresentada da forma que foi utilizado pelos autores consultados.

² Agência de fomento: CAPES processo 99999.002907/2014-03, doutorado sanduíche com vigência julho de 2014 até junho de 2015 na Université de Rouen – França.

to delas para a educação no período em que viveram? Qual o legado educacional que pode ser revisitado na atualidade?

Sobre Krupskaja, no cenário nacional, encontra-se o artigo de Vagner Rodolfo da Silva, como discente de biblioteconomia na Universidade de São Paulo (USP), intitulado “Uma mulher, a biblioteconomia e as bibliotecas soviéticas” faz um resgate histórico do desenvolvimento educacional da biblioteconomia e das bibliotecas antes e depois da Revolução Russa e aponta Krupskaja como uma das precursoras da área, mencionando uma pequena biografia³. O enfoque não é biográfico, mas específico na contribuição da revolucionária para a biblioteconomia. Cezar Ricardo de Freitas que, em seu mestrado na Universidade do Oeste do Paraná (Unioeste), produziu a dissertação “O escolanovismo e a Pedagogia Soviética: as concepções de Educação Integral e Integrada” na qual apresentou as propostas de educação integral e integrada de Lenin, Krupskaja, Pistrak e Makarenko entre a Revolução de Outubro (1917) até 1930, além de buscar o quanto esses autores dialogaram com John Dewey, grande expoente do escolanovismo. O mesmo autor ainda apresentou o trabalho “Krupskaja e a educação integral da nova geração comunista” parte da sua dissertação que aborda especificamente a preocupação da educadora para operacionalizar mudanças educacionais de pleno desenvolvimento humano e educação integral. Nos trabalhos de Freitas, Krupskaja aparece como educadora que uniu elementos escolanovistas à proposta de formação do sujeito socialista.

Edison Riuitiro Oyama, docente da Universidade Federal de Roraima (UFRR), que produziu a tese “Lenin, educação e revolução na construção da república dos Soviéticos” pela Universidade Federal Fluminense (UFF), escreveu o artigo “A perspectiva da educação socialista em Lenin e Krupskaja”, no qual tratou a concepção educacional e as ações de Lenin e Krupskaja para erradicação do analfabetismo e educação política das massas, destruindo os vestígios do czarismo e da burguesia, enquanto concretizavam os princípios educacionais do Programa do Partido Comunista

³ Neste artigo de março de 2012 nosso trabalho apresentado na X Jornada do Histedbr (2011) “Krupskaja: revolucionária e educadora” foi citado pelo autor.

Russo de 1919. Nereide Saviani publicou artigo “Concepção Socialista de Educação: A contribuição de Nadedja Krupskaya”, pela revista *Histedbr online*, abordando especificamente Krupskaya e suas propostas educacionais apoiadas na produção de Marx e Engels, seguindo as linhas gerais das teorias de Lenin. Apoiando-se em uma concepção socialista de educação, aborda a educação integral ou multifacética de crianças e jovens e a educação geral aliada à politécnica.

Em 2015, Aline Aparecida da Silva defendeu a dissertação “Nadedzha Krupskaya: contribuições para a educação infantil na atualidade” pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) que contextualiza a educadora e destaca suas propostas de educação infantil para a construção do novo homem comunista. Para Silva, o pensamento de Krupskaya voltado à educação infantil tem muito a contribuir no contexto atual, o que ficou claramente explicitado no trabalho, somado ao protagonismo de unir propostas educacionais comunistas com educação infantil.

Neste ano de 2017, centenário da Revolução Russa, fomos agraciados com textos de Krupskaya traduzidos direto do russo. Um dedicado inteiramente à Krupskaya foi publicado pela editora Expressão Popular, de “A construção da pedagogia socialista”, traduzido por Luiz Carlos de Freitas. O outro faz parte de uma coletânea de textos de mulheres russas publicados pela Boitempo, “A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia Soviética”, organizado por Graziela Schneider, com diversas tradutoras – no caso de Krupskaya quase todos traduzido por Priscila Marques e um por Kristina Balykova.

No entanto, as fontes que sustentaram a pesquisa para trabalhar com Krupskaya, são os textos produzidos pela própria educadora, além de obras que permitem sua contextualização. Como fontes primárias, duas coletâneas de textos sobre educação e mais dois livros que ela escreveu sobre Lenin. As coletâneas sobre educação foram publicadas em Moscou, pela editora *Progreso*, que tinha como objetivo divulgar publicações russas em todo o mundo. Utilizou-se a versão em espanhol, por não se ter acesso à versão em língua portuguesa até a defesa da tese. Faz-se a tradução do texto em espanhol, mas conserva-se o original em nota de rodapé.

Dois textos escritos por Krupskaja sobre Lenin também estavam em espanhol e foram utilizados como fontes. Dois prefácios assinados por ela compõem parte das fontes primárias: em *Dez dias que abalaram o mundo*, de John Reed, e *Escola-Comuna*, de Pistrak, ambos em língua portuguesa. Através dessas fontes, teve-se um contato direto com o pensamento de Krupskaja.

Ainda na redação sobre Krupskaja, fontes secundárias foram elegidas. Nesse caso, uma biografia sobre a educadora publicada na década de 1930, que contém os dados que costumam ser divulgados por diversos sites que falam da educadora russa, *Nadezhda Krúpskaya: 1869–1939*, escrita por Tsetsiliia Bobrovskaia. Outros textos, principalmente sobre a Revolução Russa de 1917 permitiram contextualizações históricas do período que viveu a educadora.

Figura 1: Krupskaja na escola dominical em 1890.



Fonte: <http://www.hrono.ru/biograf/bio_k/krupskaja_nk.php>

Acesso em 08/12/2015

I

DE TOLSTOI A MARX

Nadezhda Konstantínovna Krupskaja nasceu em São Petersburgo⁴ em 26 de fevereiro de 1869⁵, filha do casal Konstantín Krupski e Elisabeta Tistrova Krupskaja. São Petersburgo era a capital do Império Russo, também conhecida como a cidade do tzar com seus grandes palácios que contrastavam com a pobreza dos camponeses e outros trabalhadores.

Konstantin Krupski era um militar e descendente de uma família com parentescos com a nobreza que havia empobrecido e Elisabeta era uma professora que havia ficado órfã na infância e tinha batalhado duro por sua sobrevivência. Quando seus pais se casaram passaram por muitas dificuldades financeiras e no decorrer dos anos simpatizaram-se cada vez mais com ideias vinculadas às mudanças sociais, principalmente no sentido de superação da pobreza e da desigualdade.

Krupski foi destituído de seu cargo militar e passou por um processo que perdurou dez anos, sua acusação: não aplicar as leis tzaristas em terras polonesas. A acusação que recebeu foi por negar-se a chicotear alguns subalternos. O processo foi arquivado por falta de provas. (Cf. Bobrovskaja, 1940)

De acordo com Wilson (2006, p.428) o processo foi outro. Krupski foi enviado pela primeira vez para a Polônia em 1863 para conter uma insurreição e acabou se simpatizando com os poloneses. Depois, foi enviado novamente para servir de como governador militar de um distrito desse

⁴ São Persburgo: Fundada em 1703 foi por mais de dois séculos a capital do Imperio Russo, também chamada somente de Petersburgo. Alguns referem-se a ela somente como Peter, como faz várias vezes Krupskaja em seus textos. Em 1914 seu nome passou a ser Petrogrado e em 1924 Leningrado, voltando a ser São Petersburgo em 1991 com o final do URSS.

⁵ As datas utilizadas nesse capítulo seguem as datas utilizadas pelos russos, fazendo menção à diferença entre os dias em algumas ocasiões. Até a Revolução de Outubro, os russos seguiam o calendário juliano e não o gregoriano adotado na Europa Ocidental. Entre esses calendários existia uma diferença de 13 dias, estando o gregoriano 13 dias à frente do juliano.

país. Lá, não se conformou com o tratamento que era dado aos judeus, constantemente humilhados em suas crenças, forçados a cortar seus cabelos em praças públicas e proibidos de colocar cercas nos cemitérios, para onde os poloneses depois levavam seus porcos, animais impuros nas convicções judaicas, para desenterrar os mortos. Krupski colocou fim a essa prática que chocou uma parcela da população. Com isso foi acusado de traição por dançar mazurcas, falar polonês e deixar de ir à igreja. Ele não só se recusou como trabalhou contra as injustiças ao seu alcance.

Como simpatizante das transformações sociais, Krupski era um humanista e dele vieram as primeiras sensibilizações de Krupskaia em relação às desigualdades e a necessidade por justiça social que, depois, nela se radicalizam. Nas duas hipóteses de explicação dos motivos pelos quais foi processado, interpretados por diferentes autores e que podem ser complementares, destaca-se uma postura baseada no humanismo.

O contexto russo dos anos 1860, década de nascimento da educadora, era de lenta transição estrutural. O czar Alexandre II trabalhava para colocar a Rússia feudal em contato com o crescente capitalismo. Assim, medidas começam a ser tomadas, como a 19 de fevereiro de 1861 que aboliu a servidão camponesa. Serge (1993, p.16) considerou a lei um paliativo inteligente para a complicada situação da época: acabar com a servidão feudal para introduzir a servidão econômica. O lavrador “liberto” teria que trabalhar muito mais para sobreviver, porém até 1905, sua situação pioraria ainda mais. O período de libertação dos servos coincide com o período de libertação dos escravos nos Estados Unidos, durante a Guerra de Secessão (1861–1865) e era um imperativo do capital que necessitava de trabalhadores “livres” e consumidores. Essa medida proporcionou no Império Russo o desenvolvimento do operariado.

Krupskaia perdeu cedo seu pai e os problemas financeiros da família aumentaram. A pensão destinada à sua mãe era insuficiente para viverem. Para ajudar em casa, Krupskaia começou, aos quatorze anos, seu trabalho como professora particular, com salários baixíssimos. Sua mãe também trabalhava para completar sua precária pensão.

O primeiro pensador a influenciar Krupskaja foi o literato e anarquista cristão Lev Tolstói. Suas primeiras ideias vinculadas à educação vieram da experiência de Tolstói em Iasnaia Poliana, sua propriedade rural, onde criou uma escola libertária para os filhos de camponeses em um sistema diferenciado, sem hierarquia, sem autoridade. Duas eram as palavras que permeavam toda sua experiência educacional: liberdade e criatividade⁶.

Para fundar sua escola, Tolstói fez uma viagem pela Europa com a finalidade de pesquisar os mais adiantados métodos educacionais existentes. Depois de visitar várias escolas renomadas com seus métodos “avançados”, concluiu que nenhum daqueles modelos lhe serviria, pois neles havia uma disputa constante entre professores e alunos. Os alunos sempre se sentiam oprimidos. Assim, criou sua escola fora de todos esses padrões. A escola de Tolstói durou pouco tempo, porque o czar mandou fechar aquela escola que dava voz aos camponeses. Sua primeira inspiração educacional refletia sobre os esquecidos pela sociedade e isso abriu espaço para sua aproximação com os trabalhadores de São Petersburgo.

Com aulas particulares provisórias, Krupskaja não tinha nenhuma segurança financeira. Somente uma de suas aulas era fixa, a do Liceu no período noturno, o que era significativo para a sua sobrevivência. Porém, o espírito revolucionário já fazia parte da jovem que escolheu abrir mão de suas aulas, inclusive a única aula fixa que tinha, para trabalhar, sem remuneração, em uma escola para operários. Ela já tinha contato com esses operários através da escola dominical, onde lecionava como voluntária e agora investia na educação desses sujeitos dedicando um tempo maior. Recorda posteriormente Krupskaja: *Quando comecei a compreender o papel que tinha que desempenhar o trabalhador na liberação de todos os trabalhadores,*

⁶ Para mais informações da experiência educacional de Tolstói consultar: TOLSTOÏ, Léon. *L'école de Yasnaïa Poliana*. Paris: Albert Savine éditeur, 1888.

*senti um desejo irresistível de estar entre os trabalhadores, de trabalhar com eles*⁷. (Krupskaia In: Bobrovskaia, 1940, p. 8)

Do contato com os trabalhadores é que conheceu a obra de Karl Marx. Sua afinidade com a obra marxista foi rápida e Krupskaia considerou que o pensador alemão superava as ideias de Tolstói o qual havia abraçado como mentor de suas convicções. Via em Marx maior capacidade de análise social do mundo real ao considerar os mais diversos aspectos da sociedade para a compreensão do exploratório sistema capitalista. Embora a Rússia tivesse suas particularidades no sistema econômico, os russos mais pobres já sentiam que o capitalismo agravava as diferenças sociais, assim como compreendiam bem que eram aqueles que pagavam por tudo isso.

Alguns grupos de oposição começam a se organizar contra o governo czarista e, em 1878, surgiu a Sociedade Secreta “Terra e Liberdade”. Inspirados pelas necessidades campesinas da Rússia, alguns jovens da aristocracia, da burguesia e da pequena burguesia abandonam suas vidas, carreiras e oportunidades por uma militância em favor do povo. Logo o grupo se dividiu em dois: a “Partilha Negra” e a “Vontade do Povo”.

O grupo *Norodnaia volia* ou “Vontade do Povo” teve destaque nesse desmembramento, isso porque provocou medo ao seguir pela linha do terrorismo. O grupo justificava que a história era muito lenta em seu curso, por isso tentavam fazer com que ela “andasse mais rápido” forçando, por exemplo, a substituição dos zares. Os atentados tiveram início: um comitê especial decretava as sentenças de morte e os jovens voluntários executavam.

De acordo com Serge (1993) entre 1872 e 1882 aconteceram: seis atentados contra altos funcionários do Império, sendo três deles mortais; quatro atentados contra chefes de polícia; nove contra alcaguetes; vinte e quatro casos de resistência armada à polícia; e quatro atentados contra o czar Alexandre II. Sobre os atentados contra o czar, em abril de 1879 o estu-

⁷*En cuanto comencé a comprender el papel que habia de desempeñar el obrero em la liberación de todos los trabajadores senti un deseo irresistible de estar entre los obreros, de trabajar entre ellos.* (KRUPSKAIA In: BOBROVSKAIA, 1940, p. 8)

dante Soloviev atingiu o czar com quatro tiros de revólver, em dezembro do mesmo ano, o grupo conseguiu colocar uma bomba no trem imperial, a detonação descarrilhou o comboio. Uma outra bomba explodiu em fevereiro de 1880, dessa vez na sala de refeição do palácio imperial pouco antes da chegada da família Romanov. E em março de 1881, o czar morreu vítima de uma bomba que desta vez o atingiu dentro do Palácio de Inverno, depois de ficar alguns dias de cama sem as pernas.

Com a morte de Alexandre II, assume seu sucessor Alexandre III. Ainda em 1881, criou a *Okhrana* (“A defensiva”), uma polícia secreta que tinha muito poder, secretamente investigava suspeitos e cuidava da defesa pessoal do czar. Jornais considerados progressistas passaram por censura preventiva. Alexandre III iniciou um governo mais duro e repressivo.

Proporcionalmente a esse endurecimento, o movimento operário russo começou a se organizar, com destaque para 1885, quando os operários da fição Morozov venceram através da greve seu patrão. Em um primeiro momento, o patrão aparentou ganhar. Porém, desde a metade do século XIX, os operários espalharam greves pelo império contra a falta de direitos trabalhistas e pelo abuso dos patrões. Essas greves proporcionaram aos últimos conquistas sociais. (Cf. Serge, 1993)

G.V. Plekanov⁸ era um dos líderes da esquerda e, em 1876 usou pela primeira vez a bandeira vermelha na Rússia, que já era um símbolo de oposição à ordem capitalista desde a Comuna de Paris de 1871. Plakanov ainda foi o fundador, em 1883, na Suíça do primeiro partido russo de inspiração marxista.

Marx teve a oportunidade de pensar sobre a Rússia e a possibilidade de uma revolução. A princípio considerou que o país não tinha quaisquer condições de orquestrar uma revolução e até estranhou que apenas um ano após o lançamento d’*O Capital*, seu livro era impresso em russo, e não em inglês como esperava, ou em qualquer outro idioma. Uma carta de

⁸ Gueorgui Valentinovitch Plekhanov, russo, viveu entre 1856 e 1918. Teórico de ideias marxistas conviveu com revolucionários e debateu diversas vezes com Lenin, ao qual se opunha como aos bolcheviques, pois era um dos líderes mencheviques. Morreu de tuberculose na Finlândia.

Vera Zassulitch⁹, jovem marxista russa, que inquiriu se a Rússia agrária precisaria passar por todas as fases de exploração capitalista para chegar a uma revolução não teve uma resposta fácil, Marx fez vários rascunhos. (Wilson, 2006, p.398–399)

O movimento operário russo tinha crescido, mas sem deixar de levar em consideração as necessidades camponesas, já que os camponeses representavam a maioria dos trabalhadores. Marx e Engels, no prefácio da edição russa do *Manifesto do Partido Comunista* colocam as seguintes palavras:

E agora a Rússia! Durante a revolução de 1848–49, não só os príncipes europeus como também os burgueses europeus viram na intervenção da Rússia a única salvação perante o proletariado que precisamente só então começava a despertar. O *tsar* foi proclamado chefe da reacção europeia. Hoje é prisioneiro de guerra da revolução, em Gátchina, e a Rússia forma a vanguarda da acção revolucionária na Europa.

O *Manifesto Comunista* tinha por tarefa proclamar a inevitavelmente iminente dissolução da propriedade burguesa moderna. Mas na Rússia encontramos, face à trapaça capitalista em rápido florescimento e à propriedade fundiária burguesa que precisamente só agora se começa a desenvolver, mais de metade do solo na posse comum dos camponeses. Pergunta-se agora: poderá a *Obchtchina* russa — uma forma, ainda que fortemente minada, da antiquíssima posse comum do solo — transitar imediatamente para a [forma] superior da posse comum comunista? Ou, inversamente, terá de passar primeiro pelo mesmo processo de dissolução que constitui o desenvolvimento histórico do Ocidente?

A única resposta a isto que hoje em dia é possível é esta: se a revolução russa se tornar o sinal de uma revolução proletária no Ocidente, de tal modo que ambas se completem, a actual propriedade comum

⁹ Descendente de família nobre, Vera nasceu em 1849, no Império Russo. Foi militante marxista, mas também dialogou com o anarquismo e com o niilismo, voltando ao marxismo depois de trocar cartas com Karl Marx. Parceira intelectual de Plekhanov optou pela vertente menchevique.

russa do solo pode servir de ponto de partida de um desenvolvimento comunista.

London, 21 de Janeiro de 1882.

Karl Marx, F. Engels

(MARX, ENGELS, 1997)

Enquanto ensinava os trabalhadores, Krupskaja fazia suas leituras de Marx com o grupo recém-formado, e também lia sozinha durante a madrugada, para conhecer mais do pensador alemão. Foi assim que se convenceu que o marxismo era um guia seguro para ação efetiva que levaria a transformação social.

No trabalho com os operários, a proposta era oferecer um ensino que não se limitava ao ler e escrever, como era comum nas escolas voltadas aos trabalhadores. A palavra de ordem para esse ensino vinculava-se simplesmente na mínima instrução, no sentido de receber ordens por escrito e cumpri-las. A proposta de Krupskaja era avançar em conhecimentos elaborados que eram exclusivos da elite. Tudo isso aliado ao desenvolvimento da consciência política de seus alunos.

Quando representantes do czar visitaram a escola dos operários incomodaram-se com o fato de que os alunos conheciam mais do que deveriam saber. Foi o que aconteceu pouco antes do fechamento da escola, o inspetor escolar se incomodou quando um aluno, orgulhoso de seus conhecimentos, mostrou que sabia fazer operações decimais, indo além das quatro operações aritméticas. Não era interessante ao governo repressor do império russo que os alunos-operários realmente aprendessem e avançar nesses conhecimentos, reservados a um grupo restrito pode ser o motivo do fechamento da escola dominical. (Cf. Bobrovskaja, 1936). Fechar escolas que ensinavam camponeses e operários era uma prática comum do governo czarista, como aconteceu com Tolstói em Iasnaia Poliana e com Krupskaja na escola dominical. Um império, baseado em sistema de privilégios guarda a educação, ou sua principal essência, somente para os dominadores, para aristocracia.

Nos anos 1890, a Rússia entrou em processo de industrialização significativo. O controle industrial estava justamente nas mãos do ca-

pital estrangeiro, mais notadamente o francês, ou dos capitalistas nacionais. Os investidores estrangeiros buscavam o lucro rápido, enquanto os nacionais só podiam competir cortando cada vez mais seus gastos. As duas situações pioravam muito as condições de trabalho e de vida do operário russo.

O proletário russo, arrastado de suas pobres nesgas de terra, jogado nas fábricas e minas, grosseiramente mal pago e trabalhando em excesso, depressa tomou consciência de si mesmo em condições mais propícias à comunhão, à solidariedade de classe, à organização e ao surto de um movimento de massa revolucionária. Por ter chegado tão tarde à Rússia o desenvolvimento capitalista, muitos ramos industriais passaram bruscamente da manufatura à grande usina modernamente equipada. (HILL, 1967, p.18)

Essa forma desgastante de trabalho para uma sobrevivência miserável permitiu a conscientização rápida dos operários, que diante da implantação do capitalismo, não tardou em perceber sua própria exploração. Em poucos anos, o movimento proletário estava fortalecido.

Krupskaia, que estava envolvida com o pensamento marxista, começou a assumir alguns posicionamentos importantes nesse período. Como professora dos operários agindo diretamente no processo de conscientização do grupo, enquanto se autoconscientizava, à medida que incorporava cada vez mais a militância comunista.

Em dois livros com tradução para o espanhol, *Mi vida con Lenin* e *Recuerdos (Lenin)*, Krupskaia lembrou momentos que dividiu com seu companheiro e de como viveram em seus exílios constantes. Em *Recuerdos* abordou desde o momento em que se conheceram em 1893 até 1907, que coincide, mesmo com algumas diferenças mínimas na redação e organização, à primeira parte do livro *Mi vida con Lenin*. Relata Krupskaia que esses textos foram escritos logo após a morte de Lenin, nas salas vazias de Gorki¹⁰ e tinha características de abordar mais o cotidiano que tinham nes-

¹⁰ Mansão do século XVIII que acolheu nobres russos, hoje um museu nas mediações de Moscou. Quando Lenin sofreu uma tentativa de assassinato, mudou para lá com finalidade de seguir recomendações médicas de repouso. Lá ficou instalado até sua morte, pois teve sucessivos problemas de saúde.

se período. Algumas anotações diárias de Krupskaja serviram de inspiração para essa parte. Essa parte abordou, principalmente, o trabalho vinculado à formação do Partido Trabalhador e das cabeças que geriram e participaram dessa formação.

A segunda parte de *Mi vida con Lenin* que aborda o período de 1908 até 1917, parte que não consta em *Recuerdos*, foi escrita alguns anos depois da morte de Lenin e tinha a preocupação com o pensamento marxista-leninista elaborado por Lenin. Para Krupskaja essa parte foi mais complexa do que a anterior, até porque levou a uma reflexão de suas próprias ideias. Aqui também colocou os subsídios necessários para entender o período da Revolução Russa e como Lenin se tornou o “chefe” da revolução. Lenin sacrificou até suas amizades em nome de um ideal que deveria ser concretizado, em nome de movimento fundamental para a transformação.

Em setembro de 1893, Lenin mudou-se para São Petersburgo e, com sua militância, logo ficou conhecido de todos os grupos de esquerda que estavam na capital. A primeira vez que Krupskaja ouviu falar no “recém-chegado” da região do Volga foi através de um caderno escrito na capa “Perspectivas” e trazia as ideias de Herman Krassin, um marxista russo.

Lenin havia feito anotações e refutações nesse caderno, de acordo com Krupskaja, sem vacilar. O caderno foi perdido, mas a impressão que havia causado na educadora permanecia viva. Ele conseguia contemplar a realidade russa como ninguém:

O recém-chegado a contemplava do ponto de vista do interesse das massas, falava em nome de um marxismo vivo, examinava objetivamente os feitos em si e em suas consequências. Eu quis conhecer melhor o redator dessas notas e dessas ideias¹¹. (KRUPSKAIA, 1937, p.14, tradução nossa)

¹¹ El recién llegado la contemplaba desde el punto de vista del interés de las masas, hablaba en nombre del marxismo vivo, examinaba objetivamente los hechos en si y en sus consecuencias. Quise conocer mejor al redactor de estas notas y de estas ideas. (KRUPSKAIA, 1937, p.14)

E conheceu-o, no carnaval de 1894, na casa do engenheiro marxista Klasson¹², que também tinha contato com o grupo “Vontade do Povo”. Desse dia, ficou marcado em sua memória que Lenin não acreditava na educação como um elemento de transformação do mundo. Registra que, durante a discussão sobre a formação de um Comitê de Educação Primária, ele ironizou quem acreditava que esse comitê poderia mudar o mundo.

Um novo contato entre Lenin e Krupskaja aconteceu no outono de 1894, quando Lenin foi auxiliar um grupo interessado em Marx que conhecia apenas o primeiro tomo de *O Capital* e não havia ainda estudado nem o *Manifesto do Partido Comunista*. Krupskaja era uma das organizadoras desse grupo. Recorda que Lenin chegou trazendo consigo o texto – “*Quem são os amigos do povo?* – de sua própria autoria. Logo, Lenin tornou-se líder do movimento marxista local por seu conhecimento teórico e por sua capacidade de articular a teoria de Marx à realidade russa daquele período.

É em 1892 que começaram a se formar, em Petersburgo e em Moscou, as Uniões de Combate para a Emancipação da Classe Operária. Elas só se consolidam em 1895. A de Petersburgo tem dois animadores: V.I. Lenin e I.O. Martov¹³. Dela também participava a professora primária N.C. Krupskaja. Vladimir Ilich Ulianov – que mais tarde, assinaria seus escritos como N. Ilich e, depois N. Lenin – tem 25 anos. Filho de um diretor de escola de Simbirsk, ele é, como a maioria dos intelectuais revolucionários e fundadores do movimento socialista russo, de origem pequeno-burguesa. Seu irmão Alexandre, envolvido em um dos últimos complôs da Vontade do Povo, foi enforcado em 1887. O adolescente Lenin amadureceu a sombra deste patíbulo para seu irmão mais velho. Por suas opiniões subversi-

¹² Sobre Klasson não encontramos referências diretas à sua vida ou obra, somente duas cartas de Lenin direcionadas ao “camarada Klasson” traduzidas para o inglês.

¹³ Nota de Serge: Iuri Ossipovitch Martov (Zeberbaum), teórico e polemista de grande talento, seria por toda a vida adversário de Lenin e dirigente do menchevismo. Internacionalista durante a guerra, tentou, num determinado momento (1919–1921) adotar uma atitude de oposição leal aos bolcheviques. Morreu no exílio em 1923.

vas, foi expulso da universidade de Kazan, onde cursava a faculdade de Direito. (SERGE, 1993, pp.32–33)

Lenin já se destacava no cenário de oposição ao czar e no início de sua militância, seu irmão era uma referência constante por ter feito parte da “Vontade do Povo” e também por ter sido enforcado por isso. As forças ainda existiam, a Okhrana estava cada vez mais forte, mas a luta pela libertação da Rússia do despotismo do czar e das desigualdades agravadas pelo capitalismo não poderiam cessar. Em 1894, com a morte prematura de Alexandre III por nefrite, dá-se o início do governo de Nicolau II, o último czar russo no poder. Os textos de Lenin começam a ter notoriedade no cenário de São Petersburgo e muitos o consideravam o mais capaz de compreender a social-democracia revolucionária. (Cf. Krupskaja, 1937)

Entre 1894 e 1895 as relações entre Krupskaja e Lenin foram se estreitando por conta do movimento operário. Ela tinha contato direto com os trabalhadores que eram, em sua maioria, alunos da escola dominical. Ele formou círculos operários de Porta de Nevski onde lia *O Capital* e levava o grupo a indagar sobre suas vidas, suas práticas e tendo por base a teoria marxista e sua relação com a vida real. Ambos estavam envolvidos no esclarecimento dos proletários.

Krupskaja aproximou seus alunos dos círculos e através desse grupo de estudos passaram a trabalhar juntos pela divulgação das ideias comunistas e, também, para a formação do partido proletário russo. Em dois anos, a dupla conseguiu unir todos os círculos operários da capital do Império e formaram a “União de Luta pela Emancipação da Classe Operária”. Estava feita uma parceria que durou até a morte de Lenin.

O grupo de estudos passou a ser vigiado pela polícia, mas Lenin havia sido formado pela “Vontade do Povo” e conhecia bem as técnicas para despistar os seus perseguidores. No verão de 1895, Lenin esteve em Berlim e fez contato pela primeira vez com o grupo “Liberdade de Trabalho” fundado em 1883 por Plekanov, Axelrod¹⁴ e Vera Zassulich. As trocas de experiência serviram para fortalecer os laços com a esquerda russa.

¹⁴Pavel Borisovitch Akselrod, russo que viveu entre 1850 e 1928, foi um dos principais ideólogos mencheviques. Participou do governo de Kerenski depois de revolução de fevereiro.

II

O LONGO EXÍLIO E AS CONVICÇÕES COMUNISTAS

Em dezembro de 1895, a *Okhrana* agia intensamente em sua perseguição aos grupos revolucionários. Lenin, que já era procurado pela polícia mesmo antes de voltar de sua viagem para Alemanha, foi acusado por publicar folhetos ilegais em São Petersburgo e acabou preso. Os panfletos eram escritos por ele, mas eram distribuídos por Krupskaja e outras mulheres que formavam a “Liga de Luta”. Elas se vestiam de operárias e ficavam nas portas das fábricas fazendo contato com os trabalhadores ou os seguindo até suas casas para colocar os panfletos embaixo de suas portas. (Cf. Krupskaja, 1937)

A prisão de Lenin não o impediu de continuar sua panfletagem, nem de organizar o partido, só que isso foi feito por intermédio de sua irmã Anna e, mais intensamente, de Krupskaja, que fez um trabalho sistemático de propaganda comunista. Ele passava as orientações de ação para o movimento dos trabalhadores e ela os colocava em prática. O grupo comunista conseguiu uma vitória: a redução da jornada de trabalho russa para no máximo em 11h30 por dia, o que foi uma conquista na época em que se chegava a trabalhar por 16 horas consecutivas.

Em maio de 1896, aconteceu a cerimônia de coroamento de Nicolau II, que estava no poder desde novembro de 1894. Como era tradição, o czar deveria ficar pelo menos um ano no governo antes de sua coroação. Nicolau II tinha como uma de suas propostas aumentar a perseguição aos grupos de esquerda como forma de garantir seu poder e autoridade imperial. (Cf. Serge, 1993)

O trabalho de Krupskaja com os folhetos se deu até agosto de 1896, quando ela foi presa por panfletagem e divulgação de ideais comunistas. Permaneceu por sete meses na prisão de São Petersburgo, até que ocorreu o suicídio de uma estudante dentro da cadeia. A prisioneira ateou fogo em seu próprio corpo dentro da prisão “Pedro e Paulo”, muito provavelmente após ter sido abusada. A polícia czarista, temerosa de uma indignação ge-

ral, soltou todas as mulheres que eram presas políticas, que ainda não haviam passado por julgamento para aguardar a deliberação. Krupskaja ficou em liberdade vigiada no inverno de 1897–98, logo depois foi julgada culpada e condenada a uma deportação de três anos. Assim Krupskaja conheceu seu primeiro exílio. (Cf. Krupskaja, 1937)

Condenada a três anos de exílio na província de Ufá, Krupskaja solicitou e obteve sua transferência para a Sibéria, onde Lenin já cumpria sua sentença. Para conseguir essa mudança de local alegou que eram noivos e pretendiam se casar. A transferência foi concedida como prevista pela lei, porém os noivos deveriam contrair matrimônio assim que ela chegasse à Sibéria.

Figura 2: Ficha policial de Krupskaja referente ao processo que resultou em seu exílio



Fonte: Museu do Estadual da História política da Rússia¹⁵

¹⁵ Disponível em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:%D0%A1%D0%BF%D1%80%D0%B0%D0%B2%D0%BA%D0%B0_%D0%9AD1%80%D1%83%D0%BF%D1%81%D0%BA%D0%BE%D0%B9.jpg Acesso em 02/04/2015.

Krupskaia foi para seu exílio levando consigo sua mãe. Chegaram em Krasnoiarsk no dia primeiro de maio de 1898, mas pelo horário era impossível seguir até o povoado onde estava Lenin. Assim, Krupskaia aproveitou para estabelecer contato com os social-democratas que estavam exilados na localidade, dois dos condenados eram conhecidos da educadora e abraçaram com ela a panfletagem que os levou ao exílio: Lengnik e Silvin.

No dia seguinte, foram ao encontro de Lenin e em pouco tempo cumpriram o combinado, com uma cerimônia oficial na aldeia Chunkskoie, casaram-se. O novo casal aproveitou o exílio e o frio da Sibéria para produzir intelectualmente. Lenin escreveu *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* e Krupskaia produziu o folheto *A Mulher Operária*, com o pseudônimo Sáblina, que foi fundamental na incorporação das operárias de fábricas ao movimento proletário russo. (Cf. Bobrovskaia, 1940)

Ducret (2011) no seu livro *Femmes de dictateur* tem uma versão diferente para o casamento de Lenin e Krupskaia, assim como para todo o relacionamento do casal. No capítulo dedicado à Lenin, apresenta Krupskaia como uma mulher que se ofereceu para casar com ele para ser uma espécie de “cuidadora”, algo que a família de Lenin desejava para ter certeza que seu filho seria bem tratado. Já que, anteriormente, Ducret havia apresentando um Lenin mimado e irresponsável, aponta a autora que o mais provável era que outra pessoa fizesse esse papel que ficou com Krupaskaia, usando argumentos, desprovidos de bom senso, vinculados à aparência da noiva. A autora ainda questiona a intelectualidade de Krupskaia e é justamente aqui que sua tese “cai por terra” de uma vez.

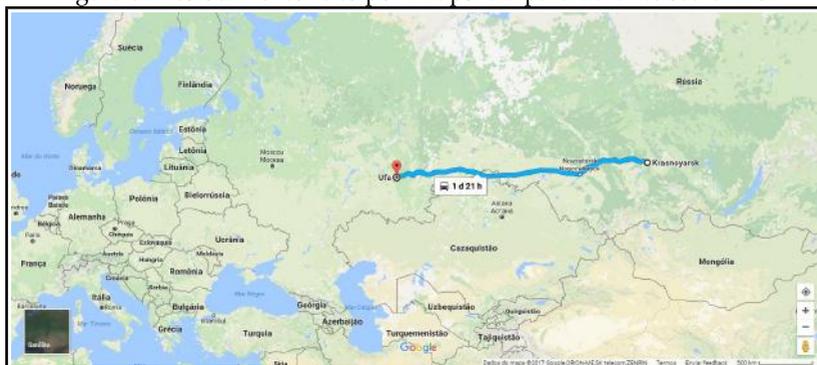
Qualquer análise simples dos textos produzidos por Krupskaia evidencia sua capacidade intelectual. Ela compreendia a situação russa e buscava, através da educação, despertar consciências que um dia poderiam mudar a sociedade. Não se pretende colocar Krupskaia como superior aos outros revolucionários, isso não seria possível e sim tendencioso. Almeja-se simplesmente, ressaltar sua importância junto aos intelectuais que contribuíram para a construção do socialismo russo.

Muitas vezes, quando se cita Krupskaja em alguma obra, seu nome sempre aparece seguido de “mulher de Lenin”, “esposa de Lenin”, como se isso fosse o único qualificativo de suas ações. Deve-se ressaltar que a influência de Lenin pode ser notada no trabalho de Krupskaja, o que é natural, pela capacidade de adaptação das ideias marxistas à realidade russa. No sentido educacional, Krupskaja possuía uma prática, uma experiência, que Lenin não tinha: a de ser educadora, mas, teoricamente, Lenin influenciou a geração que fez a revolução acontecer, isso não seria diferente em Krupskaja.

Enquanto estiveram exilados, receberam grande número de cartas de outros camaradas, principalmente aqueles que também estavam no exílio. Ana, irmã de Lenin, escrevia com bastante frequência e sempre enviava livros. O casal também se dedicou a fazer traduções nesse período. Avaliando esse exílio, Krupskaja recorda que não foi um período muito duro, foi um momento de produção e de organização. (Krupskaja, 1937, p.32)

O exílio de Lenin chegou ao fim em 1900, mas Krupskaja tinha que terminar o seu desterro, não mais Minusinsk e sim em Ufá, onde tinha sido determinado em sua condenação. O deslocamento envolveu mais de 2600 km e Lenin a acompanhou nesse longo trajeto, permaneceu por alguns dias e logo precisou partir pois, a polícia estava sempre próxima de seus passos.

Figura 3: Deslocamento feito por Krupskaja para durante seu exílio.



O casal ficou por um tempo separado, até se encontrarem novamente, no ano seguinte. Em Ufá, Krupskaja fez traduções e lecionou até o final de sua condenação em 1901. Livre, foi procurar Lenin. As notícias de locais onde viviam sempre vinham codificadas em livros pelas mais diferentes pessoas que faziam oposição ao governo tzarista e a última que Krupskaja havia recebido, indicava Praga como o local de seu exílio. (Cf. Krupskaja, 1937)

Em Praga, Krupskaja procurou por Modrachok pensando ser o nome que Lenin havia adotado, lá o encontrou, mas descobriu que ele tinha sido apenas um mensageiro no envio de cartas e livros a ela. No entanto, informou que seu companheiro estava em Munique e que ao chegar lá deveria procurar por *Herr Rittmeier*. E lá foi a educadora para a Alemanha.

Chegando a Munique, Krupskaja procurou o endereço indicado e encontrou uma cervejaria, na qual constava justamente o nome Rittmeier. A Sr^a Rittmeier atendeu a porta e informou que na verdade ela procurava *Herr Meier* que vivia ali mesmo, em um cômodo no fundo da cervejaria e levou-a até Lenin.

Lembra Krupskaja (1937) que nem agradeceu a Sr^a Rittmeier quando chegou a uma sala onde estava Lenin, Martov e Ana e logo foi dizendo: *Que o diabo te leve. Por que não me escreveu como te encontrar?* Lenin logo respondeu que havia escrito sim e que a esperava na estação três vezes ao dia, seguindo de um: – *de onde saiu?*

Descobriram depois que o camarada que deveria ter levado o último livro com a indicação de onde estava Lenin em Munique acabou ficando com o livro para ele. A mesma coisa aconteceu com vários outros camaradas russos no exílio, o que levava a confusões ainda maiores do que essa. (Cf. Krupskaja, 1937)

Ficaram por pouco tempo na cervejaria, que pertencia a um social-democrata alemão. Enquanto estavam lá, uma senhora alemã oferecia comidas rápidas à Lenin e, depois também Krupskaja. Quando chegou, tomou parte nas discussões sobre o periódico *Iskra – Faísca* –, e também sobre a publicação do diário de Lenin.

O *Iskra* transformou-se em um organizador coletivo da social-democracia russa, até sua mudança na linha editorial após 1903. Afirma Bobrovskaja (1940) que Krupskaja, através do periódico, conhecia cada militante, bem como suas relações familiares, por isso se correspondia com eles.

Na Alemanha, ficaram sobre o nome de Dr. Jordanov e sua esposa Maritsa, mas em outubro de 1901 saíram de Munique para irem até Zurique em busca de camaradas organizados em torno da causa do trabalhador, como o grupo “Emancipação do Trabalho” que havia sido fundado por Plekanov e que representava a social-democracia russa em todos os congressos e também a havia representado na II Internacional.

A tentativa de aproximação não deu certo e alguns conflitos entre Lenin e Plekanov apareceram por causa de posicionamentos e redações de textos para periódicos. A social-democracia russa passava por momentos de grande divergência teórica, entre uma parcela que seguia Marx e Engels sob o viés leninista e outros que mesclavam ao marxismo pitadas de liberalismo. Mesmo com o crescimento da divergência, a atividade política de Lenin e Krupskaja ampliava cada vez mais, assim como o contato com os mais diversos adeptos da esquerda mundial.

As ideias de Lenin circulavam entre a esquerda e inspiravam a formação de grupos, como aconteceu, em 1900, com a formação da União do Norte, na Rússia, que durou até 1902 quando o czar a perseguiu e acabou com sua existência. Desde outubro de 1901, Lenin e outros russos haviam formado a Liga da Social-democracia Russa no Estrangeiro, com objetivo de estabelecer um combate social-democrata no exterior, que estava diretamente ligado à *Iskra*, em sua parte exterior.

Em abril de 1902, o casal se instalou em Londres. Recordou Krupskaja, autodidata na leitura do inglês, que Lenin estranhou sua pronúncia, alegando que em nada parecia com as aulas de inglês que ouvia sua irmã fazer na Rússia. Como estudou sozinha, nunca havia falado inglês com outra pessoa, mas Lenin também não se comunicava em inglês. O resultado foi que eles não entendiam ninguém e ninguém os entendia.

Krupskaia e Lenin alugaram dois cômodos e resolveram “viver em família” como brincavam entre eles. Na verdade, isso significava para eles fazer as refeições juntos em casa. Moravam perto do túmulo de Marx ao qual visitavam constantemente. O local preferido de trabalho deles era o Museu Britânico.

Em outubro, conheceram Trotski que tinha terminado seu exílio na Sibéria e saído da Rússia. Conta Krupskaia que Lenin o colocou em observação para saber notícias da Rússia, já que muitos camaradas pediam para Lenin voltar, mas Trotski ficou pouco tempo e logo se mudou para Paris. (Cf. Krupskaia, s.d.)

Em dezembro de 1902, um Comitê de organização foi formado com objetivo de fazer contato com todos os pequenos grupos russos de oposição. O objetivo era colocar todos da esquerda em contato, sem chamar a atenção da polícia e uni-los para que tivessem mais força no combate aos desmandos do czar.

Em 1903, deixaram Londres para se instalarem em Genebra, onde alugaram uma casa sem móveis. Para preencher o vazio dos móveis, usavam caixas espalhadas que tinham as mais diversas serventias. A *Iskra* causava problemas todos os dias, pois estava dividida em duas vertentes: de um lado Plekanov, Axerold e Vera Ivanovna Zasulich, posteriormente com adesão de Krassikov e de outro Lenin, Martov e Potressov. (Krupskaia, 1937, p.51)

Entre julho e agosto, aconteceu o II Congresso da Social-democracia Russa. Reuniram-se cerca 70 militantes russos para discutir a propostas e os caminhos da social-democracia russa, desses, 43 delegados com voz deliberativa e 14 delegados com voz consultiva. O primeiro congresso, que tinha acontecido em 1898, teve a participação de nove pessoas, o que representava um crescimento significativo do grupo.

A previsão era que o congresso acontecesse em Bruxelas, porém com a polícia belga “no pé” dos militantes, que foram expulsos da cidade, o evento foi transferido da Bélgica para a Inglaterra e aconteceu em Londres. A ideia de fixar um partido único da esquerda russa não aconteceu. Vinte delegados se abstiveram de votar no congresso, Martov rompeu

com Lenin e se recusou a tomar parte em qualquer redação de periódicos. (Cf. Krupskaja, 1937)

Esse congresso é sempre lembrado como o momento em que a social-democracia divide-se em duas correntes distintas: Bolcheviques – maioria – e mencheviques – minoria. Os mencheviques ficaram, em sua maioria, com o *Iskra* e dominaram boa parte do partido e os bolcheviques insistiam na necessidade de serem revolucionários. Lenin acreditava em Marx e no instinto da classe trabalhadora e investia nessa crença.

Krupskaja (1937) afirmou que foi tão intensa a separação que até uma amiga de juventude rompeu com ela ao optar pela vertente menchevique. Martov e Trotski, que se uniram contra as ideias bolcheviques, publicavam panfletos atacando toda a ideia bolchevique de transformação e demonstrando tendências reformistas. Nesse período, Lenin escreveu o folheto “*Um passo à frente e dois atrás*”.

O folheto retrata, com pormenores, a ideia de formação dos social-democratas russos no exterior, seus objetivos e, usando trechos das atas do II Congresso, apresenta todas as discussões que levaram ao racha do partido em dois grupos: mencheviques e bolcheviques, aos quais Lenin refere-se consecutivamente como oportunistas e revolucionários. Ao expor os problemas do interior do partido, sabia o revolucionário que permitiria que o verdadeiro inimigo de esquerda desse muita risada da situação, porém “pequenas contrariedades não devem prejudicar um grande prazer”. Tudo isso nada mais era que uma tentativa de reconcilamento entre essas duas alas, recordando o objetivo de fundação do grupo.

Em 1904, a Rússia tinha entrado em guerra com o Japão por causa da Coreia e da Manchúria, o que levou ao descontentamento generalizado no campo e na cidade. Os investimentos bélicos prejudicavam a população e, depois de um longo ano em guerra, em 20 de dezembro o Japão venceu a guerra. O clima da capital russa estava tenso e o descontentamento em relação à política imperialista do czar ficou muito evidente. A social-democracia russa acompanhava os acontecimentos e reforçava a necessidade de mudanças, mesmo com dois posicionamentos distintos.

Mesmo com questionamentos ao o “espectro do socialismo” que rondava a Europa no final do século XIX, esse espectro firma-se em ações na Rússia do século XX. Os operários da fábrica de armamentos Poutilov, estavam firmes em suas exigências trabalhistas, até que a direção da fábrica resolveu demitir quatro dos funcionários que eram acusados de serem líderes do movimento. Em 3 de janeiro, os operários da Poutilov iniciaram greves e incentivaram toda a classe trabalhadora a participar.

O auge da greve generalizada estava previsto para o domingo dia 9 de janeiro de 1905, quando o representante da União dos Operários das Fábricas e Usinas de São Petersburgo ia até o Palácio de Inverno entregar uma petição ao czar, ao qual se referiam como se fosse pai do povo, com as reivindicações operárias com mais de 150 mil assinaturas. As reivindicações eram as mais diversas, e iam de direitos trabalhistas como jornada de 8 horas de trabalho diária, instrução pública obrigatória, fim da censura até a formação de uma Assembleia Constituinte eleita por sufrágio universal. Enfim, desejavam condições mínimas de sobrevivência, uma vez que esses trabalhadores já se consideravam “indigentes” pela situação que eram obrigados a se submeterem. Declaravam, mesmo, que era preferível a morte as condições em que viviam. (Cf. Achcar, 2009, p.71–72)

Essa forte ação popular em frente ao Palácio de Inverno, em São Petersburgo, desencadeia o domingo sangrento e marcou o início da revolução de 1905. Apesar do tom da petição, a população mais pobre da Rússia marchou pacificamente e os manifestantes nem ao menos tiveram chance de se aproximar do Palácio, foram duramente massacrados na porta do edifício. O palácio estava todo cercado com neve branca o que destacou o sangue vermelho que escorria e formava poças de sangue por entre a neve. O czar mandou trucidar o povo que se manifestava por estar faminto e cansado de exploração. A população levava uma vida miserável, foi massacrada sem ao menos ser ouvida em seu clamor.

Repelida ligeiramente por casa salva, como por uma rajada de vento, em parte pisoteada, sufocada, esmagada, essa multidão imensa se reagrupava imediatamente depois sobre os cadáveres, os moribundos, os feridos, empurrada por novas massas que chegavam, chegavam sempre pela retaguarda... E novas salvas de tempos em tempos

sacudiam essa massa viva com um arrepio de morte.... Isso durou muito tempo: até o momento em que, as ruas adjacentes estando livres enfim, a multidão pode escapar. (Voline *apud* Achcar, 2009, p.72)

Os corpos foram para valas comuns, transportados de trem para que não houvesse uma contagem das vidas massacradas no “Domingo Sangrento”. A greve geral continuou por algum tempo e, após essa ação *tzarista*, pelas fábricas da cidade surgiu a ideia de formar um comitê representativo dos operários que seria eleito pelos próprios operários: foi formado o primeiro *soviet* – conselho. O *soviet* tornou-se um símbolo de resistência, mas logo passou por uma repressão governamental.

A ação repressora do czar levou a mais greves, dessa vez também em outras cidades como em Ivanovo–Voznesensk, próximo a Moscou que se destacava por sua industrialização na época. Lá também se formou um *soviet*, que foi considerado o primeiro *soviet* da história injustamente, de acordo com Achcar (2009), que não contesta que foi o primeiro a ser fotografado e apresentou um número de mulheres maior do que existia na Comuna de Paris.

Krupskaia contou, em suas recordações, que ficou sabendo dos acontecimentos de 9 de janeiro através de Lunacharski¹⁶ e de sua mulher, que também estavam exilados e receberam rapidamente as notícias russas. Havia uma necessidade eminente de um terceiro congresso da social–democracia russa que foi convocado para acontecer outra vez em Londres. No terceiro congresso os mencheviques não foram, reunindo-se em uma conferência à parte em Genebra. (Krupskaia, 1937, p.74–75)

Na Rússia, os ânimos continuavam exaltados. A sublevação dos marinheiros do encouraçado Potemkin, que se recusavam a comer carne estragada, foi um dos marcos ainda da revolução de 1905. Os marinheiros jogaram os seus opressores oficiais no mar, aportaram em Odessa que já estava em greve generalizada e completamente tumultuada, fazendo do

¹⁶ Anatoli Lunacharsky, ucraniano que viveu entre 1875 – 1933 e jovem integrou o movimento revolucionário o que lhe custou a deportação em 1898. Em 1904 uniu-se à ala bolchevique e estreitando laço com Lenin. Participou da Revolução de Outubro e tornou-se membro do Comissariado do Povo para Instrução Pública até 1929. Teve como companheira Natalya Rozenel.

navio suas exigências. A repressão mais uma vez chegou e calcula-se que o massacre foi maior que o de janeiro¹⁷.

Krupskaia voltou para a Rússia no final de 1905, com outro nome e em um momento diferente de Lenin, que já havia anunciado seu retorno aos camaradas, para não levantar suspeitas. A entrada na Rússia foi feita via Estocolmo. Primeiro ele foi e, dez dias depois, Krupskaia seguiu pelo mesmo caminho com a ajuda de finlandeses. A Finlândia também passava por uma revolução naquele momento, mas sua bandeira era a independência do Império Russo.

Ao embarcar no trem que ia da Finlândia até São Petersburgo, ou Pieter, como escrevia Krupskaia, percebeu que era seguida por um agente à paisana. Em meio à revolução finlandesa do “sufrágio nacional”, os agentes de perseguição política haviam sido detidos e eram considerados em extinção pelo povo finlandês. A Finlândia era um grão-ducado vinculado ao Império Russo que desejava independência, mesmo com uma determinada autonomia que era permitida pelo czar.

No vagão que Krupskaia estava, surgiu a conversa sobre as mudanças políticas e a independência do país, e ela aproveitou para falar sobre os agentes de perseguição. Todos afirmaram que eles estavam detidos e que não havia mais nenhum em ação. Krupskaia encarou seu perseguidor e afirmou que novos poderiam surgir. E o ativista finlandês que lá estava afirmou com convicção que se alguém identificasse algum, o mesmo seria rapidamente detido. O agente desembarcou na parada seguinte. (Krupskaia, 1937, p.80)

Assim que chegou, Krupskaia iniciou, em São Petersburgo, uma atividade revolucionária nos subúrbios. Lá encontrou, também, antigos alunos que agora eram convictos revolucionários bolcheviques e assumiu o cargo de secretária do Comitê Central do Partido “Socialista–Revolucionário”, que representava os bolcheviques.

¹⁷ Sobre o episódio, o cineasta russo Serguei Eisenstein, também conhecido como cineasta da revolução, fez o filme *O encouraçado Potemkin*. Filmado em 1925, vinte anos após a Revolução de 1905, o filme imortalizou a insurreição e foi um marco na produção cinematográfica soviética.

Em outubro, ocorreram várias manifestações generalizadas por cidades importantes da Rússia. Os bolcheviques tomam parte das manifestações, que simbolicamente tem seu auge no funeral Bauman, um militante bolchevique assassinado. Em dezembro, os operários de Moscou rebelam-se e tudo indicava o início de uma revolução. A revolução de dezembro não aconteceu, mesmo com a forte organização dos trabalhadores desde o ano anterior. As condições de trabalho haviam piorado. Os patrões atrasavam os salários de seus funcionários sem maiores explicações. O povo estava faminto, convivendo com o luxo e a ostentação da família imperial.

O czar incentivou os *progroms* – grupos de criminosos que promoviam ataques violentos contra minorias enquanto se consideravam defensores da pátria. O destaque foi para *progroms* antissemítas. O resultado da repressão por parte do czar, em 1905, foi de 15 mil mortos, aproximadamente, 20 mil feridos e 70 mil prisioneiros. Essa revolução foi um prelúdio à Revolução de 1917. (Cf. Serge, 1993)

Líderes revolucionários foram para o exílio, mas a ideia de revolução estava posta e faltava pouco para que acontecesse. Os membros dos soviets de São Petersburgo vão a julgamento, 15 serão condenados à deportação perpétua na Sibéria, dentre eles Trotski e Parvus. Vários camaradas foram detidos, Lenin era procurado pela Okhrana.

Nos últimos dias de 1905 Krupskaja participou da Conferência dos Bolcheviques da Rússia em Tammerfors, na Finlândia, ocasião em que conheceu o camarada Stálin, ou Koba como era conhecido naquele momento. Lenin e Stálin começaram a trocar cartas a partir daquele momento e mantiveram um diálogo. Lenin corria perigo em São Petersburgo e, por isso ficou na Finlândia, enquanto Krupskaja fez todas as relações entre ele e o Comitê Central. O Partido, que de fato continuava dividido entre bolcheviques e mencheviques, precisava se reorganizar após a repressão aos acontecimentos de 1905.

Em 1906, a *Duma* – Assembleia – foi retomada pelo czar, mas sem o direito ao sufrágio universal. Os ideais revolucionários que culminaram na Revolução de 1905 ainda estavam vivos, e era necessário acalmar os

ânimos da população de alguma forma. A retomada de *duma* era uma tática imperial nesse sentido. A disposição dos ideais imperialistas que sacrificavam a população mais pobre na guerra russo-nipônica voltaria em proporções maiores na primeira Guerra Mundial, que foi estopim para a volta da concretização do ideal de transformação.

Entre 1906 e 1907, Krupskaja locomovia-se constantemente entre Pieter e Finlândia. Em abril de 1907, o partido se reuniu na Finlândia. Krupskaja não participou, alegando que estava muito envolvida com o trabalho de secretária do Partido e tinha compromissos em Pieter, mas recebia as notícias de tudo que estava acontecendo através de Lenin. Depois de 1905, era difícil conseguir abrigo para viver na clandestinidade, até os neutros que acolhiam os bolcheviques começaram a negar abrigo para que pudessem passar a noite. (Krupskaja, 1937, p.101)

No final de 1907, Krupskaja se transferiu com Lenin da Finlândia para a Suíça, porque a polícia iniciava uma série de investigações depois do movimento “sufrágio nacional”. A volta para Genebra foi feita via Berlim e na ocasião passaram uma noite na casa de Rosa Luxemburgo, que Lenin havia conhecido em um congresso em Stuttgart, quando ambos se posicionaram contra a guerra.

Na viagem entre Berlim e Genebra, Krupskaja e Lenin passaram mal e sentiram uma espuma branca nos lábios e tiveram que procurar um médico. Descobriram uma intoxicação alimentar causada pelo consumo de um peixe e tiveram que passar duas noites em um hotel, enquanto se recuperavam, e continuaram sua viagem até Genebra, onde chegaram em janeiro de 1908. Durante a viagem, mais uma vez usaram nomes falsos, Lenin como cozinheiro finlandês e Krupskaja como cidadã estadunidense.

No livro *Mi vida com Lenin*, Krupskaja considera que, com sua chegada à Genebra, deu início ao segundo período de imigração de sua vida, que durou até a Revolução de 1917, quando pode, enfim, voltar a viver na Rússia. Os anos de 1908 até 1911 foram de intensa perseguição aos ativistas do Império Russo, com o governo praticando sentenças de mortes frequentes, enquanto afirmava praticar “justiça” imediata a todos os rebeldes. Foram anos difíceis também para a manutenção do partido, principal-

mente por causa das campanhas realizadas por mencheviques contra a doutrina materialista. *Os anos 1908–1911 foram muito distintos de uma simples temporada no estrangeiro. Foi um período de rudes combates na frente mais importante: na frente das ideias.* (Krupskaia, 1937, p.112)

Em 1908, moraram na Suíça, primeiro em Genebra, depois em Zurique. De lá se mudaram para Paris e a atividade militante do casal não parou, ao contrário, estava ainda mais forte após 1905. Ambos escreviam no intuito de manter viva a luta pelas igualdades. Os anos de 1909 e 1910 foram os piores anos de exílio de acordo com Krupskaia.

No final de 1908, seguiram para Paris, para uma Conferência do Partido que deveria acontecer no dia 21 de dezembro e que teria a participação da ala menchevique, porém, pouco antes da conferência, os mencheviques reuniram-se na Basileia, na Suíça e adotaram uma série de posturas que configuraria no seu papel dissidente dentro do partido.

As dificuldades assinaladas por Krupskaia (1937, p.131) em Paris iniciaram com a própria instalação na cidade. Só para ter o acesso ao gás na residência alugada, precisou ir três vezes ao centro da cidade para conseguir um papel que autorizava ter gás em casa, o que a levou afirmar que *a França é o país onde o burocratismo é monstruoso.*

Na conferência, realizaram algumas mudanças: o periódico oficial do partido deixou de ser o *Iskra* e no seu lugar ficou o periódico *Socialdemocrata* como órgão central de publicação do Partido. Decidiram que a redação do jornal ficaria a cargo de Lenin, Zinoviev, Kemenev, Martov e Markevski. Lenin acreditou que Martov tinha renunciado ao seu menchevismo, ou oportunismo, por isso iniciaram juntos o trabalho de redação.

Na França, o local de trabalho ideal era a Biblioteca Nacional por sua estrutura e era preciso o uso, por Lenin, de uma bicicleta para chegar até o local, enquanto Krupskaia preferia trabalhar em casa. Porém sua bicicleta foi roubada e quando ele foi reclamar à mulher que lhe cobrava uma moeda por dia para a deixar na escadaria de um prédio, vizinho à BNF, recebeu como resposta que a moeda era para pagar o estacionamento e não para que ela vigiasse. (Cf. Krupskaia, 1937)

Um grupo menchevique, no qual estavam Gorki e Lunacharski, fundaram uma escola de propaganda para os trabalhadores em Capri, na Itália. Lenin se correspondia com alguns alunos de escola, que esperavam ansiosamente sua visita e participação ativa na escola. O bolchevique se recusou categoricamente e, como justificativa, abordou a característica dissidente da escola dentro do Partido. As conversas entre Lenin e alguns alunos acarretaram a expulsão de cinco alunos da escola que se declararam abertamente partidários das ideias bolcheviques.

O enfoque de Krupskaja e Lenin na luta revolucionária sempre foi a Rússia, mas, inevitavelmente, acabaram por acompanhar o movimento dos trabalhadores franceses enquanto estavam em Paris e acompanharam a propaganda eleitoral de 1910. Uma campanha que na interpretação de Krupskaja foi mais de ataques pessoais recíprocos do que propriamente de discussão em torno dos problemas políticos.

Dois políticos franceses conhecidos são citados por Krupskaja, que comprovou o enorme poder de Jaurés¹⁸ sobre a multidão quando discursava, mas esse discurso não a impressionou porque notou que tudo que era dito estava calculado, *até a última palavra*. Preferia assim, o discurso de Vaillant¹⁹, por quem os trabalhadores tinham um afeto particular. Lembrou-se de um trabalhador que visivelmente tinha saído de seu trabalho para o discurso de Vaillant e que, com as mangas da camisa dobradas, estava absorvido pelo discurso, assim como as crianças demonstravam a mesma feição de interesse. (KRUPSKAIA, 1937, p. 136)

Enquanto estavam na França, estiveram na casa dos Lafargues. Lenin aproveitou para discutir filosofia com Paul Lafargue e Krupskaja foi até o jardim com Laura. Desse dia registrou duas impressões que se fixaram fortemente: sua postura abobada por estar diante da filha de Marx e uma frase dita por Laura a Paul quando retornaram à sala. Disse Laura que logo Paul provaria até que ponto era sincero em suas concepções filo-

¹⁸ Jean Jaurès: político francês que viveu entre 1859 e 1914, quando foi assassinado. Primeiro presidente do Partido Socialista francês, destacou-se por sua luta contra a desigualdade e em favor do pacifismo.

¹⁹ Édouard Vaillant: já citado nesta tese como *communard* responsável pela educação durante a Comuna de Paris. Fez um poema em homenagem à Louise Michel.

sólicas, que a princípio parecia sem sentido para Krupskaja, que só entendeu o real significado quando ficou sabendo que o casal Lafargue se matou no ano seguinte. Aos dois materialistas, somente fazia sentido viver para lutar e, sem luta a vida perdia o sentido. (Krupskaja, 1937, p.140–141) Paul tinha 69 anos e Laura 66 anos quando cometeram suicídio.

Entre 28 de agosto e 3 de setembro de 1910, aconteceu o Congresso Socialista Internacional de Copenhague, que foi o oitavo congresso da II Internacional. Lenin e Rosa Luxemburgo colocavam a necessidade de uma união socialista mundial para a derrubada da burguesia e para uma oposição geral a qualquer ameaça de guerra. Os social-democratas de esquerda realizaram uma reunião à parte durante o congresso.

Mais uma vez a social-democracia russa ficou marcada com o espírito de divisão. Trotsky empanhou-se em atacar os bolcheviques, mas, dessa vez, Plekanov se posicionou contra Trotsky, o qual observava desde o congresso de 1903 e concluiu não ser uma boa parceria. As mais variadas tendências apareceram durante o congresso.

Após o congresso, Lenin foi visitar sua mãe que havia adoecido e seria a última vez que a encontraria com vida. Em 20 de novembro de 1910, Tolstói morreu em uma estação de trem na Rússia o que desencadeou uma série de manifestações por todo império russo, incentivada principalmente pelos seguidores do literato, mas que se propagou entre representantes da esquerda.

Para Krupskaja, 1911 foi início de um novo esforço revolucionário, assim como uma nova fase em Paris, ano em que estreitaram relações com a francesa Inessa Armand, que havia vivido a maior parte de sua vida na Rússia e era casada com Alexandre, um rico industrial da Rússia que nunca a abandonou²⁰. Recém-chegada de Bruxelas com seus três filhos, duas

²⁰ Inessa nasceu em Paris, em 1874, mas ainda jovem mudou-se com seus pais para Rússia. Lá trabalharam com a família Armand e Inessa casou-se, em 1893, com Alexandre Armand, filho de seus patrões, com que teve quatro filhos. Assim que casou teve oportunidade de aprender quatro línguas, piano e estudar muito. Depois, Inessa acabou se apaixonando por seu cunhado Vladimir, nove anos mais novo, com quem saiu de casa para viver um romance em 1900. Alexandre sabia do caso, mas mesmo assim não se separou de Inessa a quem amava profundamente. Desse relacionamento, Inessa teve um filho em 1903. Em 1905, tomou parte da revolução e tornou-se uma bolchevique convicta seguindo sempre

meninas e um menino, Inessa que desde a Revolução de 1905 era uma bolchevique convicta reuniu em torno de si a esquerda russa em Paris, ou um número considerável de camaradas, nas palavras de Krupskaja.

Figura 5: Inessa e Alexandre Armand (1895)



Fonte: http://www.pseudology.org/people /Armand _ Inessa.htm

Figura 6: Inessa Armand por volta de 40 anos



Fonte: <http://all-photo.ru/portret/index.ru.html?kk=aa6cc54 d96&img=28815&big=on>

Não se sabe precisar quando Lenin e Inessa se conheceram realmente, mas os dois participaram do congresso de Copenhague em 1910, mesmo ano que Inessa se instalou em Paris com seus filhos. Nas recordações de Krupskaja não há nenhuma afirmação explícita ao romance dos dois, porém ela coloca os anos após a chegada de Inessa como um momento melhor da vida em Paris. Há uma divisão entre os anos de instalação na cidade, que foram os piores que viveram e os dois que se seguiram como de militância e crescimento do movimento.

na luta. Vladimir teve problemas com o exército, acusado de conspiração e foi exilado, Inessa foi ao seu encontro na Finlândia, onde estava internado no hospital. Após a morte de Vladimir, em 1908, dedicou-se à luta comunista e foi assim em um curto tempo conheceu Lenin, com quem teve um longo caso amoroso.

As observações de Krupskaja sobre Inessa também são sensatas, afirmando que ela era uma grande revolucionária, inteligente e, que auxiliou muito no Partido. Os três, Lenin, Krupskaja e Inessa, conviveram anos muito próximos e desenvolveram juntos projetos como uma escola de formação de trabalhador.

Ducret (2011) que em sua obra mais parece empenhada em destruir – ou desconstruir na linguagem em voga – Krupskaja, coloca-a como submissa e deixada de lado nesse momento. Também se preocupa muito em ressaltar toda a beleza e a inteligência de Inessa, depreciando tudo que fosse relacionado às ações de Krupskaja, como se para afirmar a força de uma fosse necessário rebaixar a outra.

As concepções de alguns comunistas da época era simplesmente que casamento não implicava propriedade privada, como desejavam as famílias burguesas. E depreciar uma pessoa para ressaltar outra não funciona academicamente. Acredita-se que Lenin esteve sim envolvido nesse período com duas importantes e fortes mulheres militantes. Alguns textos sobre a vida de Inessa sugerem que Krupskaja tinha em si como causa maior a revolução comunista e, por isso teria deixado para trás qualquer coisa de ordem pessoal para ressaltar a necessidade da revolução.

Os comunistas, socialistas e anarquistas eram malvistas em todos os países. Eram entendidos como agitadores e a ordem geral era eliminar suas ações e ideias. Ideias que, na verdade, embalavam sonhos de igualdade e de justiça social. Sonhos que impulsionavam práticas. Práticas que tiravam o sono dos capitalistas.

Losurdo (1997, p.74) afirma que, desde os primeiros anos do século XX os governantes capitalistas pensavam formas de desmobilização do movimento socialista, ressaltando um escrito de Vilfredo Pareto, em 1904, na Itália que apresentava a guerra como uma forma de retardar em meio século o socialismo.

Em 1910, por ocasião dos cortejos fúnebres do rei Educardo VII, ressaltou as palavras do estadista estadunidense Theodore Roosevelt que:

[...] formula nestes termos sua filosofia política e social: a ordem "será mantida a qualquer custo; se for preciso disparar, disparare-

mos, e não tiros de festim ou acima das cabeças das pessoas"; "agrada-me ver as tropas ou a brava Guarda Nacional malhar a multidão, sem excessivos escrúpulos pelo derramamento de sangue"; "como foi suprimida a Comuna de Paris, assim se podem suprimir os sentimentos que animam agora uma grande parte do nosso povo, tomando dez de seus líderes, colocando-os contra um muro e fuzilando-os. Penso que se chegará a isto". (LOSURDO, 1997, p.72)

A primeira Guerra Mundial, para Losurdo (1997) foi encarada, entre outras coisas, como uma forma de destruir o comunismo, jogá-lo para trás e transformar a ideia de *operários de todo o mundo: uni-vos* em *operários de todo o mundo: assassinai-vos*. Nesse contexto, um funcionário do Ministério do Interior do governo czarista, Sergei Vasilievich Zubatov, teve uma ideia: promover uma espécie de sindicato amarelo sob o olho vigilante da polícia, com o objetivo de arrancar do movimento tendencialmente socialista a sua base social.

No início da guerra, um sentimento patriótico surgiu, mas com o passar dos anos a crise interna russa se agravou, assim como a fome, inflação e desemprego. Milhões de soldados foram mortos e vários outros estavam mutilados. À custa da exploração das classes mais pobres a burguesia e nobreza insistiam na guerra pensando nas possíveis anexações territoriais.

Nos anos anteriores à guerra, o cenário se delineava com a separação entre a esquerda e a direita. Em 1911, dois periódicos começaram a circular oficialmente na Rússia, "A Estrela" em Pieter e "O Pensamento" em Moscou, os dois aceitavam abertamente a participação de bolcheviques. Dessa forma, Lenin escreveu para ambos. No ano seguinte, "O Pensamento" foi proibido em abril e "A Estrela" em junho.

Assim como os capitalistas fortaleciam sua linha de luta, os grupos de esquerda, mesmo com todas as divergências internas também se fortaleciam no cenário internacional e incomodavam por isso. Lenin e Krupskaja acompanhavam os discursos bélicos europeus e preconceitos dirigidos a vários grupos e minorias étnicas do período que estavam por toda Europa, mas também ampliavam suas redes de colaboração com os exilados russos e com outros socialistas. Vários artigos leninistas aparece-

ram no jornal *Pravda*, como forma de organizar a política revolucionária na Rússia. (Cf. Krupskaja, 1937)

Em 1911, Lenin, Inessa, Krupskaja fundaram em Longjumeau, nos arredores de Paris, uma escola livre para trabalhadores. Krupskaja lecionava na escola, assim como Inessa que ainda abrigava em sua casa alguns alunos que para lá se dirigiam. Sergo, um georgiano que depois participou da Revolução Russa, foi um desses alunos. Na verdade, professores e alunos viviam praticamente no mesmo espaço da escola, com habitações separadas, mas convivendo em áreas comuns, como acontecia com o refeitório local.

Krupskaja, nesse período, era responsável por fazer as relações com os camaradas que estavam em Paris e frequentemente precisava se deslocar até a capital para esse contato. Em Paris, havia cerca de quarenta bolcheviques agindo ativamente.

Uma Conferência do Partido foi marcada para Praga. Alguns camaradas, como Lenin, já haviam seguido para lá. Na ocasião, Krupskaja recebeu na escola um russo de nome Brendinskin, que era falso. Ele chegou contando várias histórias, inclusive de sua recente saída da prisão e, dizia se dirigir para o congresso do partido. Desconfiada, Krupskaja montou um esquema com outros bolcheviques, para confirmarem sua informação de que o congresso seria na Bretanha e enviou o bisbilhoteiro para lá.

Brendinskin tinha feito um acordo com a polícia czarista para levantar informações, tanto que depois ganhou uma casa do czar nos arredores de Paris no valor de quarenta mil francos. O caso não foi o único, infelizmente, dois ex-alunos da escola de Capri se integraram ao congresso com o mesmo objetivo, mas, por seus contatos com membros do partido, não tiveram problemas para saber o verdadeiro local de reunião.

A Conferência de Praga fez com que alguns mencheviques saíssem do Partido e formou uma rede secreta de colaboração entre os bolcheviques, que traçariam trabalhos práticos para uma ação efetiva. Lenin começou a analisar seus erros, a fim de melhor direcionar as lutas do partido.

O projeto de escola de formação não deu certo e os três voltaram a viver em Paris, o movimento dava sinais de regressão e Krupskaja se envolveu mais diretamente com uma atividade com mulheres. Alguns ex-alunos que haviam passado pela escola de Longjumeau demonstraram-se, na prática, mencheviques. A principal demanda era que estavam muito distantes da Rússia e de seus acontecimentos.

Em 1912, Lenin e Krupskaja mudaram-se para Cracóvia e ficaram mais perto dos acontecimentos do Império russo e das organizações operárias que continuavam sua luta. O clima da Cracóvia lembrava mais o da Rússia e Krupskaja sentia-se em casa, até porque havia morado lá por algum tempo quando criança, por volta dos cinco anos de idade, acompanhando os trabalhos de seu pai como oficial do exército russo. Lá foi mais fácil traçar ações de aproximação com a Rússia e a polícia polonesa não estava vinculada à polícia czarista, por isso não se interessava pelas ações dos russos comunistas, nem por suas correspondências. Até conseguirem sua própria casa, instalaram-se na casa de Zinoviev, que Krupskaja recordava ser uma casa extremamente suja. Instalados na Cracóvia, aprenderam com camaradas poloneses como agir para não serem localizados. (Cf. Krupskaja, 1937)

Um cuidado se dava com a correspondência: nunca postavam cartas da Polônia para a Rússia. Para enviar as correspondências, pagavam russos que iam comercializar na cidade para que postassem as cartas de dentro do território russo, assim não chamavam a atenção da polícia russa. Outra estratégia para permanecer no anonimato era comprar os “semi-passaportes”, que custavam pouco e permitia a entrada no território russo sem serem reconhecidos. Stálin foi um dos exilados que usou o “semipassaporte” para entrar na Rússia. (Cf. KRUPSKAIA, 1937, p.170)

Lenin e Krupskaja, em menor intensidade, passaram a contribuir para o *Pravda* – “Verdade”–, fundado em abril de 1912 pela ala bolchevique do Partido, que começou legalmente a ser publicado em São Petersburgo, mas circulava em outras cidades russas.

No Partido, Krupskaja continuava como auxiliar de Lenin e desenvolveu o trabalho de organização, ligando-o à Rússia mais diretamente.

Krupskaia, nos anos seguintes, assumiu a criação, na Rússia, de uma publicação diária legalizada para mulheres operárias. A luta se fortaleceu, mas o cotidiano era um pouco mais duro que o de Paris pelas comodidades que existia na capital francesa, como aquecimento a gás.

Inessa também saiu de Paris acompanhada do camarada Safarov com destino a São Petersburgo, no caminho pararam por dois dias na Cracóvia. Mantiveram contato constante com Lenin, fornecendo informações de tudo que acontecia na Rússia e fortalecendo lá a luta comunista e organizando a campanha eleitoral dos bolcheviques.

Esse também foi o ano de eleições na *Duma* e havia uma mobilização bolchevique para eleger representantes, mas somente seis cidades puderam escolher seus próprios representantes com seus votos, todas as outras recebiam por indicação os membros da *Duma*. Em cada cidade que poderia escolher seus membros, ao menos um representante bolchevique conseguiu ser eleito.

Em 1913, o Império Russo viu a celebração de três séculos de poder da dinastia Romanov, que promoveu uma festa em comemoração ao seu império. Os desmandos da família também foram lembrados pela população que continuava afligida pela miséria e não havia esquecido as duras repressões praticadas pelos mesmos Romanovs. Enquanto a família Romanov comemorava, o movimento de oposição ganhava adeptos entre os trabalhadores. (Cf. Serge, 1993)

Em fevereiro, Stálin foi recebido na casa de Krupskaia e Lenin estreitou as relações com o novo camarada, inclusive, o recomendou a Gorki como alguém que poderia escrever para os jornais revolucionários. Stálin ficou alguns dias na Cracóvia e, assim que voltou para a Rússia, foi preso.

Nesse mesmo ano, já havia um reconhecimento do grupo da Cracóvia na organização do Partido. Lenin empenhou-se em reler Marx e na redação do texto *As três fontes e as três partes constitutivas do socialismo*, enquanto Krupskaia se comprometeu em organizar reuniões e conferências para a fundação da Internacional Comunista. Nesse período Krupskaia teve problemas de saúde relacionados à disfunção da tireóide, precisou

consultar médicos por causa disso, passou o inverno de 1913 doente e precisou se cuidar.

Em 8 de março de 1914, publicou-se o primeiro número de uma revista popular, “A trabalhadora”, que discutia essencialmente a questão de mulher. Krupskaja enviava seus artigos da Cracóvia, assim como Lilina, uma camarada bolchevique, para a publicação. De Paris, Inessa e Stahl, que era uma feminista, enviam correspondências. Ao todo sete números foram publicados, o oitavo, que deveria trazer notícias do congresso socialista feminino, foi impedido por causa do início da guerra. (KRUPSKAIA, 1937, p.203)

Às vésperas da “Guerra Imperialista”, nos dizeres de Lenin, cresce o sentimento de chauvinismo e de nacionalismo reacionário. O problema é que esses sentimentos também brotaram no seio da social-democracia da época. Os anos de guerra acabaram por demonstrar algumas contradições da esquerda. Alguns optaram por aderir à guerra e ao nacionalismo, deixando de lado os princípios internacionalistas.

Alguns membros da social-democracia tinham clara a necessidade de oposição à guerra, a qualquer custo, pois compreendiam bem que, mais uma vez, os trabalhadores e as classes mais pobres é que pagariam a conta dessa disputa. Outro ponto de vista complementar era o quanto a guerra representava luta contra o movimento operário internacional, que cada vez mais conseguia seus adeptos e que poderia ser retardado com uma disputa mundial.

No início da guerra, Krupskaja e Lenin estavam instalados na Cracóvia, mas resolverem se instalar na cidade de Poronin, que era mais tranquila. Nesse período, as oposições entre bolcheviques e mencheviques tomam maiores proporções, Lenin como representante bolchevique estava incomodado com a má propaganda que Trotski, líder menchevique, fazia em relação ao seu grupo.

Logo nos primeiros dias de guerra, policiais invadiram a casa de Lenin e Krupskaja alegando uma denúncia de vizinhos e vasculharam tudo. Pelas perguntas que faziam e pela postura dos policiais logo souberam que eles não sabiam quem eles eram, mas o policial afirmou que Le-

nin deveria seguir com os policiais. Para não criar maiores problemas aceitou segui-los logo pela manhã e foi detido na cidade vizinha de Nowy Targ.

Todos os dias Krupskaia ia até a prisão para visitar Lenin, enquanto buscava ajuda de camaradas e de advogados para conseguir sua libertação. Depois de alguns dias, sem qualquer prova que incriminasse Lenin, deixaram-no sair de prisão, mas o casal ainda ficou oito dias em observação, antes de poder retornar para Cracóvia.

Da Cracóvia, o plano era retornarem para Suíça, que era um país neutro durante a guerra. Antes disso, precisavam sacar um dinheiro que estava depositado no banco da Cracóvia. A tia de Krupskaia havia morrido na Rússia, sua mãe e ela eram herdeiras e por isso receberam 4 mil rublos em dinheiro, ícones, talheres de prata e outros objetos de valores. Recuperar o dinheiro em tempos de guerra envolveu a contratação de um advogado de Viena, que prestou o serviço por metade do valor que elas desejavam recuperar. Sem opção, fizeram o acordo e ficaram com dois mil rublos. Esse dinheiro permitiu a sobrevivência durante os anos de guerra até a volta para a Rússia em 1917. Por causa desse dinheiro que Krupskaia recebeu de herança que Lenin foi acusado de receber dinheiro para ser espião dos alemães. (Krupskaia, 1937, p.216)

Afirmou Krupskaia que hesitaram entre Genebra e Berna para escolher onde morar. Como já haviam morado em Genebra, simpatizavam mais com essa cidade, mas em conversa com alguns amigos, souberam que a cidade não era mais a mesma e, como muitos camaradas estavam em Berna, viram possibilidade de organização. A primeira coisa que fizeram ao chegar em Berna, foi, justamente, realizar uma reunião com todos os bolcheviques locais.

A oposição à guerra veio pelo Comitê Central do partido, nas palavras dos bolcheviques “Abaixo à guerra! Guerra à guerra!”. Como parte da vertente menchevique, Plekanov discursou aos voluntários parisienses que marchavam para guerra, incentivando-os e afirmando que fazia em nome dos “republicanos russos”.

O partido estava dividido em dois. Kautski e Trotski se empenhavam contra as ideias e as ações de Lenin, constantemente se pronunciando ou escrevendo sobre isso. Lenin por sua vez se viu obrigado a apontar quem era quem no cenário de Internacional. Esses ataques entre camaradas não foi exclusividade dos russos, vários outros grupos precisaram apontar as divergências e seus significados na esquerda mundial.

Karl Leibknecht, F. Mehring, Rosa Luxemburgo e Clara Zetkin, em 10 de setembro, assinaram uma declaração protestando contra a ação da maioria dos social-democratas, que tinham se esquecido do significado de suas lutas, e deixaram-se levar pela manipulação imperialista daqueles que criaram a guerra.

Inessa voltou para perto de Lenin e, conseqüentemente, de Krupskaja, que registrou em suas memórias o primeiro ano de guerra como o ano que Lenin começou a traçar projetos de luta. Os projetos foram abraçados por Inessa que trabalhou na tradução de correspondências em francês e em inglês para Lenin, enquanto Krupskaja se dedicava a aprender o italiano. Algumas vezes, Inessa colocava-se a costurar alguma blusa ao sol do outono, porque não estava recuperada do tempo que ficou na prisão.

Em março de 1915, Krupskaja participou, como delegada russa, da Conferência Internacional de Mulheres, em Berna, organizada por Clara Zetkin. Sua luta maior era pelo desenvolvimento do comunismo, porém para sua completa realização pensar as condições da mulher e buscar seus direitos era parte da defesa comunista.

Clara Zetkin era secretária da Oficina Internacional das Mulheres Socialistas e levou consigo maior e mais organizada delegação do congresso, de acordo com Krupskaja (1937, p. 234), que integrou a delegação russa. Boa parte das correspondências de preparação do Congresso passou por Inessa Armand, que tinha facilidade em tradução e conseguia contactar um número grande de mulheres. Outras delegações participaram e diferente do congresso geral dos socialistas, a nacionalidade dos participantes não fez diferença na discussão internacionalista. As mulheres que participaram da Conferência escreveram a Resolução de Berna, na qual firma-

vam seu posicionamento contra a guerra, contra o nacionalismo e o chauvinismo, tão impulsionados pelos imperialistas e combatidos pelos internacionalistas

Figura 7: Clara Zetkin e Krupskaia



Fonte: KRUPSKAIA, s.d. Introdução de *Mis recuerdos* (Lenin)

Nesse mesmo período, Krupskaja retomou sua relação com a pedagogia e publicou o folheto *A instrução popular e Democracia*. Seu envolvimento com a educação tomou maiores proporções através da exaustiva produção de textos voltados à construção de uma educação comunista. Na Rússia, é lembrada como a primeira educadora comunista.

Em 17 de abril, Berna abrigou a Conferência Internacional das Juventudes Socialistas, que seguiu a mesma linha da conferência feminina sem, contudo, a participação de Krupskaja. O falecimento de sua mãe afe-

tou suas condições de saúde, já que era portadora de Basedow²¹. Por recomendação médica ficou um tempo nas montanhas para repousar. Lenin foi com ela e se hospedaram em uma pensão barata, em Sorenberg, e lá passaram o verão.

Conseguiram acesso aos livros em qualquer lugar que estivessem na Suíça, bastava enviar uma carta solicitando o livro que as bibliotecas de Berna ou Zurique enviavam até onde estavam e tudo isso gratuitamente. Depois da leitura, bastava enviar novamente o livro à biblioteca, o que era fácil com o serviço de Correios que eles possuíam. Krupskaia em suas memórias aproveita para comparar as facilidades Suíças com a burocracia francesa que tanto a incomodava. (Krupskaia, 1937, p. 237)

Ainda nesse verão, Inessa foi hospedar-se com o casal e mais uma vez as recordações de Krupskaia sobre a convivência dos três são agradáveis, lembrando que ela tocava piano pela manhã inspirando o trabalho que cada um escolhia fazer, sentados no jardim. Depois da comida saíam para caminhar e tinha belas vistas dos Alpes, mesmo sem conseguirem chegar ao topo.

Do idílico verão de 1915, em meio da guerra, acompanhavam todos os pormenores do que acontecia com a esquerda mundial. Era da Alemanha que chagava a maior parte das notícias pela força da social-democracia alemã, com os folhetos de Rosa Luxemburgo, mas também pela forte repressão que sofriam, mas que não faziam desistir da luta. Lenin também redigiu com a colaboração de Zinoviev, o folheto *O socialismo e a guerra*, esclarecendo alguns pontos importantes do socialismo, da teoria de Marx e Engels e dos tipos de guerra que podem ser travadas, reforçando o caráter imperialista da guerra que naquele momento já durava um ano. Pontuou os equívocos de alguns camaradas ao defender a guerra e o chauvinismo, sentimento que foi amplamente trabalhado na população europeia. Depois de uma ideia geral sobre os conceitos, na Europa, abordou singularidades da Rússia e a necessidade de uma reconstrução da II Inter-

²¹ Sua disfunção da tireoide provocou uma doença auto-imune, também conhecida como Basedow-Grave. Nessa disfunção alguns efeitos colaterais podem acontecer como a formação do bocio (ou papo), olhos saltados, e uma série de complicações na saúde.

III

REVOLUÇÃO RUSSA E GOVERNO SOVIÉTICO

Impossível iniciar esse tópico sem recordar o questionamento colocado por Hobsbawm, no livro *Sobre História*, “Podemos escrever a história da Revolução Russa?”. À pergunta, Hobsbawm responde que sim, porém a história que se pode escrever não é definitiva. O historiador refere-se ao material que ainda não se teve acesso, fontes de pesquisas fundamentais para a compreensão da revolução que estão guardadas.

Não se tem a pretensão de escrever a história da Revolução Russa e, simplesmente, busca-se fornecer alguns dados para uma compreensão geral do processo revolucionário no qual Krupskaia se inseriu.

Utilizando-se de relatos de Philips Price, correspondente do jornal *Manchester Guardian*, que conhecia o russo e fez uma viagem de várias semanas pela província do Volga, Hobsbawm aponta que a Revolução de Outubro era inesperada. Philips Price considerava os bolcheviques, ou nas suas palavras os maximalistas²² como loucos que sonhavam com a revolução social. Inclusive, enviou um artigo para Manchester, falando de como os fanáticos maximalistas sonhavam com o poder, quando o artigo chegou os bolcheviques haviam tomado o poder, por isso o jornal mudou o título da matéria por conta própria. (Cf. Hobsbawm, 1998, p.259)

Até o início de 1917, Krupskaia ainda estava na Suíça, onde Lenin se dedicava amplamente aos estudos teóricos. Em 22 de janeiro, Lenin fez um discurso para jovens na Casa do Povo em Zurique, no qual colocou a Revolução de 1905 como um prólogo de uma Revolução Europeia que estaria por vir e que deveria romper com as amarras do capital.

²² O termo maximalista era empregado aos bolcheviques por causa de suas máximas exigências de mudanças.

3.1 O QUE FOI A REVOLUÇÃO RUSSA?

Para Lenin, o principal presente oferecido por Nicolau II para revolução foi justamente a entrada da Rússia na Primeira Grande Guerra. O ódio do povo russo contra o tzarismo só aumentou no desenrolar da Guerra e, assim, derrubar esse império passou a ser um dever sagrado para a defesa da pátria. (FERRO, 2004, p.15)

Durante a guerra, os partidos de oposição fragmentaram-se nas mais diversas posições e divergências, alguns até apoiaram a defesa do território como um ato necessário e patriótico, outros iam completamente contra entrar nessa disputa. Independentemente dos posicionamentos, a Rússia entrou na guerra e as consequências foram sentidas pela população mais pobre.

Não podendo se abastecer com produtos industriais, os camponeses diminuíram o fornecimento às cidades: para que rublos inúteis? Logo, nas grandes cidades, os preços agrícolas subiram tão depressa quanto os preços industriais. Chegaram a tal altura que em 1917 tinham atingido três a cinco vezes seu montante em 1914; os salários não os acompanharam e o número de grevistas cresceu também de maneira fulminante: em 1916 ultrapassou um milhão.

A alta dos preços, a penúria, as filas de espera: o sistema econômico emperrara, na produção, na distribuição, no consumo. O tzarismo reagiria? (FERRO, 2004, p.24)

O tzar implantou os cartões de racionamento para a população. Com pouca comida, tendo que abastecer o exército durante a guerra, racionar foi medida escolhida, porém as cotas de consumo eram insuficientes e a população não conseguia ter acesso aos produtos mais básicos de alimentação. O descontentamento popular com a situação cresce. A população desejava o final da guerra, mas o tzar estava firme em seus propósitos imperialistas.

O inverno russo de 1916/1917 foi extremamente rigoroso: a temperatura caiu tanto que as camponesas se recusaram a sair para vender alimentos e, mesmo os trilhos dos trens ficavam completamente cobertos de neve, faltava alimento e a guerra continuava. Nicolau II foi para o front

pensando que a situação estava controlada. Subitamente a temperatura tinha ido de 14,5 abaixo de zero para 8 graus positivos e a população que estava com fome e confinada foi para a rua ver o sol. (Cf. Pipes, 2008, p.92–93)

Em 23 de fevereiro de 1917, no dia internacional das mulheres no antigo calendário russo – 8 de março na Europa ocidental – apoiadas pelos operários as tecelãs entram em greve entoando gritos de “pão e paz”, na porta da *Duma*. O movimento foi pacífico, mas preocupou o governo tsarista. Movimentos semelhantes se espalham, tendo as mulheres à frente na luta por igualdade de direitos. Trabalhadores desejavam o fim da guerra e fizeram passeatas exigindo o fim da guerra e também o fim da autocracia no dia 24 de fevereiro. No dia seguinte os gritos eram dirigidos à tsarina: “abaixo a mulher alemã”.

Foram cinco dias seguidos de protestos, que tiveram as mulheres como protagonistas. No quarto dia a população tentou conversar com os soldados que acabavam respondendo amigavelmente. Diante do diálogo estabelecido, os oficiais deram ordens de tiros: primeiro para cima e depois para o chão e na sequência tiros direto nos manifestantes. Alguns soldados imperiais vacilantes acabam entregando as armas, depois de derrubarem manifestantes.

Nessa noite, um grupo de soldados inconformados com a ordem de atirar contra a população amotinou-se contra os oficiais e recusaram acatar as ordens. No último dia, os soldados imperiais, desobedecendo completamente às ordens, se juntaram a população. Era o início da revolução de 1917.

A história do curto ano de 1917, entre a queda do tsar e a insurreição de outubro, fio a história do crescimento rápido, embora ziguezagueante, dessa onda, batendo contra a intransigência e a insensibilidade do governo provisório, que, temendo perder o controle dos acontecimentos, perdia a iniciativa política, agarrado a suas equações conservadoras, condicionando as reformas desejadas ao fim da guerra e à convocação da Assembleia Constituinte. (REIS FILHO, 2003, p.60–61)

A revolução de fevereiro marcou o fim da autocracia russa com a abdicação de Nicolau II em favor de seu irmão, que não assumiu o império. Porém, para a população revoltosa, o tzar tinha ido longe demais e simplesmente abdicar do cargo não era o suficiente, a família ficou sob vigilância, primeiro no Palácio de Inverno, depois foi transferida para outros lugares.

Formou-se o governo provisório que seria controlado pelos *soviets*, representante dos anseios populares. O Governo Provisório por sua vez deixa de lado as aspirações do *soviet* e a Rússia passa por uma dualidade de poder. Por um lado, os *soviets* buscavam mudanças reivindicadas pelos trabalhadores e por outro o Governo Provisório, representado pela *Duma*, desejava um governo conciliatório sem grandes mudanças. O governo provisório foi instaurado em 2 de março, com abdicação de Nicolau II e em comum acordo entre os dois órgãos representativos. A rápida volta de exilados teve influência na situação instalada.

Keresnki, presidente da *Duma* e vice-presidente do *Soviet*, desejava que todos se unissem em um governo provisório, mas de modo geral os socialistas consideravam que a revolução não estava concluída, ou que teria chegado apenas à sua fase burguesa. Em votação direta o *soviet* oferece seu apoio ao governo provisório em sua maioria, perdendo a esquerda, que desejava ir além, nesse primeiro momento.

Os *soviets* também eram órgãos que fiscalizavam o governo nas implementações de reformas democráticas que futuramente permitiriam a instalação do socialismo. Esses órgãos espalharam-se por toda a Rússia tendo como maior influência entre eles o *Soviet* de São Petersburgo.

A notícia da revolução de fevereiro chegou rapidamente por telegrama até Lenin na Suíça, que desejou estar na Rússia naquele momento, mas não sabia como fazer em meio a guerra mundial para atravessar fronteiras e chegar até a Rússia sem ser detido. Escreveu para alguns camaradas, mas escreveu principalmente para Alexandra Kollontai e começou a planejar seu retorno, havia chegado o momento da Revolução. (Cf. Krupskaja, 1937)

Em 18 de março na Suíça, Kollontai entrou na Rússia e Lenin foi a um centro industrial suíço, era o dia de comemoração da Comuna de Paris. Ele aproveitou mais uma vez para refletir sobre a Comuna e principalmente como aproveitar desse movimento revolucionário o seu melhor, sem cometer os erros já cometidos. No dia seguinte, uma reunião com internacionalistas buscava traçar estratégias para voltar para Rússia. Martov sugeriu conseguir uma autorização para passar pela Alemanha, em troca de prisioneiros alemães e austríacos que estavam na Rússia, ninguém sustentou esse projeto, somente Lenin o recebeu com entusiasmo.

Os exilados políticos podiam voltar para casa, assim com a ajuda de Fritz Platten, um internacionalista suíço, Lenin e Krupskaja conseguiram iniciar sua volta para casa. Foi necessário um acordo por escrito com o embaixador alemão na Suíça, e teve como parágrafos essenciais:

1 – Os emigrados de qualquer situação podem partir, sem que se leve em conta suas opiniões sobre a guerra. 2 – Ninguém tem o direito de entrar no vagão destinado aos emigrados sem uma declaração expressa de Platten. Nem os passaportes, nem as suas bagagens serão submetidas ao controle. 3 – Os emigrados que partem se comprometem a trabalhar na Rússia em favor da volta para Alemanha dos alemães e austríacos em reclusão, em número equivalente ao dos emigrados que deixam passar. (KRUPSKAIA, 1937, p.266, tradução nossa)²³

O acordo foi firmando e trinta adultos e mais uma criança de quatro anos seguiram da Suíça para a Rússia nessas condições, que foram respeitadas pelos alemães exatamente como propunha o acordo. Um mês depois, um grupo maior com cerca de duzentas pessoas tentou repetir o caminho e foi detido na Alemanha, entre eles estava Martov.

²³ 1– Los emigrados de todo carácter pueden partir sin que se tomen en cuenta sus opiniones sobre la guerra. 2– Nadie tiene derecho de entrar en el vagón reservado a los emigrados, sin una autorización expresa de Platten. Ni los pasaportes ni los bagajes estarán sometidos a control. 3– Los emigrados que parten se comprometen a trabajar en Rusia en favor de la vuelta a Alemania de los alemanes y austríacos internados, en número equivalente al de los emigrados que se há dejado pasar. (KRUPSKAIA, 1937, p.266)

No dia 31 de março passaram pela fronteira da Suécia e em Estocolmo foram acolhidos por deputados social-democratas em uma sala cheia de bandeiras vermelhas. Da Suécia foram para Finlândia e de lá, enfim para São Petersburgo que, desde 1914, com o início da guerra era chamada de Petrogrado.

Enquanto estavam no último trajeto do trem, Lenin conversou com um oficial da Guerra que viajava próximo a eles e defendeu seu ponto de vista. A conversa chamou a atenção e algumas pessoas se aproximaram para ouvir. Lenin defendeu o final da guerra, alegando suas implicações para a população mais pobre que sofria com o conflito, diferentemente das classes mais altas.

A chegada de Lenin à estação Finlândia, principal estação de Petersburgo, era esperada. Por isso trabalhadores, soldados e marinheiros estavam na estação, assim como outros camaradas, até um aluno da escola de Longjumeau Krupskaja pode reconhecer. O governo provisório permitiu a volta de todos os exilados políticos, mas não estava interessado em acabar com a guerra. Ao contrário continua massacrando vidas russas nas batalhas. Lenin, Krupskaja e outros importantes bolcheviques estão de volta a São Petersburgo e com perspectivas de mudança para seu país que havia começado uma revolução, mas que ainda precisava vencer algumas fases para consolidar esse processo.

Figura 9: Lenin ao chegar na Estação Finlândia em São Petersburgo.



Fonte: <https://whyevolutionistrue.wordpress.com/2011/08/07/st-petersburg-to-the-finland-station/>

Lenin foi recebido também por membros de governo provisório e do *soviet* para ser instalado em um hotel. Todos esperavam um discurso para o povo que o aguardava há tanto tempo. Iniciou um discurso dentro do trem, que não pode concluir. As mulheres pediram algumas palavras de Krupskaja, que emocionada não conseguiu falar. Lenin dispensou a recepção com chá que lhe ofereceram, mas discursou na rua e foi saudado.

De volta à Rússia, Krupskaja, se aproximou das massas, afastando-se um pouco dos trabalhos burocráticos do Comitê Central do Partido. No bairro de Viborg, foi eleita membro da *Duma* de Petrogrado, como integrante do Conselho de Instrução Pública. Nesse cargo realizou um trabalho educativo e cultural, convidando todos que soubessem ler e escrever a trabalhar na instrução dos operários para erradicar o analfabetismo.

Lenin não concordava com o apoio dado ao Governo Provisório pelos *soviets* e considerava necessária a extirpação desse governo em favor dos *soviets*, que se disseminavam pela Rússia e se preocupavam com as necessidades populares. Tudo isso fica explícito em suas propostas conhecidas como “Teses de Abril”, declaradas logo na chegada do líder bolchevique. Essas teses, a princípio, não foram consideradas sérias, no entanto, eram suas metas.

O proletariado consciente só pode dar o seu assentimento a uma guerra revolucionária que justifique verdadeiramente o defensismo revolucionário nas seguintes condições:

- a) passagem do poder para as mãos do proletariado e dos sectores pobres do campesinato que a ele aderem;
- b) renúncia de facto, e não em palavras, a todas as anexações;
- c) ruptura completa de facto com todos os interesses do capital.

Dada a indubitável boa-fé de grandes sectores de representantes de massas do defensismo revolucionário, que admitem a guerra só como uma necessidade e não para fins de conquista, e dado o seu engano pela burguesia, é preciso esclarecê-los sobre o seu erro de modo particularmente minucioso, perseverante, paciente, explicarlhes a ligação indissolúvel do capital com a guerra imperialista e demonstrarlhes que sem derrubar o capital é impossível pôr fim à guerra com uma paz verdadeiramente democrática e não imposta pela violência.

[...]

2. A peculiaridade do momento actual na Rússia consiste *na transição* da primeira etapa da revolução, que deu o poder à burguesia por faltar ao proletariado o grau necessário de consciência e organização, *para* a sua *segunda* etapa, que deve colocar o poder nas mãos do proletariado e das camadas pobres do campesinato.

Esta transição caracteriza-se, por um lado, pelo máximo de legalidade (a Rússia *é agora* o país mais livre do mundo entre todos os países beligerantes); por outro lado, pela ausência de violência contra as massas e, finalmente, pelas relações de confiança inconsciente destas com o governo dos capitalistas, os piores inimigos da paz e do socialismo. (Lenin, 1917)

O impacto das “Teses de abril” foi imediato, consideradas como um sonho de Lenin para muitos, representava a bandeira que seria empunhada pelos bolcheviques. Lenin posiciona-se contra o governo provisório, contra sua política burguesa, contra a continuidade da guerra imperialista, e estava disposto a discutir as necessidades mais urgentes da população russa.

Os mencheviques reagiram às teses de abril com discursos e publicações, como fez Plekanov no seu jornal “A União”, qualificando as ideias de Lenin de delírio. Plekanov, seus seguidores e os mencheviques continuavam apoiando a continuidade da guerra e do governo provisório. Kollontai, por sua vez, saiu em defesa das ideias de Lenin, que dias depois foram publicadas no *Pravda*, aumentando a repercussão. Uma campanha contra Lenin e contra os bolcheviques foi encaminhada por Plekanov e Trotski.

Lenin qualificou a guerra de imperialista e era partidário convicto de um acordo de paz para não sacrificar ainda mais seu país. Kamenev em suas declarações propunha cortar a liberdade de Lenin, mas não era levado a sério. As “Teses de abril” se espalharam, alguns bolcheviques acreditavam que Lenin deveria tomar o poder. Trabalhadores, soldados e marinheiros fizeram uma manifestação em favor de Lenin e dos bolcheviques. Pessoas comuns dos mais variados ofícios discutiam na rua as ideias propostas por Lenin.

Em maio, assembleias de fábricas aconteceram e levaram ao Primeiro Congresso Pan-Russo dos *Soviets*, uma aliança formou um Comitê com a participação de mencheviques e bolcheviques como representantes populares, o que não durou muito tempo. Os mencheviques concordavam com a manutenção de um estado burguês e com a guerra, e os bolcheviques já pensavam além, pensavam na paz e na Revolução. O Partido precisava de um novo “plano mínimo” que refletisse suas aspirações de melhorar e aumentar as condições de vida na Rússia.

Enquanto trabalhava nesse plano, Lenin foi acusado, em um artigo, de ser um traidor pago pelos alemães. Usaram o fato de terem passado pela Alemanha para chegar até a Rússia para alegar conspiração, junto com o dinheiro que ainda possuíam da herança recebida por Krupskaja para dizer que tinha sido pago para trair.

Dois artigos de Krupskaja foram publicados no *Pravda* em maio de 1917. O primeiro no dia 27 sob o título *A união da Juventude*, no qual atacou o chauvismo, incentivado pela “educação cívica”. Afirma que nem todas as uniões de juventude são boas ou proporcionam real satisfação à juventude, ao contrário, pervertem-nos. A ideia era despertar desde aquele momento nos jovens a noção de internacionalismo, para que caminhassem juntos a todos os jovens operários na luta por um futuro melhor. Encerra o artigo com saudação a seção russa da Internacional juvenil.

O segundo artigo *Luta pela juventude trabalhadora*, publicado em 30 de maio, repete a necessidade de união da juventude internacional, reforçando que os partidos burgueses desejavam justamente a separação desse grupo, sem ter coragem de explicitar isso claramente. O discurso burguês afastava os jovens da política. Krupskaja afirmou que o jovem deveria desenvolver desde cedo a consciência política²⁴.

No ano da Revolução, Krupskaja voltou-se completamente para o trabalho educacional, seja ele para a juventude trabalhadora, seja para a mulher trabalhadora, ou para seus filhos. Os artigos eram propostas de traçar roteiros para a caminhada, de incentivar ideias que precisavam ser colocadas em prática. Além dos artigos, ela encontrava-se pessoalmente

²⁴ Retomaremos elementos desses dois artigos do próximo tópico.

com jovens trabalhadores das mais diferentes tendências, bolcheviques, mencheviques, socialista-revolucionários e anarquistas.

Krupskaia se dedicou tanto ao trabalho que afirmou em suas memórias que nos dias de junho, Lenin e ela praticamente não se viam, cada qual empenhado em suas tarefas. Na jornada de 18 de junho, cerca de 400 mil trabalhadores e soldados manifestam sua simpatia aos bolcheviques e à Lenin, mas também foi quando o exército russo, depois de três meses de hesitação e pressão dos Aliados, avança no front. Dez dias depois a tropa russa começa a declinar, pois os soldados não tinham condições de continuar.

No dia 20 de junho de 1917, mais um artigo de Krupskaia nas páginas do *Pravda*, dessa vez intitulado *Como deve se organizar a juventude trabalhadora*, conclamando os jovens a criarem seu próprio programa de ação, independente do programa do partido. Mais como um guia de ação apresenta os “Estatutos da União da Juventude Trabalhadora da Rússia” com seis parágrafos pautando as possibilidades de ação da juventude.

No parágrafo 1, insistiu na livre participação de todos os jovens, homens e mulheres, independente de religião ou nacionalidade. Reforçando que qualquer discriminação ou impedimento nesse sentido *prejudicaria a unidade e infringiria o princípio da fraternidade de todos os trabalhadores*. (Krupskaia, s.d., p.108)

No parágrafo 2, apontou a necessidade de que todos os filiados da União de Juventude Trabalhadora sejam livres e conscientes, para serem dignos de lutar contra a exploração e opressão do capitalismo. No parágrafo 3, retoma o significado do “Proletário de todo o mundo: uni-vos” a partir do contexto da guerra, como destruidora da fraternidade universal, que joga para morrer nos campos de batalha o próprio trabalhador.

No parágrafo 4, fala de necessidade de jovens fortes e sadios para lutar para causa operária, assim propõe a proteção contra ao trabalho infantil, jornadas de 6 horas no máximo para adolescentes²⁵ que devem ter condições salubres de trabalho, assistência médica e proibição de desen-

²⁵ Que deve ser pensado no contexto russo de 1917 como um progresso. Essa defesa também se vincula à ideia de conjugar trabalho e estudo.

volver trabalho noturno. Brigar por melhores salários também estava na pauta, o que permitiria acesso a alimentos saudáveis, casas limpas, quentes e secas para todos. Como os adolescentes precisam da aprovação dos adultos, deveriam criar uma comissão específica com delegados para participar das reuniões e conselhos de trabalhadores, sindicatos e lutar ao lado desses adultos.

§ 5. As trabalhadoras e os trabalhadores jovens devem adquirir a maior quantidade possível de conhecimentos para serem combatentes conscientes de um futuro melhor, por isso: a) A União da Juventude Trabalhadora de Rússia exige a educação geral gratuita e obrigatória até os 16 anos. b) a organização de bibliotecas, salas de leitura, cursos, projeção de filmes científicos etc. c) a juventude trabalhadora organizará imediatamente círculos de autocapacitação, bibliotecas móveis, clubes, excursões etc. (Krupskaia, s.d., p.109, tradução nossa)²⁶

No último parágrafo, Krupskaia incentivou a autogestão como forma de organização e autoconscientização do grupo. O hábito de auto-organização e de conscientização era visto como forma de contribuição não só ao grupo de jovens russos, mas de todo o mundo.

As Jornadas de Julho envolveram várias manifestações pacíficas de operários, pois o Partido Bolchevique considerava o momento inoportuno para as disputas armadas. O Governo Provisório, por sua vez, proibiu qualquer manifestação. Os manifestantes apresentaram suas reivindicações aos *soviets* e uma repressão aos bolcheviques, considerados responsáveis pelas manifestações teve início. Entre os ataques, ressurgiu a ideia de que Lenin é espião dos alemães e é colocado na ilegalidade pelo Governo Provisório.

²⁶ § Las obreras y los obreros jóvenes deben adquirir la mayor cantidad posible de conocimientos para ser combatientes conscientes de un futuro mejor, por eso: a) La Unión de la Juventud Obrera de Rusia exige la enseñanza general gratuita y obligatoria hasta los 16 años, b) la organización de bibliotecas, salas de lectura, cursos, la proyección de películas científicas, etc, c) la juventud obrera se pondrá a organizar inmediatamente círculos de autocapacitación, bibliotecas circulantes, clubs, excursiones, etc. (Krupskaia, s.d., p.109)

Lenin ficou na casa de um operário, depois se mudou para outra casa de velho operário no bairro de Viborg, que era mais seguro. A polícia estava em busca de Lenin e fazia várias visitas à Krupskaja que era constantemente vigiada. Alguns camaradas, como Stálin, sugeriram que Lenin se entregasse à polícia com a finalidade de salvar sua vida.

Os eventos de julho fortaleceram o governo provisório e Kerenski nomeou Kornilov general das Forças Armadas. Kerenski deseja dar um golpe com o apoio do general, porém essa também era a ideia de Kornilov, que desejava dar um golpe ele próprio, como ficou claro um tempo depois.

O VI Congresso de Partido em 26 de julho constava com 177 mil membros, tinha triplicado em 3 meses, além disso foi a consolidação das ideias bolcheviques, mesmo que o partido estivesse praticamente na ilegalidade. Durante o congresso, Trotski e mais 4 mil membros debandaram do grupo menchevique para o bolchevique, considerando a necessidade de se radicalizar. Krupskaja participou do congresso, quando ficou declarado o fim dos tempos pacíficos e a necessidade de uma revolução bolchevique, mais radical que a proposta dos mencheviques que seguia seu curso. (Cf. Krupskaja, 1937)

Kornilov no final de agosto juntou suas tropas e resolveu marchar sobre Petrogrado em uma tentativa de golpe e foi destituído do cargo. Recusou-se a deixá-lo e lançou um manifesto a nação. Kerenski apelou para o povo e um Comitê de Defesa foi criado, no qual participavam todas as correntes socialistas, incluindo os bolcheviques. O povo uniu-se em defesa de Petrogrado e do Governo Provisório.

Kornilov foi preso e a força demonstrada por diversos setores da sociedade contra um golpe de Estado acabou assustando Kerenski e os grupos que tinham o intuito de tomar o poder através de golpe. Com a finalidade de proteger a Rússia do golpe de Kornilov, os bolcheviques criaram a Guarda Vermelha. O episódio fortaleceu as ideias de todo poder aos *soviets*, confiar em alguns poucos sujeitos ainda eram inseguros. (Reis Filho, 2003, p. 63)

Lenin deixou Petrogrado e foi se exilar na Finlândia. Passou pela fronteira fingindo ser chofer de uma família amiga de Viborg. Krupskaja foi encontrá-lo na Finlândia algumas vezes, usando um passaporte falso, fingindo ser uma operária. Nos encontros com Lenin colocava-o em dia com os mais detalhados acontecimentos de Petrogrado, mas ela fazia uma visita rápida e voltava para seus compromissos com a revolução.

Entre setembro e outubro a crise agravou-se. Racionamento de alimentos com grandes filas, miséria e fome propagavam-se. O povo insistia no fim da guerra, solicitava a paz. Diante da situação social, os bolcheviques começam a ganhar mais espaço nos *soviets*. Trotski ficou com a presidência do *soviet* de Petrogrado, onde os bolcheviques passam a ser maioria. Os bocheviques também estavam à frente do *soviet* de Moscou e mais cinquenta cidades representativas.

Não bastava simplesmente tomar os espaços nos *soviets*, era necessário mais do que isso, era necessário derrubar o Governo Provisório, que cada vez mais esquecia suas primeiras lutas. O discurso e as ações burguesas eram a base do governo comandado por Kerenski, que inclusive, continuava enviando soldados russos para os campos de batalhas da guerra imperialista. Os trabalhadores russos queriam mais do que um governo burguês.

O II Congresso dos Sovietes estava marcado para 20 de outubro e Lenin achava que a tomada de poder deveria acontecer antes do congresso, por isso decidiu retornar na clandestinidade para Petrogrado. Em final de setembro, Lenin deixou a Finlândia e se instalou em Viborg. De lá escreveu aos finlandeses solicitando ajuda para vencer as tropas de Kerenski. Em 7 de outubro, voltou para Petrogrado no mais velado segredo. (Krupskaja, 1937, p.298)

Entre 15 e 16 de outubro duas reuniões se realizaram, uma do grupo de Petrogrado com a representação dos delegados de bairro, e outra com o Comitê Central do Partido. Nas duas o assunto era o mesmo: a necessidade de uma insurreição armada imediata. Colocada em votação o imperativo de uma luta armada venceu e todos tinham pouco tempo para se prepararem. Krupskaja organizou o armamento dos operários e levou

uma médica que ensinou as operárias a cuidarem dos feridos, depois ela mesma se encarregou de ensinar essas mesmas técnicas básicas às outras operárias.

De acordo com Hobsbawm (1995, p.68) o Governo Provisório e seus adeptos não souberam reconhecer sua incapacidade de comando. O povo russo estava farto da guerra, da opressão e Kerenski sempre oprimia e insistia na guerra. Quando os empresários e industriais tentaram reestabelecer a disciplina de trabalho, não fizeram nada além antecipar a radicalização dos trabalhadores. A ineficiência era tanta que nem conter a tentativa de golpe de Kornilov foi possível sem pedir ajuda aos opositores do governo, para coibir um golpe monarquista.

A insurreição armada foi inevitável. Os mencheviques “brancos” e os bolcheviques “vermelhos” entraram em disputa, marcando o início da Revolução de Outubro. Superar os preceitos burgueses e instaurar o socialista era a divisa leninista e de todos bolcheviques. Voluntários uniram-se à Guarda Vermelha bolchevique e teve início a insurreição com a ocupação da Estação Finlândia. Kerenski tentou atacar Lenin, mas já em Petrogrado, o bolchevique fez o pronunciamento de derrubada do Governo Provisório.

Na manhã do dia 25 de outubro de 1917, no calendário juliano, o Governo Provisório foi derrubado e os *soviets* tomaram o poder. À tarde, durante o II Congresso dos *Soviets*, a questão era a edificação socialista, mesmo com o ataque contra-revolucionário de Kerenski e membros de partidos conservadores e conciliadores que acusavam os bolcheviques de serem agravadores da crise já instaurada no país.

O discurso de Lenin durante o Congresso declarou a necessidade da saída imediata da Grande Guerra o que significava paz ao povo da Rússia; aboliu a propriedade da terra para que fosse distribuída aos trabalhadores camponeses; afirmou o direito do operário em controlar a produção e começou a traçar metas para a construção do socialismo. Teve início o poder bolchevique inaugurado pela Revolução de Outubro.

Reis Filho (2003, p.67) inquirir se o acontecimento foi golpe ou revolução e responde:

Golpe na urdidura, decisão e realização da insurreição, um funesto precedente. A política dos *feitos consumados*, empreendida por uma vanguarda que se arroga o direito de agir em nome das maiorias. Revolução nos decretos, aprovados pelos soviets, reconhecendo e consagrando juridicamente as aspirações dos movimentos sociais, que passaram imediatamente a ver no novo governo – o Conselho dos Comissariados do Povo, dirigido por Lenin – o intérprete e a garantia das reivindicações populares.

Para o autor, foram os dois ao mesmo tempo. Entretanto, a ideia de revolução é mais robusta que a ideia de golpe, por nascer de um desejo popular. As reivindicações em pauta beneficiariam a camada mais pobre, que disputou batalha a batalha para uma transformação na sociedade russa.

Aconteceu a revolução e, então, vem a necessidade de consolidação de um governo que teria suas bases em uma proposta socialista. O que era uma nova disputa que já ocupava a cabeça de Lenin e outros membros do partido. Os acontecimentos da Rússia ecoaram por todo o mundo, ampliada os receios da burguesia em relação à ameaça comunista.

Na virada do ano, a comemoração de Lenin e Krupskaja foi com os operários no bairro de Viborg. Eles tinham claro que o trabalho para a construção de uma nova sociedade não poderia parar, mas o trabalho não era algo que os atrapalhava, ao contrário era uma satisfação.

Figura 10: Lenin e Krupskaja em Moscou.



Fonte: Domínio público, disponível em

<http://www.spb.aif.ru/society/people/umel_brat_ot_zhizni_ee_radosti_kak_lenin_uhazhival_zanadezhdoy_krupskoy> acesso em 17.06.2017

Dois textos de Krupskaja são publicados em 1918: “Contribuição do tema da escola socialista” e “Tarefas da educação profissional”. No primeiro aborda questões gerais de uma escola socialista e a diferença em relação às escolas burguesas e seus ensinamentos. No segundo conjuga a educação ao trabalho profissional.

Quando a sede do governo revolucionário foi para Moscou em 12 março de 1918, Krupskaja também foi para a nova capital e entrou para o grupo oficial de Instrução Pública, com a finalidade de acabar com o analfabetismo – considerado um legado da monarquia – em todo o país. Estabelecimentos para instrução de adultos foram criados, assim como creches e jardins de infância, buscando uma educação diferenciada, que proporcionasse a formação de sujeitos com concepções socialistas.

Ainda em março, a Rússia assinou através de Trotsky, um armistício com a Alemanha, que representava as Potências Centrais (Alemanha, Áustria–Hungria, Império Otomano e Bulgária). Na prática o armistício aconteceu no início de dezembro do ano anterior e agora faltava formalizar o acordo. O Tratado Brest–Litovsk reconhecia e aceitava a saída de Rússia da Primeira Guerra Mundial e, como contrapartida, anexava à Alemanha quase um terço do território do Império Russo.

Em 1918, a Rússia entrou em uma guerra civil que durou efetivamente dois anos e ficou conhecida como a contrarrevolução, porém os embates contrarrevolucionários só cessaram definitivamente em meados de 1921. Inclusive tropas vinculadas a países europeus tentaram ajudar no processo de contrarrevolução.

Um dos infelizes episódios da guerra civil estava vinculado à insurreição da base naval de Kronstadt, tratado pelos bolcheviques como mais um episódio da contrarrevolução, sua principal reivindicação era a condição de vida do proletário de Petrogrado, que estava em greve. Os rebeldes de Kronstadt se autodenominavam a terceira Revolução Russa. O inverno tinha sido severo e o abastecimento da cidade era falho por causa de dificuldade de transporte em meio à guerra civil.

Com a proibição de qualquer tipo de comércio por ordem de Zinoviev em 1920, não era possível comercializar nada, assim pequenas vendas

e armazéns foram lacrados. A quantidade de pão preto, principal fonte de alimento do trabalhador russo foi estabelecida por lei: 800 gramas para trabalhadores da indústria pesada e, de 400 a 200 gramas para os carteiros, o que era insuficiente e segundo os insurretos às vezes se distribuía uma quantidade menor. Membros do Partido que viviam em Kronstadt aceitam a crítica dos marinheiros e pedem demissão de seus cargos. (Tratenberg, 2007, p.123–124)

Reis Filho (2003, p.73) coloca Kronstadt como a revolução esquecida. A base naval que parou era estratégica e defendia a cidade Petrogrado no golfo da Finlândia, abrigava dezenas de milhares de marinheiros e tinha uma tradição política. No programa das reivindicações aparecia, o apoio aos grevistas, liberdade de manifestação, liberdade aos presos políticos, investigação às denúncias de campos de trabalho forçado e voto secreto e universal para renovação dos *soviets*, controladas por associações pluripartidárias. A princípio os bolcheviques se colocaram em negociação, atendendo as reivindicações dos grevistas, mas os manifestantes desejavam ou o programa integral ou nada. Os bolcheviques deram um ultimato de 72 horas, depois bombardearam a base naval.

A insurreição foi contida a bombas pelo exército vermelho, como último episódio da guerra civil e da contrarrevolução, permitindo a instauração de novas medidas para uma política socialista. Entretanto algumas medidas eram mais imediatas do que o socialismo puro, a fome, por exemplo, não poderia esperar.

Mesmo com tantos problemas a Revolução sobreviveu e, de acordo com Hobsbawm (1995, p.71) isso se deu por três razões:

[...] primeiro, possuía um instrumento de poder único, praticamente construtor de Estado, no centralizado e disciplinado Partido Comunista de 600 mil membros. [...] Segundo, era, de forma evidente, o *único* governo capaz de manter a Rússia integral como Estado – e disposto a tanto – defrutando, portanto, de considerável apoio de patriotas russos à parte disso politicamente hostis, como os oficiais sem os quais o novo Exército Vermelho não poderia ter sido construído. Para estes, como para o historiador que trabalha em retrospecto, a opção em 1917–8 não era entre uma Rússia liberal–democrática ou

não liberal, mas entre a Rússia e a desintegração, que havia sido o destino de outros impérios arcaicos e derrotados, ou seja, a Áustria-Hungria e a Turquia. [...] A terceira razão era que a revolução permitia ao campesinato tomar a terra. Quando chegou a isso, o grosso dos camponeses da Grande Rússia – núcleo do Estado, além de do seu novo exército – achou que suas chances de mantê-la eram melhores sob os vermelhos do que se retornasse a fidalguia. Isso deu aos bolcheviques uma vantagem decisiva na Guerra Civil de 1918–20. Como se viu, os camponeses russos foram otimistas demais.

Os bolcheviques venceram e instauraram-se no poder, tendo à sua frente Lenin como representante maior. Krupskaja viveu em Moscou durante o período da guerra civil, mas não ficava presa na nova capital: ela tinha outros trabalhos que envolviam o contato direto com o povo.

Os trabalhadores correspondiam-se constantemente com Krupskaja que não conseguia responder à quantidade de cartas que recebia, isso pela quantidade de tarefas que desenvolveu, conviveu com as mulheres operárias e participou ativamente de um navio de divulgação comunista *Krásnaia Svesdá* (Estrela Vermelha) para pronunciar discursos de propaganda do novo governo entre as massas. Mesmo com sua saúde abalada, foi difícil para Lenin convencer Krupskaja a voltar para Moscou.

Figura 11: Krupskaja à bordo do navio “Estrela Vermelha” em 1921.



Fonte: <<http://proshloyeinastoyashcheye.tumblr.com/post/12982944737/lenins-wife-onboard-a-steamship-nadezhda>> Acesso em 17/06/2017

3.2. KRUPSKAIA E O GOVERNO SOVIÉTICO

Ao final de março de 1921 a Rússia encontrava-se em uma situação precária por conta do tempo que ficaram imersos na contrarrevolução. Desde 1918, os russos operavam com uma política econômica de contingenciamento denominada “Comunismo de Guerra”, mas com final da guerra civil, o X Congresso Comunista (bolchevique) da Rússia tomou algumas medidas para resolver os problemas mais urgentes da população, que implicava na substituição do modelo econômico adotado em tempos de guerra. A deliberação do congresso foi a criação Nova Política Econômica (NEP). *Era preciso formular políticas que obtivessem o acordo da sociedade. Não para construir o socialismo, mas para matar a fome do povo.* (Reis Filho, 2003, p.77)

O primeiro passo da transição para NEP foi a criação de um imposto em espécie aos camponeses, que teriam o direito de comercializar o restante de sua produção como desejassem. Com isso, estimulavam o interesse material do produtor que aumentaria sua produção. O Estado arrendou pequenas empresas para particulares, mas foram casos mais raros, normalmente as empresas foram entregues à autogestão financeira.

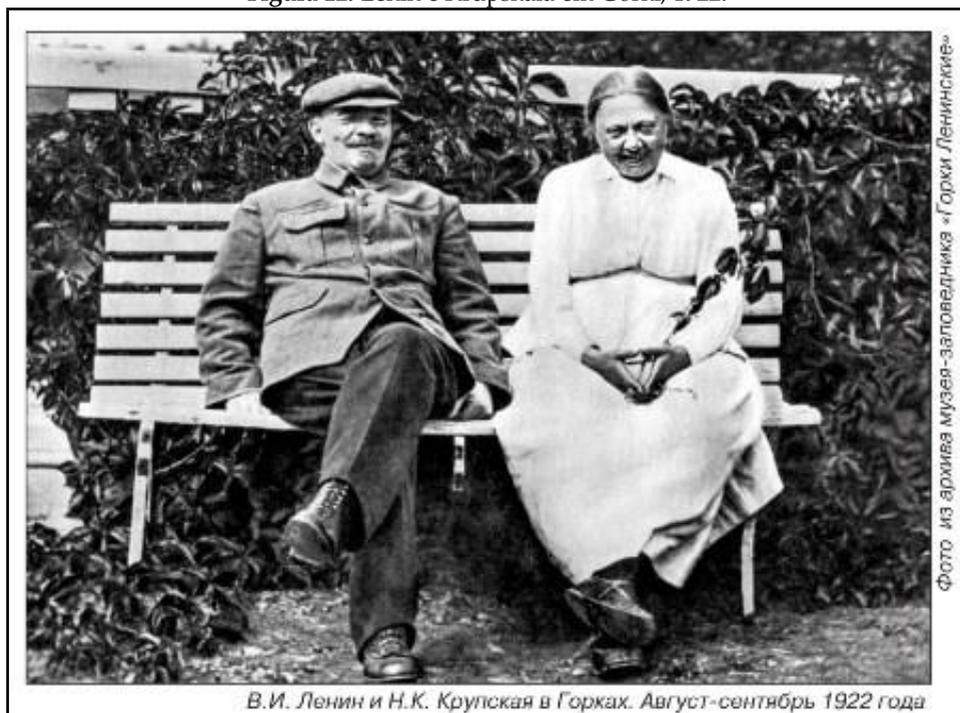
O Estado ficou com o controle total da economia, cedendo esse controle a terceiros quando se fazia necessário. A NEP foi criticada por alguns membros do partido que consideravam um retrocesso permitir alguns elementos de capitalismo, mesmo que controlados, na economia. Lenin ressaltou que a política era a única forma de se elevar as forças produtivas naquele momento, era preciso dar “um passo atrás, para dar dois à frente”. Além de elevar as forças produtivas, os laços entre a cidade e o campo foram fortalecidos.

No inverno de 1921–1922, Lenin precisou se afastar do trabalho por cerca de um mês e meio para ficar repousando. Ele sentia dores e estava muito cansado. Os médicos especulavam o fato estava relacionado às duas balas que permaneciam no corpo de Lenin depois do atentado que sofreu em 1918, no início da contrarrevolução.

Em 1922, com o XI Congresso do Partido, fundou-se a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS, seus estatutos estavam planejados desde 1918, mas só puderam ser colocados em prática com o final da contrarrevolução. A URSS era formada pela Rússia e outros territórios que já faziam parte do antigo império como Transcaucásia, Ucrânia, Bielorrússia, Uzbequistão e Tajiquistão. Nos anos seguintes outros países se unem ao bloco.

Nesse início do governo soviético, Krupskaja continuava seu trabalho de propagação do comunismo, principalmente através de trabalhadores e jovens. Lenin submeteu-se a uma cirurgia em 1922 para retirar as balas alojadas em seu corpo. No verão teve seu primeiro AVC, depois desses teve outros que o levaram à morte.

Figura 12: Lenin e Krupskaja em Gorki, 1922.



Fonte: Disponível em http://www.biblio-vidnoe.ru/local_history/article/21/1006/

Durante o péssimo estado de saúde de Lenin até no período seguinte a sua morte – seu luto, como ela mesma se referia –, Krupskaja não abandonou seus pronunciamentos nem sua ação revolucionária, embora tenha diminuído muito seu ritmo de ação para estar junto ao seu companheiro. Lenin morreu no dia 21 de janeiro de 1924. Em suas memórias, Krupskaja disse que teve força em seu luto, pois não foi um luto pessoal e sim coletivo ao ver o sofrimento de todos.

Comunicado às operárias e camponesas sobre a morte de Lenin
 Camaradas operárias e trabalhadoras, camponeses e camponesas!
 Tenho um grande pedido a lhes fazer: não deixe que o luto por Ilícht se transforme em veneração exterior a sua pessoa. Não construam monumentos para ele, palácios em seu nome, festividades luxuosas em sua memória etc. – ele dava muito pouca importância para tudo isso em vida, sentia-se bastante oprimido por esse tipo de coisa. Lembrem-se que quanta miséria e desordem ainda há em nosso país. Se desejam honrar o nome de Vladimir Ilícht, ergam creches, jardins-de-infância, prédios, escolas, bibliotecas, ambulatórios, hospitais, casas para deficientes etc., e o mais importante: vamos tornar o seu legado realidade. Publicado no *Pravda*, São Petersburgo, n.23, 30 de janeiro de 1924. (KRUPSKAIA in SCHNEIDER, 2017, p.102)

Após a morte de Lenin, Krupskaja prosseguiu participando do governo instaurado pelo Partido Comunista e produziu vários textos sobre educação, alguns serão tratados no próximo tópico. A relação com Stálin não era pacífica, desde o período em que Lenin adoeceu até os primeiros anos seguintes a morte de Lenin, por isso, configurava junto ao grupo de oposição ao governo de Stálin.

Desde 1923, o grupo “Oposição de Esquerda” liderado por Trotsky já fazia duras críticas ao governo desenvolvido por Stálin, que como Secretário-Geral do Partido controlava toda a burocracia, apoiado por dois fortes aliados: Zinoviev e Kamenev. Trotsky era visto como um substituto de Lenin, mas Stálin não estava disposto a sair do comando.

Trotsky defendia, desde 1905, uma “Revolução Permanente” com início na Rússia e se estendendo aos outros países. Stálin, com auxílio de Bukharin, começou a desenvolver a teoria de “Socialismo em um país só”,

em 1925. Assim, Zinoviev e Kamenev abandonam a defesa de Stálin e junto com Krupskaja integram o grupo “Oposição de Esquerda”, que passou a ser “Oposição Unificada”.

Em 1925 os resultados da NEP eram bastante satisfatórios. Da população economicamente ativa, 86,7% trabalhava na agricultura e conseguiram a números equivalentes ao ano de 1913, melhor ano antes da Grande Guerra. A área cultivada aumentou e a produção agropecuária cresceu, entretanto, a indústria não havia se recuperado na mesma proporção. (Reis Filho, 2003, p.78)

Em 1925, no XIV Congresso do bolchevique, Zinoviev atacou Stálin a política que desenvolvia, dizendo que deveria retomar a proposta de ditadura do proletariado e não de um só homem, se apoiando no testamento de Lenin. Krupskaja apoiou Zinoviev, mas eles perderam. Stálin triunfou para 559 votos contra 65 da oposição, depois chamada de Oposição Unida. (Carrère d'Encausse, 1993, p.130)

Krupskaja apoiou o grupo até o início de 1928, quando Trotsky, que havia sido expulso do partido em novembro de 1927 é forçado ao exílio no Cazaquistão, que integrava a URSS. Em 1929, Trotsky foi expulso de toda a URSS. A política truculenta de Stálin já havia sido percebida por ela, que optou por permanecer na Rússia e seguir seu trabalho educacional, colocando a consolidação do governo soviético estava acima de qualquer problema pessoal que pudesse ter. Nos anos 1930, Stálin perseguiu e das mais diferentes formas se livrou de todos os mais importantes membros do Partido, desde a velha guarda até lideranças que foram se destacando. Kamenev também foi afastado da política junto com Trotsky e logo foi a vez de Zinoviev.

Krupskaja tomou parte nos planos quinquenais da União Soviética, continuou seu trabalho político e deu ênfase à educação, e mais especificamente à educação da juventude comunista. Dedicou-se plenamente à causa educacional e continuou participando do governo com a mesma vontade de transformação, só que agora via seu trabalho com a possibilidade real de transformação. Primeiro, tornou-se uma referência para outros educadores russos e depois, para todo o bloco soviético.

Krupskaia afastou-se do trabalho por um curto período em 1937 para cuidar da irmã de Lenin, que estava doente e ficou ao lado de sua cunhada até ela morrer. Mesmo com problemas na visão não se afastou do seu compromisso social. Faleceu em 26 de fevereiro de 1939, um dia depois de completar setenta anos e alguns dias antes de participar de um importante congresso do Partido, no qual teria um discurso a fazer. Por ocasião de seu aniversário, Krupskaia ganhou um bolo de Stálin e há grande especulação que esse “presente” teria acabado com sua vida envenenando-a. Oficialmente, Krupskaia teria morrido de apendicite, por isso esteve em agonia antes de sua morte. Os restos mortais da educadora foram cremados e depositados ao lado mausoléu de Lenin, no muro de Kremlin, na Praça Vermelha.

Figura 13 : Selo comemorativo da URSS homenageando Krupskaia em 1964.



Fonte: https://st.depositphotos.com/1006360/4224/i/950/depositphotos_42249235-stock-photo-postage-stamp-russia-1964-nadezhda.jpg

IV

A EDUCAÇÃO E A REVOLUÇÃO

A educação foi uma constante na vida de Krupskaia, esteve presente desde seus primeiros trabalhos profissionais, como professora particular, até sua morte, já como reconhecida educadora comunista por todo o bloco soviético. Através da educação, ela acreditou ser possível a transformação do sujeito e, por consequência, a transformação de toda sociedade, por sujeitos conscientizados. Considerou, concomitantemente, necessárias a apropriação do conhecimento acumulado ao longo dos séculos pela sociedade e a consciência de mundo, que envolve também a consciência de si.

Krupskaia tinha como objetivo ensinar como o mundo foi historicamente organizado, incluindo os mecanismos de injustiças criados pelo próprio homem e qual o papel que os indivíduos e grupos exercem nesse contexto. Suas primeiras ações junto aos operários aconteceram através da educação, quando se dedicou a ensiná-los o conteúdo escolar, mas não se restringiu a isso. Junto ao conteúdo necessário, para integrar o sujeito à sociedade, despertava consciências através dos preceitos marxistas.

Krupskaia, que se interessou primeiro pela experiência tolstoiniana de movimento livre, avigorou todo o seu posicionamento educacional vinculado ao pensamento marxista de autoconsciência, conjugando educação ao trabalho social.

Pode-se afirmar que a educação proposta por Krupskaia era uma educação revolucionária: oferecia o conteúdo que os operários não tinham acesso, pois estava somente direcionado para alguns privilegiados da Rússia, enquanto debatia elementos da organização econômica, política e social sob a perspectiva do marxismo para que compreendessem seu lugar no mundo, tomando consciência de si. (Cf. Bobrovskaia, 1940)

A educação na Rússia czarista era uma forma de segregação social e, basicamente, só a aristocracia e alguns membros da nascente burguesia poderiam desfrutar do saber acumulado ao longo da história da humanidade, o que deixava o Império com altas taxas de analfabetismo. Além

disso, quando se propunha algum curso de alfabetização para adultos em geral ou especificamente para operários, o conhecimento deveria ser restrito ao ler, escrever e contar.

Para Krupskaia, Marx funcionou como um guia de ação e, posteriormente, apoiada na teoria marxista-leninista²⁷, visou ampliar a atividade social como prática comum, proposta estabelecida antes e durante o desenvolvimento da nova sociedade, pós-Revolução Russa.

Para desenvolver essa discussão acerca da educação em Krupskaia, duas coletâneas, publicadas em espanhol na cidade de Moscou, são usadas como fontes primárias do pensamento educacional da revolucionária: *Acerca de La educacion comunista: artículos y discursos* e *La educación laboral e la enseñanza*. A URSS mantinha contato com outros países através de publicações em língua estrangeira para divulgação do pensamento comunista. Além disso, através do Arquivo Marxista na Internet (MIA) que permitiu a leitura de textos sobre e da própria Krupskaia em português, espanhol e francês.

Em 1910, a educadora escreveu um texto, intitulado “Convém ensinar ‘coisas de mulheres’ aos meninos?”, justificando a necessidade de ensinar tarefas aos meninos que até então eram ensinadas somente às meninas, como costurar, cozinhar, enfim, todos os afazeres domésticos. O texto, por seu conteúdo, era uma resposta a um artigo publicado na época e, que demonstrava dúvidas em relação à utilidade da inserção de meninos em “trabalhos com agulhas”.

O posicionamento de Krupskaia fica claro: não há ensinamento para meninos/homens ou meninas/mulheres. Há ensinamentos gerais para a humanidade sejam homens ou mulheres os sujeitos a serem educados, pois os ensinamentos devem ser aplicados às necessidades da vida. Faz-se sempre partidária da co-educação entre os sexos.

Qualquer um que tenha observado as crianças sabe que na primeira infância os meninos estão igual as meninas que querem ajudar sua mãe a cozinhar, lavar a louça e tratar de qualquer outro trabalho do-

²⁷ Como se apresentou anteriormente, vincula-se à aplicação de Marx à realidade russa proposta por Lenin.

méstico. Tudo isso parece tão interessante! Mas as famílias muitas vezes implantam uma diferença entre meninos e meninas desde tenra idade. Às meninas se manda para lavar copos, pôr a mesa, enquanto ao menino dizem: "Para que você está na cozinha? Por acaso isso é coisa de homem? As meninas bonecas e loucas; aos meninos, locomotivas e soldadinhos. Quando eles atingirem a idade escolar, os meninos já inculcaram desdém suficiente para as 'meninas' e as suas tarefas. Certo que é um desdém superficial. E basta que a escola insista em outra linha para que desapareça rapidamente esse desprezo por 'coisas de mulheres'." (Krupskaya de 1986, p.142-3. Tradução nossa)²⁸

A educadora coloca que a diferença entre o que a sociedade colocava (em alguns casos, ainda coloca) como "coisas de meninos e coisas de meninas" não passa de uma construção sócio-cultural que nada tem de natural.

Krupskaia reforçou que a divisão entre o que era de homem ou de mulher deveria ser vista como uma construção social preconceituosa que depreciava a mulher e somente servia, e ainda serve, ao desenvolvimento do desprezo dos homens em relação às mulheres, colocando-se sempre como superiores. Isso se colocava também no tipo de ensino que cada qual receberia: meninas mais vinculadas ao trabalho manual, ao fazer e meninos vinculados ao trabalho intelectual, ao pensar.

Ensinar aos meninos o que era considerado como "coisas de mulheres" é dar autonomia ao indivíduo, que deixa de ser impotente e de depender do trabalho do outro. O que poderia ser considerado ridículo para

²⁸ Quien haya observado a los niños sabe que en la tierna infancia los chicos están dispuestos igual que las niñas a ayudar a su madre a cocinar, fregar la vajilla y atender cualquier otro quehacer doméstico. Todo esto les parece tan interesante! Pero las familias se suele implantar una diferencia entre chicos y niñas desde la edad temprana. A las niñas se las manda a lavar tazas, poner la mesa mientras que al chico le dicen: "Para qué te metes en la cocina? Acaso es cosa de hombres? A las niñas les regalan muñecas y vajillas; a los chicos, locomotoras y soldaditos. Cuando llegan a la edad escolar, en los muchachos ya está inculcado el suficiente desdén hacia las "chicas" y sus quehaceres. Ciertamente, es un desdén superficial. Y basta que la escuela insista en otra línea para que desaparezca rápidamente este desprecio por las "cosas de mujeres". (Krupskaia, 1986, p.142-3)

alguns era apresentado como parte geral da escola e que merecia a atenção.

Entre alguns trabalhadores, ajudar a mulher com o serviço de casa era uma necessidade, o que ainda não acontecia com a burguesia. Nas classes trabalhadoras, a mulher deveria trabalhar fora de casa para complementar o pequeno salário para a sobrevivência e não conseguiria se encarregar, sozinha, de todos os afazeres domésticos. Fazia-se imperativo alguma forma de colaboração masculina nos afazeres, mesmo que a divisão não fosse equivalente.

De modo geral, na sociedade de transição do século XIX para o século XX, a mulher era vista como alguém que deveria, “por sua natureza”, se dedicar ao trabalho doméstico, enquanto ao homem cabia o trabalho intelectual. Para Krupskaya, esse discurso de “natureza feminina” era o mesmo discurso utilizado para dizer que os escravos estavam destinados “por sua natureza” a serem escravos. Não fazia sentido criar divisões, dessa forma que, ao contrário do que alguns queriam, não se justificava pela natureza e sim por uma construção social. O que fazer para superar isso? Somente uma escola livre poderia auxiliar nesse sentido. (Krúpskaya, 1986, p.141 e 142)

A escola livre, que deveria ser materializada pela classe trabalhadora no estabelecimento do socialismo, era vista como a única forma de acabar com a injustiça desenvolvida contra a mulher e seria partidária de uma educação conjunta,

[...] pois considera que o trabalho em comum e as condições iguais de desenvolvimento ajudarão a chegar a compreensão mútua e a aproximação espiritual de jovens de ambos os sexos, e servirão assim de garantia de relações normais entre homens e mulheres.²⁹
(KRÚPSKAYA, 1986, p.142, tradução nossa)

²⁹ [...] pues considera que el trabajo en común y las condiciones iguales del desarrollo ayudarán a llevar a la comprensión mutua y al acercamiento espiritual de los jóvenes de ambos sexos, y servirán así de garantía de las relaciones normales entre el hombre y la mujer. (KRÚPSKAYA, 1986, p.142)

Não pensando a escola como uma panaceia a todos os males sociais, mas, sim, como o meio mais eficaz de se construir novos conceitos que depois refletiriam em todos os campos da sociedade, auxiliando na transformação das consciências e, conseqüentemente, das ações desses indivíduos.

Não se encontram, como em Kollontai, propostas diretas ao feminismo geral. Em Krupskaja depara-se com a preocupação voltada ao sujeito, que deve sempre ser autônomo e, portanto, a separação entre ensino de meninos e ensino de meninas não faria nenhum sentido. Entretanto, suas propostas educacionais eram consideradas feministas. Se defender direitos iguais pode ser rotulado como feminismo, pode-se dizer, então, que ela era feminista. Porém, ao trabalhar com os textos escritos pela revolucionária destaca-se em seu pensamento vinculado aos direitos iguais para ambos os sexos seja na economia (ou remuneração), na educação, na sociedade e na política.

Em sua proposta, a educação aparece como elemento necessário a todos, independente de sexo e, principalmente, independente de classe social porque, para além da discussão de sexo, o elemento mais discriminador se dava por parte das questões de classe. Uma menina de classe alta tinha acesso à educação, mesmo que limitada, enquanto o menino das classes desprivilegiadas também estava fora das escolas. Nesse sentido e alicerçada em uma proposta comunista, ela reforçou a necessidade de uma educação como elemento de transformação social.

O capitalismo tende a naturalizar diferenças socialmente criadas, como a que existe entre as classes dominantes e os dominados. Essa diferença também é reproduzida no interior da família, onde o pai – homem – exerce o papel de dominador enquanto a mãe – mulher – e os filhos – crianças – são os dominados, por isso deveriam respeito e obediência em um sistema de desigualdade. Essas diferenças são combatidas por Marx no *Manifesto do Partido Comunista* e são constantemente utilizadas por Krupskaja em seus textos educacionais como elementos a serem supera-

dos em uma sociedade socialista, com a ideia de acabar com todo tipo de dominação estabelecida³⁰.

Era proposta de Krupskaja converter a mentalidade humana, individualista, baseada na competitividade, típica do capitalismo, em uma mentalidade coletivista e colaboracional que deveria vigorar em uma sociedade socialista, como a que estava em construção. Em uma sociedade de classes, a educação desenvolve-se de maneira classista, levando os pais a explorarem até seus próprios filhos para sobreviver em uma sociedade alforriada do capitalismo, *o livre desenvolvimento de cada um será a condição para o desenvolvimento de todos* (Krupskaya, 1986, p.25).

O regime burguês que se baseia em princípios da livre concorrência converte a vida em luta para existência, em que os interesses de uma pessoa se contrapõem aos interesses das outras e estão em contradição com os interesses de todos. Esse modo de vida social se opõe ao desenvolvimento dos instintos sociais. Neste mesmo sentido influencia a família. Esta se contrapõe a sociedade. [...]

As condições de vida e luta unem os membros da classe trabalhadora em um tudo. Ao trabalhar na fábrica, o trabalhador observa cada momento que seu trabalho é coordenado com o de outros, que a pequena função que cumpre é um elo essencial na cadeia de ações necessárias para obter o produto acabado. [...] O sucesso da luta de classes depende da serenidade, da união e de disciplina dos trabalhadores.³¹ (KRUPSKAJA, s.d., p.154 e 155)

³⁰ Não encontramos em Krupskaja a expressão de “abolir a família”, mas o tempo todo ela demonstra a proposta de abolir os moldes familiares preestabelecidos. Isso pode ser percebido em sua vida íntima com Lenin diante do envolvimento que seu esposo teve com Inessa Armand.

³¹ El régimen burgués que se apoya en los principios de la libre concurrencia convierte la vida en lucha por la existencia, en la que los intereses de una persona se contraponen a los intereses de las demás y se hallan en contradicción con los intereses del todo. Ese modo de vida social opone al desarrollo de los instintos sociales. En este mismo sentido influye la familia. Esta se contrapone a la sociedad. [...]

Las condiciones de vida y de lucha unen a los miembros de la clase obrera nun todo. Al trabajar en la fábrica, el obrero observa cada instante que su labor se coordina con la de los demás, que la pequeña función que cumple es un eslabón imprescindible de la cadena de acciones necesarias para obtener el producto elaborado. (...) El éxito de la lucha de clases

O trecho citado está no texto *Educação social* de 1922 e foi amplamente divulgado entre os educadores para repensar a formação colocando-a em oposição à formação em um estado burguês. Assim buscou Krupskaja construir na escola um espaço de formação em prol do bem comum, da sociedade e livrar os alunos das imposições individualistas da sociedade, enquanto edificava os alunos os princípios de coletivismo.

Krupskaja fala em solidariedade coletivista como única forma de acabar com individualismo e com as diferenças entre as classes, além de combater a competitividade que transformava (e transforma) as relações sociais em relações mercadológicas. A coletivização, os benefícios mútuos a todos são, para ela, pedras fundamentais de uma sociedade comunista.

Nós procuramos fazer com de os nossos filhos pessoas desenvolvidas multifacetariamente, conscientes e com corpo saudável, que não sejam individualistas, e sim coletivista, que não se contraponham à coletividade, mas que constituam sua força e aumentem sua importância. Educação comunista emprega outros métodos. Acreditamos que a personalidade da criança só pode desenvolver-se plena e multifacetariamente na colectividade. A colectividade não absorve a Personalidade da criança, mas influencia na qualidade e no conteúdo da educação. (Krupskaya, 19—, p.89–90. Tradução nossa)³²

Compreendia Krupskaja que a solidariedade coletiva era também a relação direta entre emancipação do sujeito e de conscientização desse sujeito. Considerava que a conscientização do mundo e de si, através dos conteúdos historicamente acumulados pela sociedade e da compreensão

depende de la serenidade, la unión y la disciplina de los obreros.(KRUPSKAIA, s.d., p.154 e 155)

³² Nosotros procuramos hacer de nuestros hijos personas multifacéticamente desarrolladas, conscientes y sanas de cuerpo, que no sean individualistas, sino colectivistas, que no se contrapongan a la colectividad, sino que constituyan su fuerza y acrecienten su importancia. La educación comunista emplea otros métodos. Estimamos que la personalidad del niño sólo puede desarrollarse plena y multifacéticamente en la colectividad. La colectividad no absorbe la personalidad del niño, pero influye en la calidad y el contenido de la educación. (Krupskaya, 19—, pp.89–90)

de como essa sociedade desigual foi constituída, pode auxiliar na formação de sujeitos autônomos.

Em Krupskaia não há destaque ao conceito verdade, porém admite que contos podem ajudar na formação dos jovens: *Há contos importantes, que refletem em belos exemplos o caráter das pessoas, as relações humanas, e há contos que obscurecem a consciência e impedem que se compreenda justamente os homens e a realidade.* (Krupskaia, 19—, p.93, tradução nossa)³³

A educadora afirmava que contos que trazem bons exemplos de caráter são importantes, sem fazer uma exaltação geral do gênero, até porque sabia que alguns contos poderiam adormecer as consciências e eram usados por governos. (Krupskaia, 19—)

Freitas (2009, p.12) na introdução do livro *Escola Comuna*, de Pistrak, aborda a formação do Comissariado Nacional para a Educação – NarKomPros – criado em 1918, que começou a regulamentar a educação a partir de dois documentos: *Deliberação sobre a escola única do trabalho* (30 de setembro de 1918) e *Princípios fundamentais da escola única do trabalho* (16 de outubro de 1918). O Comissariado inicial era composto por Lunacharskiy, Krupskaia, M.N. Pokroskiy, P.N. Lepeshinskiy, L.R. Menzhinskaya e V.M. Pozner, unindo-se posteriormente outros educadores.

Escolas modelos, chamadas de Escolas-Comunas, foram criadas em sistema de internato e até 1925 tinham objetivo de elaborar uma nova pedagogia do ponto de vista prático e uma escola do trabalho. Em 1937, essas escolas foram fechadas por Stálin e integradas ao sistema de ensino. Krupskaya via essas escolas como uma experiência coletiva do magistério que daria as bases para a nova escola socialista. O NarKomPros criou uma Comissão Estatal Científica, subdividida em três seções, para elaborar novos programas para as novas escolas. A Seção Científico-Pedagógica, que era a principal na criação de programas escolares para o 1º e 2º graus, foi presidida por Krupskaia. (Cf. Freitas, 2009, pp.12-14)

³³ Hay cuentos enjundiosos, que reflejan em bellos ejemplos el carácter de la gente, las relaciones humanas, y hay cuentos que oscurecen la conciencia e impiden que se comprenda acertadamente a los hombres y La realidad. (KRUKSPAIA, 19—, p.93)

Freitas (*opus cit*, p.83–85) ainda debate com Snyders, que sugere em seu livro que a primeira geração de educadores comunistas teria sido superada por seus sucessores, ressaltando que boa parte dos que integraram o NarKomPros foram perseguidos por Stálin, presos em campos de trabalhos, isolados da sociedade e outros fuzilados. Nada houve de natural nesse processo e, o que aconteceu foi uma mudança de rumo do governo soviético como a condução stalinista. (*Idem*, p. 83–85)

Preocupada em por fim à exploração infantil, fazia referência a ideia apresentada por Marx de criar uma legislação que protegesse os filhos da exploração dos pais e assegurasse a educação para todos. Reforçou três características que devem ser conjugadas: educação mental, educação física e educação para o trabalho³⁴.

Em todos os textos redigidos por Krupskaja, o trabalho e sua conjugação com a educação são primordiais para a formação do novo sujeito de uma sociedade mais justa, por mais que o trabalho de crianças/adolescentes soe estranho na sociedade contemporânea. Colocou Marx na *Crítica ao Programa de Gotha*:

“Proibição do trabalho infantil”! Aqui, era absolutamente necessário determinar o *limite de idade*.

A *proibição geral* do trabalho infantil é incompatível com a existência da grande indústria e, por essa razão, um desejo vazio e piedoso. A aplicação dessa proibição – se fosse possível – seria reacionária, uma vez que, com uma rígida regulamentação da jornada de trabalho segundo as diferentes faixas etárias e as demais medidas preventivas para a proteção das crianças, a combinação de trabalho produtivo com instrução, desde tenra idade, é um dos mais poderosos meios de transformação da sociedade atual. (MARX, 2012, p.47)

Esse era o significado para Krupskaja da educação junto ao trabalho, não no sentido de uma exploração como ainda acontece na sociedade

³⁴ As características reforçadas por Krupskaja estão, mais uma vez, de acordo com a proposta de Marx para a educação. A educadora adota a definição e remete-se à Marx quando faz essa opção.

capitalista, mas como expressão necessária à formação humana. Marx exigia que se pensassem horas de trabalho de acordo com a faixa etária dos indivíduos pois, somente com o trabalho inserido na educação é que se obtém meios para transformar a sociedade atual. O trabalho orientado ou socialmente útil, como colocou Krupskaja, com a educação formaria o espírito coletivista com o autogoverno escolar.

Em Krupskaja, a palavra “autogoverno” aparece como sinônimo de emancipação e como necessária na formação do jovem não só no ambiente escolar, mesmo que seja um espaço necessário para essa ação, como também em todas as ações da sociedade.

O autogoverno deve proporcionar hábitos para se cumprir juntos, em comum, as tarefas decorrentes da vida. Tem-se falado muito já de que deve ser organizado o autogoverno de modo que todos os meninos, sem exceção, se incorporem em tarefas sociais, sendo responsável por ela diante do coletivo. (Krupskaya, 1869, p.144. Tradução nossa)³⁵

O trabalho é colocado como essência do próprio homem, por isso a educação deve estar associada trabalho no sentido de realização do sujeito. Michel e Krupskaja fazem esse debate, de formas diferenciadas pelo próprio contexto histórico que estavam inseridas.

Em Krupskaja, as propostas de educação se resumem na formação do “homem novo” formado na “escola livre”. O conteúdo ensinado deve ser aplicado à sociedade real, sem dispensar o conhecimento social geral. A escola livre é a mesma para todos, não haverá mais distinção de classes e todos os sujeitos serão trabalhadores.

A escola burguesa, como estava posta em inícios do século XX, mereceu uma análise crítica da educadora, no sentido do seu conteúdo ideológico, que ensinava civismo como sinônimo de defesa da propriedade privada e do regime político existente, deixando bem claro que poderiam

³⁵ El autogobierno debe proporcionar hábitos de saber cumplir de consuno, en común, las tareas que plantee la vida. Se ha hablado mucho ya de que hay que organizar el autogobierno de modo que todos los muchachos, sin excepción, se incorporen a las tareas social siendo responsable por ella ante el colectivo. (Krupskaya, 1869, p.144)

propor programas que até satisfizessem as crianças ocupando o seu tempo, porém sem deixar claro o quanto as envenenam com a moral burguesa que deseja simplesmente manter a ordem estabelecida enquanto desmobilizam processos emancipadores. Porém, há outra educação cívica a se oferecer, uma educação que dá vida aos jovens e que permite a formação do espírito de solidariedade de classe proletária fazendo valer o lema “Proletários de todo o mundo, uni-vos” (Cf. Krúpskaya, s.d.)

Krupskaia tinha em si o espírito de pesquisadora educacional, buscando em teorias e métodos inspirações para suas propostas educacionais. De acordo com Manacorda, o próprio Lenin teria dito à Krupskaia que observasse as experiências estadunidenses após ouvir o relato de emigrante russo sobre o assunto.

É preciso estudar minuciosamente a experiência americana, é preciso fazer nosso tudo aquilo que se conseguiu conquistar nos países capitalistas, avaliá-lo com base no critério da nossa posição marxista e ver o que nos convém e o que não nos convém (LENIN, *apud* MANACORDA, 2002, p.313).

E isso foi feito. Sem desconsiderar qualquer teoria pedagógica, a educadora faz análises do que poderia ser aproveitado sem ferir os princípios marxistas que escolheu seguir. Para além da escola burguesa e de seus parâmetros, fazia-se fundamental a construção de uma escola igual para todos, garantindo o que as escolas das classes dominantes já possuíam: local adequado com higiene, roupa apropriada, boa alimentação e ar puro, com o intuito de fortalecer a saúde e a força das novas gerações, independentemente das condições financeiras de seus pais. (Cf. KRÚPSKAYA, 1986, p.52)

Manacorda (2002, p.313–315) afirma que Lenin e Krupskaia conjugaram educação e trabalho, proposta que já defendiam no final do século XIX, ao interpretarem o pensamento marxista aplicado à educação e que, no início do governo soviético, Krupskaia faz uma aguda análise sobre o discurso de ensino tecnológico dos países capitalistas e da proposta de educação politécnica – profissional universal – destacando aspectos que

muitos não percebiam. Além disso, havia uma preocupação constante em saber se, na prática, a teoria estava funcionando.

Essas reelaborações do pensamento de Marx feitas por Lênin e por Krupskaja, que se concretizaram na instituição de uma “escola única do trabalho”, estavam destinadas a orientar, apesar das dificuldades, todo o desenvolvimento do sistema de instrução na União Soviética e, em seguida, dos demais países socialistas, e a deixar marcas profundas também na reflexão pedagógica e atuação escolástica de outros países. Elas, afinal, nasciam da cepa de uma história comum. (MANACORDA, 2002, p. 315)

A educadora conhecia plenamente as propostas educacionais em voga na Europa do final do século XIX e início do século XX, por isso, citaria nominalmente Pestalozzi, Fröbel e Maria Montessori e suas práticas educacionais. Essa é uma questão ainda a ser melhor analisada na obra de Krupskaja, pois tem proporcionado uma série de mal entendidos. Ao indicar que não desejava repetir os parâmetros burgueses a apropriação de autores que não possuíam como foco central em sua ação as propostas marxistas, possível emprego dessas teorias deve ser contextualizado.

Não esperava a revolucionária abrir mão de valores que lhes eram tão caros vinculados a formação de um sujeito coletivo, consciente de seu papel no mundo e apto para agir em uma nova sociedade em formação. A ideia era oferecer métodos de trabalhos diferenciados, era oferecer ao trabalhador algo que até então era acesso restrito de uma pequena elite russa. Havia um significado naquele contexto histórico que envolvia um processo de socialização de métodos sem esquecer as propostas práticas vinculadas ao socialismo. Uma citação um pouco longa, mas esclarecedora, do artigo “Contribuição ao tema da escola socialista” de 1918, pode auxiliar nesse sentido:

Como deve ser a escola para estar em condições de formar tais indivíduos? Em primeiro lugar, a escola deve fazer todo o possível para robustecer a saúde e as forças da jovem geração: deve garantir às crianças uma alimentação adequada um sono tranquilo, uma roupa cômoda e acolhedora, a higiene do corpo, o ar puro e fresco, suficiente quantidade de movimentos. As classes dominantes lhes asseguram

tudo isso aos seus filhos, mas faz falta que o mesmo lhe seja garantido a todos as crianças, sem distinção da condição patrimonial de seus pais. No verão a escola deve transportar-se ao campo. A escola deve favorecer e desenvolver desde a infância mais tenra os sentidos externos: a visão, os ouvidos, o tato, etc, posto que são órgãos mediante os quais o homem conhece o mundo exterior. Da sua agudeza, perfeição e desenvolvimento dependem a força e a diversidade das percepções. Os pedagogos, especialmente Fröbel³⁶ vem assinalando já desde muito que é necessário desde a idade mais tenra oferecer às crianças uma quantidade suficiente de impressões auditivas, visuais, musculares etc., sistematizá-las, dar à criança a oportunidade de exercitar-se constantemente seus sentidos externos. A criança tende desde muito cedo observar. Deve-se ensinar a fazê-lo. O sistema de brinquedos de Montessori³⁷ está orientado precisamente a acostumar – não com palavras, mas com diversos brinquedos – aos meninos menores a observar e a exercitar seus sentidos externos. Também desde muito cedo tende a criança a exteriorizar dos modos mais variados as impressões percebidas: com movimento, palavra e mímica. A que dar-lhe a oportunidade de ampliar a esfera de manifestação das imagens que se lhes formam. Há que entregar-lhe material – argila para modelar, lápis e papel, todo tipo de material para construções, etc –, ensinar-lhe a manusear esses materiais. A expressão material das imagens formadas serve de meio perfeito para comprovar e enriquecê-las. É indispensável estimular por todos os meios a criatividade infantil, qualquer que seja sua forma de expressão. A arte e a língua constituem um potente instrumento de aproximação entre os indivíduos, um meio de entender-se a si mesmo e aos demais.

³⁶ Nota de Krupskaja (NK): Fröbel, Friedrich (1782–1852): pedagogo alemão, seguidor de Pestalozzi; criador de um sistema original de educação pré-escolar, que teve grande difusão na segunda metade do século XIX. Seu sistema pedagógico tem vários aspectos negativos, em particular propunha uma regulamentação excessiva da atividade da criança, reprimindo assim, sua iniciativa.

³⁷ NK: Montessori, Maria (1870–1952): médica e pedagoga italiana. Consagrou muita atenção à criação de um sistema de desenvolvimento dos órgãos do sentido e dos movimentos coordenados nas crianças de idade pré-escolar e escolares de graus primários. Os critérios pedagógicos são uma variedade das ideias sobre a educação livre, as quais em sua época exerceram certa influência na luta contra o adestramento e dogmatismo na prática da educação.

A maioria da população tem em casa um ambiente que não contribui ao desenvolvimento dos sentidos externos da criança e a criatividade infantil. Por isso faz falta uma quantidade de jardins da infância que acolham a todas as crianças. Tais jardins devem organizar-se de modo que deixem espaço para individualidade da criança, não podem ser quartéis para bebês. A quem obrigam a desfilar ao tocar o sino, a movimentar-se por indicação da professora, “fazer brincadeiras”, como o expressara uma trabalhadora francesa respondendo a pergunta sobre o que estava ensinando às crianças na creche. Baseado no regime burguês os jardins infantis para filhos de trabalhadores reduzem-se amiúde em quartéis, os quais não correspondem ao regime socialista. (KRUPSKAYA, 1986, p. 52 e 53.)³⁸

³⁸ Cómo debe ser la escuela para estar en condiciones de formar tales individuos? En primer lugar, la escuela debe hacer todo lo posible para robustecer la salud y las fuerzas de la joven generación: debe garantizar a los niños una alimentación adecuada, un sueño sano, una ropa cómoda y abrigadora, la higiene del cuerpo, el aire puro y fresco, suficiente cantidad de movimientos. Las clases dominantes les aseguran todo esto a sus niños, pero hace falta que lo mismo les sea garantizado a todos los niños, sin distinción de la condición patrimonial de sus padres. En verano la escuela debe trasladarse al campo. La escuela debe fortalecer y desarrollar desde la infancia más temprana los sentidos externos: la vista, el oído, etc. puesto que son órganos mediante los cuales el hombre conoce el mundo exterior. De su agudeza, perfección y desarrollo dependen la fuerza y diversidad de las percepciones. Los pedagogos, especialmente Fröbel vienen señalando ya hace mucho que es necesario desde la edad más temprana ofrecer a los niños una cantidad suficiente de impresiones auditivas, visuales, musculares, etc. sistematizarlas, dar al niño la oportunidad de ejercitar constantemente sus sentidos externos. El niño tiende muy temprano a observar. Se le debe enseñar a hacerlo. El sistema de juguetes de Montessori está orientado precisamente a acostumbrar – no con palabras, sino con un surtido de juguetes – a los niños más pequeños a observar y a ejercitar sus sentidos externos. También desde muy temprano tiende el niño a exteriorizar de los modos más variados las impresiones percibidas; con movimientos, palabras y mímica. Hay de darle la oportunidad que se le forman. Hay que entregarle material – arcilla para modelado, lápices y papel, todo tipo de material para construcciones, etc –, enseñarle a manejar estos materiales. La expresión material de las imágenes formadas sirve de medio perfecto para comprobar y enriquecerlas. Es indispensable estimular por todos los medios la creatividad infantil, cualquiera que sea su forma de expresión. El arte y lengua constituyen un potente instrumento de acercamiento entre los individuos, un medio de entenderse a sí mismo y a los demás.

La mayoría de la población tiene en casa un ambiente que no contribuye a desarrollar los sentidos externos del niño y la creatividad infantil. Por eso hace falta una cantidad de jar-

Krupskaia, ao pensar o desenvolvimento integral do ser humano, conjugou a proposta socialista com o desenvolvimento de sentidos pela percepção, estudado, também, pelos precursores do escolanovismo. Assim, a criatividade infantil deveria ser estimulada com vários materiais, mas alerta que as emoções das crianças não deveriam estar muito estimuladas a todo o momento. Eis aí a questão principal: de oferecer a todos o que as classes dominantes já possuíam, sem se distanciar do coletivismo, do trabalho e da emancipação.

Ela tinha claro em seu pensamento o distanciamento necessário das práticas burguesas em termos de não formar um sistema que “mais lembrava um quartel para bebê”. No sentido de uma formatação das crianças. O que desejava era usar o aspecto que considerava positivo do desenvolvimento perceptivo das crianças, como a interação com o ambiente em que se encontram.

Além disso, escola deveria ser um lugar acolhedor, limpo, com ar puro e fresco, com crianças usando roupas cômodas e apropriadas aos movimentos necessários para o bom desenvolvimento de todos os sentidos das crianças. No verão, o campo seria um bom local para a aprendizagem. Materiais didáticos como lápis, papel, argila devem ser usados para estimular a criatividade desde o jardim da infância, com brincadeiras sem repressões que tolhem a criatividade e o desenvolvimento.

Nos anos 1920, encontram-se textos de Krupskaia que colocavam o aluno como sujeito ativo do processo educacional, como também aparece no escolanovismo, afirmando em 1926, no texto já citado “Contribuição ao problema do trabalho socialmente útil da escola”:

dines de la infância que den cabida a todos los niños. Dichos jardines deben organizarse de modo que dejen espacio para la individualidad de cada niño, no pueden ser cuarteles para bebés, a quienes obligan a desfilarse al tocar el timbre, a moverse por indicación de la maestra, a ‘hacer monadas’, como lo expresara una obrera francesa respondiendo a la pregunta de qué estaban enseñando a los niños en la guardería. Bajo el régimen burgués, los jardines infantiles para hijos de obreros degeneran a menudo en semejantes cuarteles, los cuales no corresponden en el régimen socialista. (KRUPSKAYA, 1986, p. 52 e 53)

Levar em conta suas forças e habilidades, saber fazer um trabalho junto com os outros: tem aí a tarefa de frente para as crianças. Em tal caso deve dar-lhes a oportunidade de resolver as questões por conta própria, não importa se elas se equivoquem e ajudá-los com seus erros. Ali é onde um professor entrega às crianças tarefas sociais para uma semana e, depois, comprova seu cumprimento, se o trabalho está resolvido de maneira incorreta. O professor deve recorrer à iniciativa, ajudar com um conselho, mas não deve ser o protagonista. As crianças, por si, devem buscar soluções para as tarefas e devem aprender a contabilizar os resultados. (KRUPSKAYA, 1986, p.145 tradução nossa)³⁹

Aqui se observa, mais uma vez, elementos do escolanovismo mesclados à sua teoria de trabalho vinculado à educação. Porém, isso não fez de Krupskaja uma adepta do escolanovismo, os princípios comunistas estavam sempre em primeiro lugar mesmo que, em alguns momentos, tivesse conjugado seus princípios com métodos utilizados pela burguesia. Dessa forma, ela se propunha repensar constantemente toda a sua prática e fez sérias revisões em sua forma de trabalho, sem nunca abandonar a concepção marxista.

Como colocou no Prefácio da edição russa do livro *A Escola-Comuna* de Pistrak:

A tarefa de construção da nova escola foi assumida por muitos pedagogos. A maioria sabia apenas uma coisa: que a escola não deveria parecer-se com a antiga, que nela deveria reinar um espírito completamente diferente, que não podia esmagar a personalidade da criança, como foi esmagada pela escola antiga. Os professores, pioneiros da nova escola, começaram seu difícil trabalho. Era preciso abrir uma picada na floresta virgem, trabalhar por sua conta e risco, ob-

³⁹ Tomar en cuenta sus fuerzas y habilidades, saber hacer un trabajo junto com otros: há ahí la tarea que afrontan los muchachos. En tal caso hay que darles la oportunidad de atender dichas cuestiones por cuenta própria, no importa que se equivoquen, y ayudarlos a aprender de los errores. Allí donde un maestro y luego compruebe su cumplimiento, el trabajo está planteado de manera incorrecta. El maestro debe promover la iniciativa, ayudar com un consejo, pero no debe ser el protagonista. Los muchachos mismos deben plantearse las tareas y deben aprender a contabilizar los resultados. (KRUPSKAYA, 1986, p. 145)

servar incansavelmente, buscar, cometer erros e aprender com eles. As condições externas eram extremamente difíceis: miséria material, necessidade de gastar uma quantidade enorme de tempo com trabalhos domésticos e, principalmente, incompreensão total do lado dos mais próximos, até mesmo comunistas. [...]

Recentemente, teve-se que ouvir fortes ataques às escolas experimentais do Commissariado Nacional da Educação, por elas não se conduzirem por um determinado “padrão”, por terem, cada uma, sua fisionomia própria, por não terem programas fortemente estabelecidos. Aqueles que falam isso, claro, não têm a menor compreensão sobre o que é um trabalho experimental. Eles imaginam, provavelmente, que a questão é “pensar” um bom plano, e depois, rígida e firmemente, colocá-lo em prática. O plano, claro, é necessário. Sem ele, seria impossível qualquer tipo de trabalho. No entanto, a questão está em como realizá-lo. É preciso dar os primeiros passos, depois observar atentamente, tatear o campo para os passos futuros, ver com olhos abertos, não fechar os olhos aos erros, corrigí-los no processo de trabalho, criticamente relacionar-se com seu trabalho e o mais importante: observar, observar, observar. (KRUPSKAYA, *in* PISTRÁK, 2009, pp.106–107)

Colocar em prática uma educação comunista era uma experiência completamente nova e ter claro que, na prática, a teoria não se aplica em condições ideais era fundamental. Sabiam que não queriam a escola antiga, repressora, que esmagava a personalidade da criança. Não almejavam a escola antiga que propagava os ideais burgueses que consistiam em subjugar a classe trabalhadora aos interesses gerais dos dominadores.

Marx apresentou alguns preceitos sobre uma educação comunista que deveria ser desenvolvida, mas não deixou livros específicos sobre educação ou propostas metodológicas para desenvolvê-la. O terreno era novo, cheio de pedras que precisavam ser removidas para fazer da terra um espaço fértil, onde se poderia plantar e colher bons frutos.

Krupskaia estava junto a um grupo de pioneiros que não desistiu da educação diante das crescentes dificuldades. Buscou aproximar a escola da vida social, da realidade da URSS, considerando a posição da escola basilar na consolidação de uma sociedade mais justa. Diferente de alguns

pedagogos que abandonaram a educação e outros que seguiram por caminhos que poderiam eliminar a instituição escolar.⁴⁰

A escola deve estar, em seus conteúdos, organizações e métodos, livre da influência do governo assim como da influência da igreja. No estado burguês, a escola é um instrumento de subjugação espiritual e de adestramento das massas; no socialismo a educação deve ressaltar a formação do sujeito em sua plenitude e não os objetivos de uma classe dominante que vê no direcionamento da educação do trabalhador uma forma a mais de controle social.

Em um Estado burguês – seja monarquia ou república –, a escola é instrumento de subjugação espiritual das grandes massas populares. O objetivo da escola, em tal Estado, não está atrelado aos interesses dos alunos, a não ser aos da classe dominante, quer dizer, a burguesia, e os interesses de uns e da outra divergem amiúde de modo asaz substancial.

Por sua parte, o objetivo da escola condiciona toda a sua organização, todo seu modo de vida escolar, todo o conteúdo da instrução e a educação escolar.

Se partirmos dos interesses da burguesia, o objetivo da escola variará segundo a camada da população à qual se destina.

Destina-se às crianças da classe dominante, tem por objetivo preparar indivíduos capazes de desfrutar da vida e de governar. (KRUPSKAIA, 1986, p.49, tradução nossa)⁴¹

⁴⁰ Faz-se referência aqui à discussão de V.N. Shulgin e Pistrak. Shulgin e outros pedagogos se levaram tanto por preceitos burgueses do fazer que subordinaram a educação ao trabalho de fábrica, o que levaria a destruição da escola, eliminando disciplinas, o programa escolar, as turmas, sem horários fixos e colocando o professor como se fosse simplesmente um ajudante. (FREITAS, 2009) Krupskaja nunca se filiou a esse grupo, nem faz qualquer defesa no sentido de eliminar escolas, pois via nas escolas instituições importantes para a construção do sujeito socialista.

⁴¹ En el Estado burgués – sea monarquia o república –, la escuela es instrumento de sojuzgamiento espiritual de las grandes masas populares. El objetivo de la escuela en tal Estado no se atiende a los intereses de los alumnos, sino a los de la clase dominante, es decir, a la burguesía, y los intereses de unos y de la otra divergen a menudo de modo asaz sustancial. Por su parte, el objetivo de la escuela condiciona toda su organización, todo el modo de vida escolar, todo el contenido de la instrucción y educación escolar. Si partimos de los in-

Reconheceu Krupskaja que na sociedade classista, a educação não é a mesma para o filho do operário, para o filho do pequeno-burguês e para o filho dos proprietários. A divisão de classes mantinha-se no ensino, de forma que, ao filho do operário cabe um ensinamento limitado, ao filho do pequeno-burguês um ensinamento para cargos administrativos e burocráticos, enquanto o filho da elite é preparado para desfrutar da vida e para governar. A escola só chegou ao trabalhador de forma extremamente limitada, sendo suficiente para a leitura de instruções, necessária na sociedade que se industrializa, e para inculcar a moral burguesa junto com a consciência de classe, fazendo dos operários, rebanho manso e fácil de governar. Nas palavras da educadora:

No que diz respeito à escola popular, a burguesia tende a tomar completamente em suas mãos a tarefa de educar aos filhos dos proletários, reserva-se a influência exclusiva sobre a jovem geração. A burguesia torna obrigatória essa escola. A escola popular tem sido até tempos recentes escola de estudo. Proporcionava aos seus alunos alguns conhecimentos elementares: é mais fácil governar as massas cultas do que as que não sabem ler o regulamento interno ou uma disposição governamental aos que não sabem assinar seu sobrenome nem fazer o cálculo mais simples. E quanto mais desenvolvido industrialmente seja o país, tanto maior o volume de conhecimentos se requer de um trabalhador ou de um campesino. A escola proporciona tais conhecimentos, mas não é senão um presente de grego, o faz sob a condição de que os alunos assimilem a ideologia burguesa. [...] Na escola cada dia, cada hora e cada minuto o aluno pratica a obediência, o respeito aos mais velhos. A reverência ante a força, ante a riqueza, ante a instrução burguesa que se inculca ao aluno desde a sua mais tenra infância. [...] Em resumo, a tarefa da escola popular é saturar ao alunado de moral burguesa, enervar neles a consciência de classe, fazer deles um rebanho manso fácil de governar. (KRUPSKAYA, 1986, p.50-51. Tradução nossa)⁴²

tereses de la burguesia, el objetivo de la escuela se variará según la capa de la población de la cual se destina. Si se destina a los niños de la clase dominante, tiene por objeto preparar individuos capaces de disfrutar de la vida y de gobernar. (KRUPSKAIA, 1986, p.49)

Dessa forma, pode-se detectar seu posicionamento sobre a educação pública. O Estado deve manter financeiramente as escolas públicas, mas não deve, de maneira alguma, autonomear-se o educador do povo. Ressalta-se o mesmo sentido em Marx novamente, deseja uma escola universal, gratuita e sem interferência da ideologia estatal:

B) “O Partido Operário Alemão exige, como base espiritual e moral do Estado:

1) Educação popular universal e igual sob incumbência do Estado. Escolarização universal obrigatória. Instrução gratuita.”

Educação popular igual? O que se entende por essas palavras? Crê-se que na sociedade atual (e apenas ela está em questão aqui) a educação possa ser *igual* para todas as classes? Ou se exige que as classes altas também devam ser forçadamente reduzidas à módica educação da escola pública, a única compatível com as condições econômicas não só do trabalhador assalariado, mas também do camponês? “Escolarização universal obrigatória. Instrução gratuita.” A primeira existe na Alemanha, a segunda na Suíça [e] nos Estados Unidos, para escolas públicas. Que em alguns estados deste último também sejam “gratuitas” as instituições de ensino “superior” significa apenas, na verdade, que nesses lugares os custos da educação das classes altas são cobertos pelo fundo geral dos impostos. O mesmo vale, diga-se de passagem, para a “assistência jurídica gratuita” exigida no artigo

⁴² Por lo que respecta a la escuela popular, la burguesía tiende a tomar por completo en sus manos la tarea de educar a los hijos de los proletarios, reservarse la influencia exclusiva sobre la joven generación. La burguesía hace obligatoria esta escuela. La escuela popular ha sido hasta tiempos recientes escuela de estudio. Proporcionaba a sus alumnos algunos conocimientos elementales: es más fácil gobernar a las masas cultas que a quienes no saben leer el reglamento interno o una disposición gubernamental, a quienes no saben firmar su apellido ni hacer el cálculo más sencillo. Y cuanto más desarrollo industrialmente sea el país tanto mayor volumen de conocimientos se requiere de un obrero, mas no es sino un regalo griego, lo hace bajo la condición de que los alumnos asimilen la ideología burguesa. (...) En la escuela cada día, cada hora y cada minuto el alumno practica la obediencia, el respeto a los mayores. La reverencia ante la fuerza, ante la riqueza, ante la instrucción burguesa se inculca al alumno desde su más tierna infancia. [...] En resumen, la tarea de la escuela popular es saturar al alumnado de la moral burguesa, enervar en ellos la conciencia de clase, hacerlos un rebaño manso, fácil de gobernar. (KRUPSKAYA, 1986, p.50-51)

5. A justiça criminal é gratuita em toda parte; a justiça civil gira quase exclusivamente em torno de conflitos de propriedade, dizendo respeito, portanto, quase exclusivamente às classes proprietárias. Elas devem mover seus processos à custa do tesouro público?

O parágrafo sobre as escolas devia ao menos ter exigido escolas técnicas (teóricas e práticas) combinadas com a escola pública. Absolutamente condenável é uma “educação popular sob incumbência do Estado”. Uma coisa é estabelecer, por uma lei geral, os recursos das escolas públicas, a qualificação do pessoal docente, os currículos etc. e, como ocorre nos Estados Unidos, controlar a execução dessas prescrições legais por meio de inspetores estatais, outra muito diferente é conferir ao Estado o papel de educador do povo! O governo e a Igreja devem antes ser excluídos de qualquer influência sobre a escola. No Império prussiano-alemão (e não se escapa da questão com o cômodo subterfúgio de que se trata de um “Estado futuro”; já vimos no que este consiste), é o Estado que, ao contrário, necessita receber do povo uma educação muito rigorosa.

Apesar de toda sua estridência democrática, o programa está infestado da credulidade servil no Estado que caracteriza a seita lassalliana, ou, o que não é melhor, da superstição democrática, ou, antes, consiste num arranjo entre esses dois tipos de superstição, ambos igualmente distantes do socialismo. (MARX, 2012, p.44-46)

Krupskaia, em seus escritos sobre educação demonstrou conhecer a importância das fases de desenvolvimento infantil, considerando os aspectos da formação psicológica, sem se esquecer da importância do bem coletivo. É na infância que Krupskaia coloca suas expectativas de formação para o trabalho e para a vida coletiva dentro de uma proposta comunista.

Em 1929, ao realizar um discurso na Conferência dos Delegados e 1ª Assembleia dos Pioneiros da URSS, Krupskaia falou sobre a importância de educar bons ativistas, que deu origem ao texto *Eduquemos bons ativistas* (Cf. KRUPSKAIA, 1986, pp. 157-162). Ao debater sobre a formação dos jovens, apresenta elementos presentes na escola que atrapalhavam o real desenvolvimento de um trabalho emancipado, como o processo de simples repetição. Os alunos devem entender o significado daquilo que

devem cumprir. Somente a compreensão e participação de todos nos trabalhos é que poderia possibilitar um verdadeiro trabalho social conscientizado e autônomo, para depois saber aplicá-lo em sua vida.

Normalmente ocorre assim: dizem que a escola realizou um trabalho socialmente útil. Quando investiga como se realizou, resulta que o diretor da escola deu as crianças uma tarefa que deviam cumprir, mas não as explicou porque e para que. Vocês mesmos dirão se isso ocorre ou não nas suas escolas. Se tem que fazer tal ou qual coisa, é importante que as crianças entendam o que devem fazer e que manifestem sua própria iniciativa. (KRUPSKAIA, 1986, p. 157, tradução nossa)⁴³.

A preocupação nesse sentido era abolir as repetições sem sentido colocadas como ato comum na escola, mas também usada no desenvolvimento das atividades dos pioneiros na Rússia soviética. Somente a compreensão e participação de todos nos trabalhos é que poderia possibilitar um verdadeiro trabalho social.

A formação dos jovens e a importância do trabalho social já haviam aparecido em vários outros textos de Krupskaja que, como educadora sabia da importância de se formar bem a juventude para conseguir uma vida melhor e comunista.

O comunista tem que saber muitas coisas. Em primeiro lugar, deve compreender o que acontece ao seu redor e conhecer o mecanismo do regime existente. Quando começou desenvolver-se o movimento trabalhador na Rússia, os social-democratas se preocuparam, antes de tudo, em distribuir entre as massas folhetos como *Do que vive cada um* e *Jornada de trabalho*, de Dykštajn. Mas é pouco compreender o mecanismo do regime capitalista. O comunista deve estudar as leis do desenvolvimento da sociedade humana. Tem que conhecer a história do desenvolvimento das formas econômicas, o desenvolvimen-

⁴³ A menudo ocurre así: dicen que la escuela há realizado un trabajo socialmente útil. Cuando investigas cómo se realizó, resulta que el director de la escuela dio a los muchachos una tarea que debían cumplir, pero no les explicó por qué y para qué. Ustedes mismos dirán si esto ocurre a menudo o no en sus escuelas. Se da la tarea de hacer tal o cual cosa. Y lo importante y que manifiesten su propia iniciativa. (KRUPSKAIA, 1986, p. 157)

to da propriedade, a divisão de classes e o desenvolvimento das formas de Estado. Deve compreender sua interdependência e saber como surgem concepções religiosas e morais em determinado regime social. Depois de conhecer as leis do desenvolvimento da sociedade humana, o comunista deve ter uma ideia clara da direção em que caminha o desenvolvimento social. Deve conceber o comunismo não só como um regime desejável, onde a felicidade de uns não se edificará sobre a desgraça de outros, tem que compreender que o comunismo é precisamente o regime para o qual marcha inevitavelmente e a humanidade e que os comunistas devem desbravar o caminho para esse regime e contribuir para sua rápida implantação. (KRUPSKAIA, s.d., p. 112 e 113, tradução nossa)⁴⁴.

Na proposta de Krupskaja, aprender e compreender todo o contexto social era a melhor forma de educação, por isso ressaltou a necessidade do conhecimento de toda a história da organização da sociedade do ponto de vista econômico, envolvendo a propriedade, as divisões de classes e formação do Estado, assim como a interferência das concepções religiosas e morais para a perpetuação desse sistema. Além de proporcionar o conhecimento real, evidenciou os benefícios que o comunismo poderia trazer a todos porque, nesse sistema, a *felicidade de uns não se edificará sobre a desgraça de outros*. (Cf. Idem, ibdem)

⁴⁴ El comunista ha de saber muchas cosas. En primer lugar, debe comprender qué ocurre a su alrededor y conocer el mecanismo del régimen existente. Cuando empezó a desarrollarse el movimiento obrero en Rusia, los socialdemócratas se preocuparon, ante todo, de difundir entre las masas folletos como *De qué vive cada cual y Jornada de trabajo*, de Dyksztajn. Pero es poco comprender el mecanismo del régimen capitalista. El comunista debe estudiar las leyes del desenvolvimiento de la sociedad humana. Há de conocer la historia del desarrollo de las formas económicas, del desarrollo de la propiedad, de la división en clases y del desarrollo de las formas del Estado. Debe comprender su interdependencia y saber cómo surgen las concepciones religiosas y morales en determinado régimen social. Después de conocer las leyes del desenvolvimiento de la sociedad humana, el comunista debe tener una idea clara de hacia dónde se encamina el desarrollo social. Debe concebir el comunismo no sólo como un régimen deseable, donde la felicidad de unos no se edificará sobre la desgracia de otros, há de comprender también que el comunismo es precisamente el régimen hacia el cual marcha inevitablemente la humanidad y que los comunistas deben desbrozar el camino a este régimen y contribuir a su rápida implantación. . (KRUPSKAIA, s.d., p. 112 e 113)

Krupskaia, no texto “Teoria e Prática”, de 1931, declara estar consciente que na escola pré-revolucionária, a teoria e a prática estavam apartadas. Na escola soviética a teoria seria o guia de ação, por isso novos métodos que possibilitassem o desenvolvimento da prática operária deveriam ser trabalhados. A criação de uma escola politécnica, como imaginava Marx, Engels e Lenin, permitiria a União Soviética criar seu próprio caminho. (Cf. KRÚPSKAYA, 1986, p.117)

Assim, Krupskaia fez uma observação sobre o problema de se criar uma escola, a qual, na prática, passa a ser desvinculado da teoria, caminho pelo qual seguiu alguns desdobramentos dos escolanovistas que deixaram a teoria de lado em nome da prática pela prática, o que ainda é um tanto polêmico:

[...] A prática começou a fluir bem na vida escolar, razão pela qual surge o problema de unir a teoria com a prática era insignificante, servindo somente como ilustração, hoje surge outro perigo: do enfoque demasiado utilitarista da teoria. Aceitaria-se da teoria somente o que faz falta para a prática de hoje e na escola de hoje. Por essa linha avança a escola norteamericana. (KRÚPSKAIA, 1986, p. 115. Tradução nossa)⁴⁵

A preocupação da revolucionária tinha duplo sentido quando se aborda a relação dialética necessária entre a teoria e a prática. Primeiro a escola era concebida a partir de ensinamentos meramente teóricos, o que distanciava as crianças da aprendizagem e da vida real. Com as concepções de uma escola mais prática, para sarar esses problemas de uma aprendizagem extremamente abstrata, a teoria foi cada vez mais abandonada ou usada de forma simplesmente utilitária nas escolas – nesse caso citando a

⁴⁵ [...] La práctica comenzó a fluir a caudales en la vida de la escuela, razón por la cual surge el problema de conjugar la teoría con la práctica tenía una incidencia insignificante, sirviendo solo para fines ilustrativos, hoy surge otro peligro: él de un enfoque demasiado utilitario de la teoría. Se tomaría de la teoría solo lo que hace falta para la práctica de hoy y en escala de hoy. Por esa línea avanza la escuela norteamericana. (KRÚPSKAIA, 1986, p. 115)

escola estadunidense. A busca estava em conjugar a necessidade da teoria e da prática nos ambientes escolares.

Acredite-se que Krupskaja, por seu pioneirismo em pensar uma proposta educacional comunista, pode ter influenciado outros pensadores que desenvolveram suas próprias teorias, como o psicólogo bielorrusso Lev Semionovitch Vigotski (1896–1934). Teriam Krupskaja e Vigotski alguma relação? Esses dois estudiosos da educação trabalhariam em perspectivas próximas, ainda que distintas? É possível fazer uma aproximação?

Krupskaja e Vigotski foram contemporâneos e estavam ligados por meio da construção do projeto educacional socialista pós-revolucionário. Em entrevista à professora e pesquisadora Zóia Prestes, em 2007, a filha de Vigotski, Guita Iovna Vigodskaia (1925–2010) responde a questão “Ele conhecia a Krupskaja?” da seguinte forma:

Sim, é verdade. Ela trabalhava no Narcompros e Lev Semionovitch dirigia a comissão de SPON. Por isso, Krupskaja falava com ele somente a respeito do trabalho. Até mesmo a irmã de Lev Semionovitch, minha tia, contou que ele se gabava diante dela; “Sabe com que eu estive hoje?” Eram relações de trabalho, não tinham relação pessoal. Ele era subordinado a ela. (PRESTES, 2010, p.257).

Krupskaja e Vigotski trabalharam juntos em alguns projetos do NarKomPros, como já é senso comum, e o que transparece pelo trecho citada da entrevista é que Vigotski teria uma admiração pela educadora, uma vez que se gabava para a irmã. Como as relações se davam através do trabalho, admiração deveria advir das ações revolucionárias e educacionais.

Krupskaja figura como uma das precursoras da educação comunista e, já no final do século XIX, relacionava o materialismo histórico às questões educacionais para construir uma nova forma de educação. A aplicação do materialismo histórico à educação também foi base para a construção das “Escolas-Comunas”, ou “Escola Única do Trabalho”, do NarKomPros e suas deliberações, mas ela já trabalhava essa aplicação mesmo antes da Revolução de Outubro.

Para a educadora, a interação com o meio também é fundamental para o processo educacional, mais do que as questões biológicas, o que envolvia também toda a preocupação já abordada entre a teoria e a prática. Krupskaja colocava importância da linguagem e da arte como instrumento de desenvolvimento da inteligência:

A expressão material das imagens formadas serve de meio perfeito para comprovar e enriquecê-las. É indispensável estimular por todos os meios a criatividade infantil, qualquer que seja sua forma de expressão. A arte e a língua constituem um potente instrumento de aproximação entre os indivíduos, um meio de entender-se a si mesmo e aos demais.

[...] Quando a criança aprende a exteriorizar seus pensamentos ou sentimentos começa a interessar-se pela manifestação dos pensamentos e sentimentos de outros. Nesta fase de desenvolvimento (de sete a doze anos de idade aproximadamente, ainda que sejam grandes as variações individuais), o mais interessante para a criança é a outra pessoa. Em tal período é forte em especial a imitação, que frequentemente não é senão uma forma singular de criação: metamorfoses de pensamentos e sentimentos alheios. É um período em que nas crianças começam a desenvolver-se com singular força os instintos sociais e sua atenção se centraliza na vida e as reflexões humanas. A escola é chamada a fixar e aprofundar os instintos sociais despertados na criança, a ensinar-lhe que a convivência humana se assenta no trabalho demonstrar-lhe a alegria de um trabalho produtivo, criador, a fazê-lo sentir-se parte da comunidade, membro útil da mesma. (KRUPSKAJA, 1986, p.53 e 54. Tradução nossa)⁴⁶

⁴⁶ La expresión material de las imágenes formadas sirve de medio perfecto para comprobar y enriquecerlas. Es indispensable estimular por todos los medios la creatividad infantil, cualquiera que sea su forma de expresión. El arte y la lengua constituyen un potente instrumento de acercamiento entre los individuos, un medio de entenderse a sí mismo y a los demás. [...] Cuando el niño aprende exteriorizar sus pensamientos o sentimientos, comienza a interesarse por la manifestación de los pensamientos y sentimientos de otros. En esta fase de desarrollo (de 7 a 12 años de edad, aproximadamente, aun cuando puedan ser grandes las variaciones individuales), lo más interesante para el niño es otra persona. En dicho período es fuerte en especial la imitación, que a menudo no es sino una forma singular de reacción: metamorfosis de pensamientos y sentimientos ajenos. Es un período en que en el comiencen a desarrollarse con singular fuerza los intintos sociales y su atención se centra en la

A língua e a arte para Krupskaja funcionam como essa expressão material, além de serem instrumentos necessários para se relacionar com o meio e relacionar-se com outros sujeitos, ou seja, inserir-se na sociedade. A língua permite a exteriorização dos pensamentos e dos sentimentos, bem como a relação com os pensamentos e sentimentos do outro. O texto da educadora data de 1918 e coloca a linguagem como ferramenta fundamental de interação com a sociedade/comunidade. Importante lembrar que essa linguagem é colocada como expressão geral e não se restringe à fala.

O processo de aprendizagem da criança passa pela imitação, o convívio com o outro, o contato com a cultura permite desenvolver características essencialmente humanas. O desenvolvimento da inteligência acontece com o domínio de instrumentos sociais que temos acesso pelo convívio social.

O conviver em sociedade traz aprendizados, desde os mais simples a partir do nascimento do sujeito, como práticas que vão sendo interiorizados por imitação, por exemplo, até as práticas intelectuais mais complexas quando já são apropriados da linguagem e dos conceitos.

Ao se apropriar dos sistemas culturais já desenvolvidos pela sociedade está-se em constante processo de aprendizagem, isso porque esses sistemas culturais não são estáticos ou estão prontos e acabados. A aprendizagem é vista por Krupskaja como um processo não finito. A aprendizagem infantil é feita, normalmente, com intervenção de adulto – educador – que é mais experiente e por isso consegue planejar e desenvolver esse planejamento com a intenção de educar. Isso não significa que a criança seja um simples receptor de conteúdos ou ações, ao contrário, a criança deve participar ativamente do processo educacional.

vida y las relaciones humanas. La escuela esta llamada a fijar y profundizar los instintos sociales despertados en el niño, a enseñarles que la convivencia humana se asienta en el trabajo, a demostrarle la alegría de un trabajo productivo creador, a hacerle sentirse parte de la comunidad, miembro útil de la misma. . (KRUPSKAIA, 1986, p.53 e 54)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Krupskaia viveu entre 1869 e 1939, dedicando-se a uma vida de militância. Seu pensamento revolucionário e educacional apresenta-se como contra-hegemônico, posicionando-se contra o capitalismo e suas desigualdades, pensando e agindo em favor de uma sociedade mais justa. Depois de décadas ainda estamos no mesmo sistema econômico que continua a reproduzir privilégios para as classes mais altas, enquanto as classes baixas não têm seus direitos básicos garantidos por leis atendidos.

A compreensão da formação da sociedade em sistema de privilégios, que permite, ainda, um grupo restrito ao acesso à educação de qualidade deve ser discutida, para além de um discurso meritocrático. E é aqui que as colocações de Krupskaia podem embasar uma discussão atual.

Trabalhar com biografia sob a perspectiva do materialismo histórico é sempre um desafio quando se busca conjugar as ações de um sujeito com o contexto histórico no qual está imerso e confrontar as ideias da biografada com a realidade que impõe barreiras à execução plena de seus anseios. O fato de não ter espaço para a realização plena de suas pretensões, não fez Krupskaia desistir de lutar com as armas que possuía.

As mulheres têm conquistado espaço na história. Cada vez mais biografias e trabalhos historiográficos fazem jus à participação de mulher nos eventos históricos. Porém, a abordagem histórica não dá a mesma visibilidade à mulher como acontece ao homem, mesmo que tenham realizado participações no mesmo nível de militância. Por isso, sentiu-se a necessidade de trabalhar com este expoente feminino.

Diante das perguntas iniciais que motivaram a pesquisa, acredita-se que foi possível responder quem foi Nadezhda Krupskaia. Enquanto se fez o estudo histórico-biográfico, contemplou-se a contribuição da educadora em seu contexto histórico, evidenciada pelo papel de destaque que teve e por toda uma vida dedicada aos seus ideais trabalhando para colocá-los em prática. Voltada para a construção de uma sociedade mais justa, não excludente, rompeu as barreiras dos preconceitos comuns que mulhe-

res enfrentavam, inserindo-se no mundo político e, competentemente, se destacando.

Em relação ao pensamento educacional, outra pergunta que motivou este trabalho, afirma-se que Krupaskaia defendeu a educação plena e igual para todos os sujeitos como direto fundamental de qualquer cidadão. O ensino que propagou era mais que progressista, era definitivamente revolucionário, tanto durante sua vida, como ainda hoje. Conceitos fundamentais que defenderam na educação ainda na atualidade não foram contemplados e perpassam por trabalhos que buscam a educação integral de todos. Por isso, pôde ser revisitado com uma discussão contemporânea.

Na memória russa, que foi possível ter acesso por publicações da antiga URSS que se espalhavam em diversas línguas pelo mundo, Krupaskaia é vista como a primeira educadora marxista. Ela pensa em métodos educacionais, estabelece diálogo com outros educadores que foram seus contemporâneos e busca aplicá-los em uma experiência inovadora de construir uma educação dentro da organização de uma sociedade pautada no socialismo. Aliás, a divulgação das ideias comunistas também fez parte de sua vida.

A dedicação de Krupaskaia à educação não minimiza sua importância enquanto militante. Sua conexão com os trabalhadores, seu trabalho em periódicos, seu ativismo na tentativa de construção de uma sociedade justa precisa ser ressaltado. Objetivava a formação do sujeito emancipado, que pense por si mesmo e que busque uma sociedade coletivista e solidária.

A pesquisa sobre Nadezhda Krupaskaia aconteceu através de fontes primárias com os textos produzidos por Krupaskaia, principalmente textos educacionais, além de dois livros que ela produziu sobre suas lembranças da vida que teve com Lenin.

Em suas lembranças da vida com Lenin, ela coloca-se como coadjuvante, enfocando os posicionamentos de seu companheiro e raramente citando seus próprios posicionamentos e pensamentos. Uma única biografia da revolucionária foi usada como fonte secundária, na França tomou-se ciência de outra biografia, que infelizmente não pode ser utilizada, pois

estava em alemão. Citações sobre ações de Krupskaja foram encontradas em outros livros vinculados aos revolucionários russos, além de figurar em biografias sobre Lenin ou breves indicações em livros que tratam da Revolução Russa. Na maior parte é tratada como figura sem expressão e é comum encontrar seu nome seguido de “esposa de Lenin”.

Buscou-se contato com arquivos na Rússia, para uma pesquisa iconográfica sobre Krupskaja, porque mais uma vez o idioma restringia o acesso aos documentos. Os e-mails direcionados aos arquivos não foram respondidos, mesmo reenviados de tempos em tempos. Na Rússia não se permitiu qualquer acesso sem prévia autorização.

As fontes primárias vinculadas aos escritos sobre educação, por sua vez, consentiram uma análise mais detalhada de sua postura educacional, de sua luta pela educação, abordando aspectos direcionados nas mudanças necessárias no ensino. A ação militante de Krupskaja não deve ser ignorada, pois trabalhou com afinco para a construção do movimento revolucionário que desembocou na Revolução de Outubro.

Não se pode dizer que a pesquisa esgotou os objetos de estudo, longe disso. Cada fase da vida de Krupskaja pode resultar em uma nova pesquisa, com aprofundamentos importantes que se tornaram limitados neste trabalho. A proposta é que outras pessoas se interessem pela biografia e busquem novas possibilidades de estudos, em setores importantes de suas ações, guardando fôlego para cada um desses momentos. A proposta aqui realmente foi de um estudo mais generalizado e esse trabalho geral demonstra as possibilidades a serem exploradas.

Ao trabalhar com Krupskaja, no decorrer do processo ela foi surpreendendo, principalmente pela coerência entre o que divulgou sobre seus pensamentos, suas propostas e o que praticou em vida. Seu posicionamento revolucionário envolvia o conteúdo e conhecimento que prepare para vida. Ninguém consegue realmente traçar mudanças para a sociedade se não compreender seu funcionamento, suas relações de poder e suas desigualdades e injustiças, vendo-se como sujeito capaz de transformação, fugindo da conformação que lhe proposta como ordem natural.

Uma educação *onminilateral* que envolva também o corpo e o trabalho como parte fundamental da realização do sujeito. Essa concepção de Nadezhda Krupskaja ainda é uma busca travada por educadores que colocam o sujeito acima de qualquer lucro, sistema econômico, proposta política e bens materiais.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
- BEBEL, August. *La mujer y el socialismo*. Madrid: Akal, 1977.
- _____. (et. al). *Textos marxistas-leninistas-maoístas sobre a questão da mulher*. Edições Sara Vermelha, 1999.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOBROVSKAIA, Tsetsiliia S. *Nadezhda Krúpenskaya: 1869–1939*. Moscú: Editorial Progreso, 1940.
- BOLSANELLO, Elio. *Breve história ilustrada de Lênin*. São Paulo: Centro Cultural Manoel Lisboa, 2012.
- CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.
- CARDOSO, C. F., BRIGNOLI, H. P. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- CARRÈRE d'ENCAUSSE, Hélène. *L'URSS de la Révolution à la mort de Staline: 1917–1953*. Paris: Éditions Points, 1993.
- COÊLHO, Plínio A. (org). *HISTÓRIA do anarquismo*. São Paulo: Faísca: Imaginário, 2008.
- DOLLÉANS, Édouardo. *Histoire du mouvement ouvrier*. Paris: Librairie Armand Colin, 1953. (Préface de Lucien Febvre). Volumes: 1830–1871 e 1871–1920.
- DUCANGE, J-N; MAZAUIC, Claude. “Marxisme”. In: GAUVARD, Claude (dir.) *Dictionnaire de l'historien*. Paris: PUF, 2015.
- DUCRET, Diane. *Femmes de dictateur*. Paris: Perrin, 2011.
- ENGELS, F. “Introdução de Friedrich Engels à educação de 1891.” In: MARX, K. *A guerra civil em França*. Lisboa-Moscovo: Avante – Edições Progresso, 1984.

- _____. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Escala, 2006.
- FERRO, Marc. *A revolução russa de 1917*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. *A História Vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FRÖEBEL, F. A. *A educação do homem*. Passo Fundo – RS: UFP, 2001. (Tradução Maria Helena C. Bastos).
- FONTANA, J. *A história dos homens*. Bauru. SP: Edusc, 2004.
- FREITAS, L C de. A luta por uma pedagogia do meio. In: PISTRÁK, M. M. *A Escola–Comuna*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- GRANDJONC, Jacques. «Qualques dates à propos des termes communiste et communisme». In: *Mots*, outubro 1983, N°7. Cadrage des sujets et dérive des mots dans l'enchaînement de l'énoncé. pp. 143–148.
- GONZÁLEZ, Horácio. *A Comuna de Paris: os assaltantes do céu*. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção tudo é história).
- HILL, Christopher. *Lênin e a Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- HOBSBAWM, Eric. *Marxismo e história Social*. Puebla–México: Universidad Autonoma de Puebla, 1983.
- _____. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Ecos da Marselhesa: Dois séculos revêem a Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996(a).
- _____. *Era do Capital – 1848–1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HOUZEL, Rebecca; TRAVERSO, Enzo. “A Revolução Russa, 1917”. In: LÖWY, Michel (org.) *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, 2009. (Tradução Yuri Martins Fontes)

KRÚPSKAYA, Nadezhda. *Acerca de La educacion comunista: artículos y discursos*. Moscú: Ediciones em linguas extranjeras, 19—.

_____. *La educación laboral e la enseñanza*. Moscú: Editorial Progreso, 1986.

_____. *Lenin (Recuerdos)*. Paris: Ediciones Europa–America, s.d.

_____. *Mi vida com Lenin (1893–1917)*. Santiago de Chile: Ediciones Ercila, 1937.

LAPA, J.R.A. *Historiografia brasileira contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981. (A história em questão).

LEFEBVRE, Henri. *Marxismo*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009. (Coleção L&PM Pocket)

LENIN, Vladimir I. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. *Obras escogidas*. Moscú: Progreso, 1961.

LÖWY, Michel (org.) *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, 2009. (Tradução Yuri Martins Fontes)

_____. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. SP: Cortez, 2000.

LOMBARDI, José Claudinei. Reflexões sobre educação e ensino na obra de Marx e Engels / Campinas, SP: [s.n.], 2010. Tese (livre docência) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

LOSURDO, Domenico. O significado histórico da Revolução de Outubro. *Crítica Marxista*, n. 4, p. 67–88, 1997.

MANACORDA, M. A. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez, 2002.

MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach*. Lisboa–Moscovo: Avante – Edições Progresso: 1982. The Marxist Internet Archive. (Versão online disponível em <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>> Acesso em 10/08/2014.)

_____. *A guerra civil em França*. Lisboa–Moscou: Avante – Edições Progresso: 1984.

_____. *O capital: crítica da economia política*. 3ªed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os economistas)

_____. *O capital: crítica da economia política*. Livro I: tomo I e II. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007.

_____. *Crítica do Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012. (Coleção Marx–Engels)

_____. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. *O dezoito Brumário de Luis Bonaparte*. Brasil: ebooksbrasil, 2000. (Versão para ebook por Néelson Jahr Garcia)

MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____.; _____. *Textos sobre educação e ensino*. Campinas – SP: Navegando, 2011.

_____.; _____. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Martin Claret, 2014. (Trad. Luciano C. Martorano)

MAITRON, Jean (dir.) *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*. Deuxième partie: 1864–1871. La première Internationale et la Commune. Tome VI et VII. Paris: Les éditions ouvrières, 1970.

MILL, John Stuart. *A sujeição das mulheres*. São Paulo: Escala, 2006.

MONTEFIORE, Simon Sebag. *O jovem Stálin*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NETTO, José Paulo. Relendo a teoria marxista da história. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J.C. E SANFELICE, J.L. (orgs.). *História e história da educação: o debate teórico metodológico atual*. Campinas – SP: Autores Associados: Histedbr, 1998. (Coleção Educação Contemporânea).

_____. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.
- PIPES, Richard. *História concisa da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008
- PISTRAK, Moisey M. (org.) *A escola-comuna*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- PROUDHON, P.J. *Do princípio do federalismo*. São Paulo: Imaginário, 2001.
- PRESTES, Zoia Ribeiro. *Quando não é quase a mesma coisa: Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil*. Repercussões no campo educacional. Brasília, DF: Universidade Brasília – Faculdade de Educação, 2010. (Tese de doutorado).
- RAPPAPORT, Helen. *Os últimos dias dos Romanov*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. São Paulo: Unesp, 2003. (Coleção revoluções do século XX – direção Emília Vioti da Costa).
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- ROWBOTHAM, Sheila. *A conscientização da mulher no mundo do homem*. Porto Alegre, RS: Globo, 1983.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.
- SANFELICE, J.L. Perspectivas atuais da história da educação. In: SCHELBAUER, A.R.; LMBARDI, J.C.; MACHADO, M.C.G. (orgs.). *Educação em debate: perspectivas, abordagens e historiografia*. Campinas – SP: Autores Associados, 2006. (Coleção memória da educação)
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Campinas – SP: Autores Associados, 2005. (Coleção polêmicas do nosso tempo)

SAVIANI, Nereide. *Concepção socialista de educação: A contribuição de Nadedja Krupskaya*. In: Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 28–37, abr2011 – ISSN: 1676–2584.

SCHNEIDER, Graziela (org.). *A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas, panfletos, ensaios*. São Paulo: Boitempo, 2017.

SERGE, Victor. *O ano I da Revolução russa*. São Paulo: Ensaio, 1993.

SILVA, Benedicto (coord. Geral) *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.

TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. São Paulo: Faísca, 2007.

TOLSTOÏ, Léon. *L'école de Yasnaïa Poliana*. Paris: Albert Savine éditeur, 1888.

TOUATI, Mahamed Fayçal; DUCANGE, Jean-Numa. *Marx, l'histoire et les révolutions*. Paris: La ville brûle, 2010.

WILSON, Edmund. *Rumo à estação Finlândia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WOLIKOW, Serge (dir.). *Ecrire des vies*. Biographie et mouvement ouvrier, XIXe – Xxe siècles.

Sites consultados

www.marxist.org

SOBRE A AUTORA

Samantha Lodi

Doutora em Educação na UNICAMP, na área História da Educação, bolsista CAPES com Bolsa Sanduíche na Université de Rouen – França (julho 2014 – junho 2015) Possui mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2009), na área História, Filosofia e Educação, graduação em Comunicação Social pela Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’ Unesp (2002) e licenciatura em História (2012). Professora das Faculdades Integradas Maria Imaculada nos cursos de Pedagogia, licenciatura em História e pós-graduação em História Social.

Título Nadezhda Krupskaja: uma estrela vermelha
Autora Samantha Lodi Corrêa
Revisão Giulianna Duarte Degane - Lurdes Lucena
Páginas 115
Formato A5
1ª Edição Fevereiro de 2018

Navegando Publicações
CNPJ – 18274393000197



www.editoranavegando.com
editoranavegando@gmail.com
Uberlândia – MG
Brasil

Da beleza da juventude aos traços demudados de sua maturidade, diversas interpretações abordam a vida da camarada “Nadia”, sempre pronta para um debate. A força de uma mulher que viveu anos no exílio, indo de um país ao outro, depois de permanecer na Sibéria por ordem do czar. Condenada por suas publicações que instruíam a classe operária russa, principalmente a mulher, e por acreditar que uma revolução de trabalhadores seria possível. E foi. Uma existência de ação e de conscientização, de publicação de folhetos, de pseudônimo, de congressos, de divulgação de ideais que em prática levariam a uma sociedade igualitária e, principalmente, uma existência de um não se cansar, não se abater. Acusada de viver à sombra de seu marido, chega a ser tachada de submissa, tinha concepções de igualdade e de liberdade que transcendiam o senso comum da época, por isso, às vezes, foi tão incompreendida. Comunista por convicção, ela foi uma estrela, por isso teve luz própria, ao lado de outras estrelas que, nesse contexto, também brilharam.